

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**

Erick Dau

A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo.
Ideologia e opressão da mulher.

Rio de Janeiro

2014

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo.
Ideologia e opressão da mulher.

ERICK DAU

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de Mídias e Mediações Socioculturais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Janice Caiafa

Coorientador: Prof. Eduardo Granja Coutinho

Rio de Janeiro

2014

Dau, Erick

A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo midiaticado. Ideologia e opressão da mulher / Erick Dau. Rio de Janeiro: UFRJ / Escola de Comunicação, 2014.

134 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Caiafa

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

1. Pornografia. 2. Internet. 3. Ideologia. 4. Capitalismo. I. Caiafa, Janice. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

Erick Dau

A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo.
Ideologia e opressão da mulher.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de Mídias e Mediações Socioculturais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 07 de abril de 2014

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Coutinho - Coorientador
Doutor em Comunicação, ECO-UFRJ

Prof. Dr. Mohammed ElHajji
Doutor em Comunicação, ECO-UFRJ

Prof. Dr. Roberto Leher
Doutor em Educação, USP

Para Beatriz.

Que no seu quando, tudo isso perca sentido.

Agradecimentos

Haveria de haver outra forma de listar as coisas que não listando-as. Convencionou, este mundo, que aquilo que vem primeiro, vem em primeiro. Gostaria de subvertê-lo, fazer do primeiro ao mesmo tempo último, segundo, penúltimo, terceiro, e assim até se darem as mãos os 'mais' e os 'menos' – lógica de um mundo ilógico. Não proponho nada, contudo, além deste breve intróito, que oxalá sirva para embaralhar a mente de quem por ventura estes agradecimentos lê. Quem aqui está – e há muitos que estão sem estar – é um fatorial de importância desigual e combinada. A ordem me impuseram de fora: em suma, que seja repartido, igualmente e entre todos, um enorme, emocionado e sincero muito obrigado. Isto baste, que embora merecido, – triste eu – mais não vos poderia dar.

Janice, pela paciente e comprometida orientação, pela confiança e pela compreensão infinita.

Eduardo Coutinho, amigo e coorientador, pelas longas conversas, preciosas dicas e pelas batalhas travadas e vencidas.

Elizabeth, irmã em todo sentido, por ser de voz mas também de ouvido.

Solange, minha avó, que é dona e soberana de tudo o que há de bom por aqui.

Valéria, que é minha mãe e isso é muito.

Bloquininas (e Fê), instituição quase metafísica de mim, que financia material, espiritual, política e poeticamente tudo o que faço, tudo o que sou.

Camila, pela (des)orientação de últimas horas, mas que será pra todas elas.

Maurício, que veio encher essas bandas de sorrisos, irreverências e muita coragem.

Moha, que será sempre um responsável em minha vida.

Os argentinos que me habitam e a la vez são casa: Gabriela, Hector e vários mais.

Bruno Moreno, pelas iniciativas que são palavras, e pelas palavras que, afinal, não são mais que palavras – mais valor e menos valia.

Sandra, que alimentou, com os melhores sabores, meus dias e minhas noites de escrita.

Luiza, Julio, Isis, Vilaça, Gustavo, Gabriel, Priscila, por sempre terem compreendido a urgência deste momento.

Não me peçam razões, que não as tenho,
Ou darei quantas queiram: bem sabemos
Que razões são palavras, todas nascem
Da mansa hipocrisia que aprendemos.

Não me peçam razões por que se entenda
A força de maré que me enche o peito,
Este estar mal no mundo e nesta lei:
Não fiz a lei e o mundo não aceito.

Não me peçam razões, ou que as desculpe,
Deste modo de amar e destruir:
Quando a noite é de mais é que amanhece
A cor de primavera que há-de vir.

– José Saramago

RESUMO

DAU, Erick Mendonça. **A pornografia hoje: as estratégias do capitalismo através do sexo. Ideologia e opressão da mulher.** Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

A pornografia é parte incontestada da paisagem cultural globalizada do século XXI. Ela está nas telas dos computadores pessoais, nos tablets, nos telefones, mas também nas peças de publicidade espalhadas pelas cidades, à disposição de todos. Seus textos e suas imagens, contudo, não são inertes e trazem mensagens problemáticas para seus espectadores. Compreendendo a amplitude do alcance da pornografia, este trabalho investiga as relações sociais que uma certa porção majoritária da indústria pornográfica engendra em suas representações, com especial atenção àquelas relacionadas ao gênero feminino. Desta forma, o trabalho lança mão de conceitos políticos e históricos para avaliar este poder da mídia pornográfica e sua relação com a evolução do próprio corpo social. Os conceitos de reificação, dispositivo de sexualidade, mitologia e hegemonia, elaborados respectivamente por Marx e Lukács, Foucault, Barthes e Gramsci, além de autores por eles inspirados, são o cerne da análise aqui proposta, que também retira de autores diretamente ligados à pornografia, como Gail Dines e Alan Soble, conceitos fundamentais para a compreensão do tema.

Palavras-chave: Pornografia. Internet. Ideologia. Capitalismo.

ABSTRACT

DAU, Erick Mendonça. **Pornography today: strategies of capitalism through sex. Ideology and oppression of women.** Rio de Janeiro, 2014. Dissertation (Master's Degree in Communications and Culture) – Communication College, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Pornography is undisputed part of the global cultural landscape of the twentieth-first century . It is on the screens of personal computers, on tablets, on phones, but also in advertisement pieces spread all over cities, available to everyone. Its texts and images, however, are not inert and bring problematic messages to its viewers. Understanding the scope of the reach of pornography, this work investigates the social relations that a major portion of the pornography industry generates in its representations, with special attention to those related to the female gender. Thus, the work makes use of political and historical concepts to evaluate this power of pornographic media and its relation to the evolution of the social body. The concepts of reification, dispositif of sexuality, mythology and hegemony, respectively elaborated by Marx and Lukacs, Foucault, Barthes and Gramsci, and authors inspired by them, are the core of the analysis proposed here, which also retrieves from the authors directly linked to porn like Gail Dines and Alan Soble, fundamental concepts for understanding the topic.

Keywords: Pornography. Internet. Ideology. Capitalism.

Sumário

Introdução

1. Pornografia: história e teoria

1.1 - O que é a pornografia

1.2 - Uma nova definição

1.3 - Por que estudá-la?

1.4 - O que há de novo?

2. Pornografia e reificação

2.1 – Conceito de reificação no pensamento Marxista

2.2 – Pornografia e relações sociais reificadas

3. Pornografia e hegemonia

3.1 - Discurso pornográfico e dispositivo de sexualidade

3.2 - Pornografia como discurso mitológico

3.3 - Dimensão hegemônica da pornografia

4. Notas sobre a mídia pornográfica

4.1 - Backroom Casting Couch

4.2 - Mofos

Considerações Finais

Bibliografia

Filmografia

Introdução

Neste exato momento, milhões de pessoas ao redor de todo o mundo estão, em suas casas, em seus trabalhos, em *lan-houses*, através das televisões, *tablets* ou telefones, acessando algumas das cerca de 25 milhões de páginas da internet dedicadas à pornografia. É, sem dúvidas, um número bastante impressionante. Mas, por trás da superficialidade quantitativa das estatísticas, revela-se uma série de questões qualitativamente superiores e, profundamente relacionadas ao devir social da civilização contemporânea.

A sexualidade, tema central e inequívoco da pornografia, é uma área do conhecimento e da práxis social – um caractere político, econômico, cultural etc. – efervescente e em constante processo de modificação desde tempos imemoriáveis. O estudo de sua história aponta para civilizações pré-históricas, onde o corpo e suas características sexuais parecem ser valorizados como símbolo da fertilidade. Hoje, os significados da sexualidade assumem múltiplas faces, que dizem respeito a comportamentos, ao mercado, à cultura, à moda. Está circunscrita a questões morais, éticas, políticas, econômicas, sociais. Não é exagero, de fato, dizer que o sexo está presente em todas as esferas da vida no século XXI.

Esta evolução, cada vez mais intensa na contemporaneidade, apresenta contradições dignas de nota. A sexualidade, conquanto presente em todos os momentos da sociedade, não é compreendida, sequer de maneira satisfatória, pelo corpus social. Ao contrário, embora muito divulgada, propagada, estimulada e alardeada, apesar de atravessar a totalidade da estrutura social, não é acompanhada por algum desenvolvimento teórico-científico, um esforço intelectual de tornar inteligível não só o objeto 'sexualidade' mas também seu longo e intenso processo. Como consequência deste distanciamento entre objeto e essência, surge inevitavelmente uma relação espontaneísta entre os sujeitos e a sexualidade, pautada pela aparência, pelos traços fenomênicos desta.

Estas contradições são especialmente flagrantes no terreno da pornografia – provavelmente a área da sexualidade que mais evolui, qualitativa e quantitativamente. Muito embora a internet apresente quantidades incalculáveis de pornografia, a sua compreensão, enquanto fenômeno característico de uma era e de um determinado momento social, é absolutamente descompassada com este lugar de importância que a

pornografia ocupa. Analisando a superficialidade do tecido social é possível, rapidamente, compreender que a pornografia é uma expressão central da dinâmica da sociedade – basta recorrer aos inúmeros dados estatísticos disponíveis a respeito. Encontrar uma crítica séria e consequente a respeito da pornografia, no entanto, é tarefa bastante mais árdua.

A falta de teorização e crítica sobre a pornografia, longe de ser fruto do acaso, parece ter motivos bastante claros. Explica Carlos Nelson Coutinho, em *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*: "quando o pensamento não tem condições de superar o imediatismo e o espontaneísmo, não pode superar a descrição da forma aparente e alcançar a reprodução da essência. Converte então essa forma aparente em fetiche, ao conceder-lhe uma autonomia e universalidade que não possui". (COUTINHO, 2010; p.38) Esta é, aliás, segundo Marx, a base do pensamento *ideológico*. (IDEM) Relega-se, assim, a possibilidade da crítica da realidade – em função do progresso social, das possibilidades do futuro – em prol da manutenção do *status quo*, que no caso da pornografia interessa a diversos agentes da sociedade.

A pornografia, ao promover a fetichização da sexualidade – entendida não no sentido freudiano, mas no marxista, ou seja, como representação de determinados valores como naturais e imutáveis – garante não só a continuação das receitas bilionárias do mercado pornográfico, mas também a manutenção da opressão da mulher, as relações desiguais na sociedade e, num nível ainda mais profundo deste processo, a continuação do sistema capitalista de produção.

Estas são algumas das questões que cercam a análise consequente da pornografia e que serão abordadas neste trabalho. O primeiro capítulo pretende explicar, a partir das bases materiais e históricas da sexualidade e da própria pornografia, como este momento da pornografia é resultante de um longo processo temporal marcado pela evolução do *ethos* social, do mercado, das tecnologias e da civilização como um todo.

O segundo capítulo pretende analisar as relações entre a pornografia – e as instâncias sociais que ela influencia – com o mercado e seus desdobramentos para as relações sociais. Os trabalhadores, consumidores, produtores e outros agentes envolvidos, mesmo que passivamente, na pornografia, inserem-se numa lógica industrial que tem consequências sérias e que carecem ainda de análise crítica. Para tanto, a categoria marxista da reificação, elaborada pelo próprio Marx e por Lukács, além de outros autores da tradição marxista, será empregada. Desta forma, procura-se compreender de que formas a sociedade capitalista de consumo está sujeita à

pornografia, e, por outro lado, como a pornografia se sujeita também a esta sociedade. Cabem neste momento, portanto, questões que abordem a alienação do corpo, as relações registradas pela pornografia, a influência do mercado – e da exploração subjacente aos seus valores – no desejo sexual, entre outras.

O terceiro capítulo explora as relações entre a pornografia e a hegemonia a partir da análise da obra de diversos autores. Em primeiro lugar, o trabalho relacionará o discurso pornográfico com o dispositivo de sexualidade tal qual proposto por Foucault. A pornografia contemporânea será criticada à luz dos questionamentos levantados pelo filósofo, analisando as relações entre poder, saber e prazer. Depois, o discurso pornográfico será analisado sob a perspectiva da mitologia conceituada por Barthes, como discurso constituinte do imaginário social contemporâneo repleto de significações parciais e comprometidas: a pornografia como mito. Por último, a dimensão propriamente hegemônica da pornografia será discutida em função das elaborações gramscianas a respeito da cultura. Partindo-se do entendimento inequívoco de que a pornografia faz parte da cultura moderna, as categorias e as análises de Gramsci serão empregadas para determinar as operações de hegemonia realizadas pelo discurso pornográfico.

No último capítulo serão analisados dois sites pornográficos a partir de uma leitura livre destes, que apresentam diversas características apontadas no corpus teórico introduzido nos capítulos anteriores. Apesar desta análise não estar diretamente subordinada a um fim ilustrativo da dinâmica pornográfica apresentada até aqui, ela ressoará muitos daqueles aspectos, uma vez que eles são predominantes na produção moderna da pornografia. Esta operação, descritiva e analítica, traz um corpo empírico ao trabalho, embora este não seja o seu foco. Os sites analisados, Backroom Casting Couch e Mofos, foram escolhidos em função da variedade de características que possuem.

Capítulo 1 – Pornografia: história e teoria

1.1 – O que é a pornografia?

Walter Kendrick, pesquisador americano da literatura Vitoriana, no início de sua obra chamada *The Secret Museum: pornography in modern culture*, escreve:

Desde muito cedo nas escavações, objetos desenterrados apresentavam um problema especial para as autoridades. Já em 1758, por exemplo, circulavam rumores de que afrescos 'lascivos' haviam sido encontrados; não muito depois, um artefato particularmente ultrajante surgiu - uma pequena estátua de mármore, de estilo naturalista, representando um sátiro em intercurso sexual com uma cabra aparentemente impávida. Esta obra angustiante foi confiada, por ordem especial do Rei Charles, ao escultor real, Joseph Canart, com a injunção estrita de que ninguém teria acesso permitido a ela.¹ (1996: p. 6)

O trecho faz menção à descoberta, no início do século XVIII, da cidade de Pompéia, soterrada pela erupção repentina do vulcão Vesúvio por volta do ano 80. As escavações promovidas pelos austríacos, depois pelos espanhóis e finalmente por Giuseppe Fiorelli, que compreendeu a importância histórica do achado e tornou a exploração mais científica, revelaram uma infinidade de motivos sexuais pintados e esculpidos ao redor de toda uma cidade que havia existido no princípio do milênio anterior. Estes objetos eram o problema para as autoridades a que Kendrick faz referência no trecho acima transcrito. Mas onde reside, realmente, este problema?

Analisando com atenção a descrição realizada pelo historiador do momento histórico da descoberta, é possível encontrar algumas questões de importância fundamental. Na realidade, há duas particularidades que merecem ser comentadas e refletidas. Em primeiro lugar, o Rei Charles – Rei das duas Sicílias, sob cujo domínio se encontrava, à época, o sul da Itália – ordena que a escultura de estilo naturalista

¹ From very early in the excavations, objects were being unearthed that presented a special problem to the authorities. Already in 1758, for example, rumors circulated that 'lascivious' frescoes had been found; not long thereafter, a particularly outrageous artifact turned up – a small marble statue, highly naturalistic in style, representing a satyr in sexual congress with an apparently undaunted goat. This distressing artwork, under special order from King Charles, was entrusted to the royal sculptor, Joseph Canart, with the 'strict injunction that no one should be allowed access to it. [tradução minha]

representando um sátiro mantendo relação sexual com uma cabra, encontrada nas escavações, seja mantida sob tutela do escultor oficial do reino e que ninguém tenha acesso a ela. O que poderia levar o Rei a tomar esta atitude? A escultura, aparentemente, tem algum efeito sobre aquele que a vê e, portanto, deve estar encerrada longe dos olhos de qualquer pessoa, exceto o escultor oficial – que talvez por sua condição de artesão, ou por transitar pelos distintivos domínios da nobreza, esteja imune aos efeitos do objeto. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que a escultura seja classificada como obra de arte – ainda que ”aflitiva”.

Temos, portanto, uma obra de arte apartada do público por ordens da Coroa, por conta da mensagem que transmite, que parece ser nociva àqueles que com ela têm contato. Mas é preciso questionar o que mudaria no caráter deste objeto caso ele fosse revelado e exposto ao público. Seria ainda possível classificá-lo como uma obra de arte? Qual é a diferença na ontologia deste objeto, na sua constituição ética, entre seus diferentes momentos, interditado e exposto? Em algum momento esta obra, de arte ou não, poderia ser classificada como pornografia? E esta classificação mudaria em função do acesso – ou não – do público a ela?

Não é possível dar uma resposta definitiva a nenhuma destas questões, mas aparar suas arestas, estreitar suas possibilidades de resolução, são operações que contribuem determinadamente para uma definição coerente do que é pornografia.

Vejamos o que diz o próprio Kendrick. No prefácio de seu livro, o autor faz uma longa exposição sobre as dificuldades e os perigos de definição do termo pornografia, e algumas de suas considerações realmente merecem destaque. Kendrick não tem nenhuma pretensão de definir o termo e, muito pelo contrário, propõe avaliar tudo o que um dia já foi chamado de pornografia – mesmo antes da concepção do termo em si – para demonstrar que qualquer tentativa de definição perderia seu sentido em pouco tempo. De fato as palavras e os conceitos têm sua história própria, não podem ser fixados no tempo porque estão em constante evolução. A pornografia, a propósito, parece ser uma ótima palavra para ilustrar esta condição geral da linguagem. Depois de enumerar uma série de objetos que já foram um dia classificados como pornográficos, Kendrick diz que, hoje (à época da publicação), o estigma recai sobre fotografias e filmes sexualmente explícitos. Apesar de nomear a pornografia como um estigma, logo depois o autor explica que, ao longo de sua obra,

‘Pornografia’ aparece mais freqüentemente entre aspas, como um sinal de que se tratava menos de uma coisa que de um conceito, uma estrutura de pensamento que mudou muito pouco desde que o nome foi aplicado pela primeira vez a ele, um século e meio atrás. ‘Pornografia’ nomeia um cenário imaginário de perigo e salvamento, um perene e pequeno melodrama no qual, apesar de novos atores terem substituído antigos, os papéis permanecem bastante inalterados [...] Dediquei menos atenção às coisas em si do que o que se pensava e sentia a respeito delas.². (1996: p. xiii)

Portanto Kendrick entende a pornografia como uma espécie de estado mental, uma estrutura de pensamento que se aplica a uma série de objetos, que aparentemente acaba por lhes conferir um estigma. Não faria muito sentido, portanto, imputar a determinada obra a categoria ‘pornográfico’ ou ‘não-pornográfico’ de acordo com a aceção de Kendrick. Esta caracterização será advinda do estado de consciência dos sujeitos que se deparam com determinado objeto, inseridos em um dado momento histórico do desenvolvimento da sociedade.

A feminista Catharine A. Mackinnon, advogada e professora de direito com ampla obra e expertise no assunto da pornografia, em seu ensaio *Not a Moral Issue*, apresenta uma definição mais palpável e política do que é a pornografia: uma prática concreta de política sexual, uma forma de sexo forçado, uma instituição da desigualdade de gêneros, que funde a erotização da dominação e da submissão com a construção social do masculino e do feminino (MacKinnon, 2000). Embora esta definição faça menos alusão aos objetos da pornografia que a seus desdobramentos sociais – é mesmo, além de ancorada no feminismo, uma definição mais social e política que a apresentada por Kendrick – é preciso confrontá-la com a dificuldade apresentada pelo historiador na definição da pornografia.

Seguindo esta concepção, apresentada por Mackinnon, seria fácil encontrar exemplos de obras que, pelo senso comum, seriam certamente chamadas de pornográficas, mas que não poderiam conceitualmente receber esta classificação. Um vídeo pornográfico realizado por um casal de namorados em uma relação sexual

² “‘pornography’ appears most often within quotation marks, as a sign that what is being talked about is not a thing but a concept, a thought structure that has changed remarkably little since the name was first applied to it a century and a half ago. ‘Pornography’ names an imaginary scenario of danger and rescue, a perennial little melodrama in which, though new players have replaced old, the parts remain much as they were first written [...] I have devoted less attention to the things themselves than to what was thought and felt about them [...]” [tradução minha]

normal, dentro de sua própria casa, proposto pela mulher e que, por acidente, vai parar na internet, seria pornográfico? Ou, uma questão ainda anterior, seria uma prática sexual política, com sexo forçado, denotando a dominação como algo erótico? De fato, a autora recebeu e recebe, ainda hoje, muitas críticas por sua posição radical em face da pornografia. Linda Williams diz, em seu livro *Porn Studies*, que saímos da leitura do livro *Only Words*, de MacKinnon – sobre a relação entre estupro e pornografia – com a impressão de que “é a pornografia que devemos combater, não o estupro”. (WILLIAMS, 2004: p. 11)

Embora as definições sejam diferentes, não chegam a se contradizer. Para Kendrick, a definição de Mackinnon seria também fruto de uma estrutura de pensamento, marcadamente feminista, que enxerga em determinadas obras apenas a expressão da supremacia masculina na sociedade. Mas aqui chegamos novamente a um problema: se levamos integralmente em conta a consideração de Kendrick, como seria possível explicar que Mackinnon tenha uma definição, ou um entendimento da pornografia tão diverso do senso comum? Em outras palavras, como explicar, diante da afirmação de que a pornografia “não é uma coisa, mas um conceito, uma estrutura de pensamento que mudou muito pouco desde que o nome foi aplicado pela primeira vez a ele, um século e meio atrás” (1996: p. xiii), que haja tanta discordância em relação a ela na mesma sociedade, no mesmo momento histórico? Como compreender, por exemplo, os intensos debates feministas travados nos anos 1980 chamados de ‘sex wars’, ou mesmo as divergências entre MacKinnon e Williams – que representam, no plano teórico, duas estruturas de pensamento distintas?

Realmente faz sentido dizer que esta caracterização de parte das feministas, de modo geral, estigmatiza determinadas obras como ‘pornografia’, investindo-as de um sentido que, se não é pejorativo, é violentamente crítico e negativo. Mas a sociedade contemporânea como um todo, quando atribui a determinado objeto o rótulo de pornografia, o está estigmatizando? Diante dos lucros bilionários que o mercado pornográfico apresenta todos os anos, talvez fosse mais razoável dizer que o rótulo de ‘pornografia’, mais que um estigma, é uma operação de valioso enaltecimento.

Kendrick tem razão ao dizer que a pornografia, seja lá o que for, muda com o passar do tempo. Muito do que foi pornográfico há alguns anos atrás, hoje está sendo exibido no horário nobre da programação televisiva. Isso tem a ver, como afirmou o autor, com a estrutura de pensamento da sociedade em relação à sexualidade e sua margem de permissividade, determinadas pelo desenvolvimento social e produtivo da

ordem capitalista. Portanto, não devemos rechaçar a concepção de Kendrick. Embora imprecisa, ela tem o mérito de instaurar a discussão sobre um importante elemento de nossa compreensão a respeito da pornografia, o componente ideológico. As imagens pornográficas do passado não se modificaram. Podem ser revisitadas hoje, em seu componente estético, exatamente como eram exibidas antes. O que mudou foi exatamente a ideologia da sociedade, foi o consenso social em torno à exposição da sexualidade.

Gail Dines, feminista e pesquisadora contemporânea da pornografia, em seu recente livro *Pornland: how porn has hijacked our sexuality*, traz um indispensável aporte para esta discussão ao ocupar-se da pornografia produzida atualmente pelo mercado pornô:

De fato, as imagens hoje se tornaram tão extremas que o que costumava ser considerado como *hard-core* é, hoje, a pornografia *mainstream*. Atos que hoje são lugar comum em grande parte da pornografia *online* praticamente não existiam duas décadas atrás. A medida em que o mercado se satura e os consumidores se tornam cada vez mais entediados e desensibilizados, os pornógrafos estão procurando avidamente por diferenciar seus produtos dos outros.³ (DINES, 2010: p. xvii)

O testemunho de Dines é contundente para a compreensão da dimensão ideológica apresentada anteriormente por Kendrick. Aqui está ilustrado, ainda que sem grande detalhamento, o processo pelo qual passam as imagens pornográficas no sentido de se tornarem mais aceitas. É importante notar também que Dines identifica, como motor fundamental dessa evolução da pornografia, a lógica de saturação/superação característica do mercado competitivo, movimento inerente e indispensável ao desenvolvimento das forças de produção capitalistas.

A propósito, em seu livro, Dines não dá exatamente uma definição própria para a pornografia, mas apresenta um recorte bem definido para o tema de seu ensaio. Sua intenção é analisar, de um ponto de vista manifestamente feminista, como a pornografia contemporânea captura e molda a sexualidade de toda a sociedade. Para tanto, a

³ "In fact, images today have now become so extreme that what used to be considered hard-core is now mainstream pornography. Acts that are now commonplace in much of online porn were almost nonexistent a couple of decades ago. As the market becomes saturated and consumers become increasingly bored and desensitized, pornographers are avidly searching for ways to differentiate their products from others." [tradução minha]

pesquisadora limita seu objeto de investigação à pornografia produzida comercialmente para a internet, que é facilmente acessível e de baixo preço, além de ilustrar de maneira geral a pornografia chamada *mainstream*, que possui as características gerais mais difundidas na produção atual. Portanto, quando fala de pornografia, Dines está falando de imagens que representam sexo *hard-core*, *body-punishing*⁴, onde mulheres são humilhadas e degradadas, o que é realmente usual na pornografia disponível na rede. (DINES, 2010)

Alan Soble, psicanalista norteamericano, em seu livro *Pornography: Marxism, Feminism, and the Future of Sexuality*, também traz rica contribuição para uma definição coerente do que é a pornografia. Diz o autor que, para o propósito de seus estudos, a pornografia pode ser definida como:

qualquer literatura ou filme (ou outra forma artístico-tecnológica) que descreve ou retrata órgãos sexuais, prelúdios a atividade sexual, ou atividade sexual (ou órgãos e atividades relacionadas) de maneira a produzir excitação sexual no usuário ou espectador; e esse efeito no espectador é o efeito pretendido pelo produtor e pelo consumidor ou um efeito similar na ausência de intenções diretas.⁵ (SOBLE, 1986: p. 9)

Soble ainda adiciona:

Esses materiais podem ser produzidos privativamente em casa, e parte deles podem formar segmentos de itens maiores que não são pornográficos, mas a maioria do material é ampla e comercialmente disponível, distribuído em pontos de venda específicos, e produzido em massa por trabalho assalariado. Esses são fatos empíricos sobre a pornografia e não parte da definição. Claramente esta definição é ao mesmo tempo muito ampla e muito estreita. Mas deve permitir ao leitor

⁴ Os termos são frequentemente empregados, na literatura, em seu idioma original. *Hard-core* é o gênero da pornografia que apresenta cenas explícitas, a partir de ângulos diretos. *Body-punishing* é o gênero da pornografia que demonstra violência e penitência física vinculadas ao prazer sexual.

⁵ Any literature or film (or other art-technological form) that describes or depicts sexual organs, preludes to sexual activity, or sexual activity (or related organs and activities) in such a way as to produce sexual arousal in the user or the viewer; and this effect in the viewer is either the effect intended by both producer and consumer or a very likely effect in the absence of direct intentions. [tradução minha]

identificar uma peça de pornografia corretamente nove vezes de cada dez.⁶ (Idem)

Em sua definição, Soble dá conta de uma série de atributos da pornografia que foram discutidos até aqui e apresenta novos elementos. Em primeiro lugar, a questão da intenção é introduzida na discussão. Segundo esta acepção, só é pornográfica aquela obra que tem a intenção de gerar excitação sexual em seus espectadores, e, ao mesmo tempo, se esse for o efeito esperado tanto por eles quanto pelo produtor. Isto significa que uma obra explicitamente sexual, que retrate o ato e os órgãos sexuais de ângulos privilegiados, caso não tenha sido concebida com a intenção de gerar excitação, mesmo que o espectador a utilize com este propósito, perde seu caráter pornográfico. Da mesma maneira, se o espectador se aproxima de um vídeo manifestamente pornográfico sem a intenção da excitação, como, por exemplo, para fazer uma análise acadêmica da obra, ela também deixa de ser pornográfica.

É claro que na grande indústria pornográfica a intenção da excitação é uma premissa bastante óbvia e básica. Ela é o meio pelo qual os produtores conseguem cativar seu público e vender o seu produto. No entanto, é importante sublinhar que a intenção primeira da indústria, mais do que agradar ao seu espectador com momentos de intensa excitação e prazer, é garantir fatias cada vez maiores de lucro. Gail Dines, em visita a uma feira anual de exposição pornográfica, atesta:

A medida em que eu caminhava pelo corredor, falando com pornógrafos, ficou muito claro que eles não estão particularmente interessados no sexo. O que deixa estas pessoas interessadas é ganhar dinheiro. [...] Muitos dos produtores de pornografia que entrevistei reconhecem que estão no negócio para ganhar dinheiro, não para promover nosso empoderamento ou nossa criatividade sexual.⁷ (DINES, 2010: p. xvi)

Soble certamente reconhece este fato, e parece demonstrá-lo quando traz para a discussão a possibilidade de que a pornografia esteja inserida em ‘itens maiores’ que

⁶ Such material can be privately produced in the home, and some of it can form segments of larger items that are not pornographic, but most of the material is widely and commercially available, distributed in designated outlets, and mass-produced by wage labor. These are empirical facts about pornography and not part of the definition. Surely this definition is both too wide and too narrow. But it should allow the reader to identify a piece of pornography correctly nine times out of ten. [tradução minha]

⁷ As I wander around the hall, talking to pornographers, it becomes very clear that they are not particularly interested in sex. What turns these people on is making money. [...] Many of the porn producers I interview freely acknowledge that they are in the business to make money, not to further our sexual empowerment or creativity. [tradução minha]

não são exatamente pornográficos. Talvez seja o caso da publicidade que, fazendo uso de imagens altamente sexuais e eróticas – quiçá pornográficas –, pretende, muito antes de causar excitação em seu público, ou através desta, vender os produtos anunciados.

Por último, Soble aponta também duas características que são da maior importância para a definição da pornografia. Ele diz que, na maioria dos casos, a pornografia é produzida em massa, e através de trabalho assalariado. Ainda que esta afirmação não faça parte da definição de pornografia, como o próprio autor atesta, é preciso discuti-la – tendo-se sempre em conta que o livro em questão foi publicado no ano de 1986, o que pode gerar imprecisões relativas sobretudo às relações sociais de produção daquela indústria pornográfica comparada a que existe hoje.

Apesar da defasagem do livro para a produção atual, Soble tem razão ao dizer que a pornografia, em geral, é produzida em massa e através do trabalho pago. Ainda que grande parte do material pornográfico disponível hoje na internet possa ser classificado como amador, ou seja, produzido por pessoas não ligadas à indústria pornô e, aparentemente, sem remuneração, a esmagadora maioria da pornografia é mesmo produzida pela indústria pornográfica, em quantidades cada vez maiores.

Para além disso, mesmo as obras ditas amadoras inserem-se na lógica da produção industrial de massa, uma vez que estão disponibilizadas em sites gratuitos repletos de publicidade, ou mesmo em sites fechados e pagos, e muitas vezes suas características estéticas estão claramente influenciadas ou baseadas na estética comercial da produção pornográfica. Portanto, os critérios do trabalho pago e da produção em massa, conquanto não sejam utilizados por Soble, realmente são insuficientes para a definição da pornografia, uma vez que trariam o risco de que obras amadoras, disponibilizadas na internet, por exemplo, não fossem classificadas de pornográficas quando na verdade parecem não diferir muito, em suas qualidades gerais, das produções industriais.

Talvez o ponto mais interessante da definição de Soble seja o fato de que ela afasta da obra em si a sua condição pornográfica – ainda que não seja, tampouco, a intenção do sujeito propriamente o elemento fundamental para esta definição. De qualquer maneira, este método de análise, somado à análise de Kendrick, abre caminho para uma compreensão mais ampla da pornografia, não como objeto inerte, mas algo que está além da própria obra e do próprio sujeito, seja ele produtor ou consumidor. A responsabilidade do status pornográfico recai, desta maneira, não sobre um filme, uma fotografia, uma escultura.

A prioridade das intenções na definição da pornografia também é utilizada por Maria Filomena Gregori, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU da Unicamp, no artigo *Relações de Violência e Erotismo*, através de argumento político, distinto daquele proposto por Soble.

No sentido de examinar as implicações do erotismo nas relações de violência, é sugestivo tomar de empréstimo – como um ponto de partida – a definição de pornografia aceita e difundida entre os experts dedicados à caracterização desses materiais: expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais. Essa noção da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores da pornografia, o sentido moderno desse tipo de representação. (GREGORI, 2003: p. 94)

Deste ponto em diante deve-se buscar, nos homens e na própria história, as intencionalidades e as operações éticas e estéticas de definição daquilo que é ou não pornográfico. Imputar aos objetos a determinação integral de seu caráter pornográfico, mesmo levando-se em conta a ação de seus produtores, suas ideias e intenções, é tratar de maneira rasa, insuficiente e pouco científica um assunto tão complexo como é a pornografia. A definição oferecida por Soble, mesmo muito [larga] ampla e ao mesmo tempo muito estreita, como confirma o próprio autor – e como toda definição da pornografia fatalmente será – tem o mérito de realizar esta operação cognitiva a respeito do tema.

Lynn Hunt, em seu célebre ensaio *Obscenity and the Origins of Modernity*, apresenta uma definição da pornografia que também traz novos elementos para a compreensão do tema. Hunt escreve:

Meu entendimento sobre a pornografia foi inspirado em parte pelos muitos trabalhos de Michel Foucault sobre a emergência histórica dos discursos na vida moderna: como com a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser compreendida como

produto das novas formas de regulação e novos desejos por conhecimento.⁸ (HUNT, 2010: p. 378)

Esta linha de raciocínio, em algum ponto, parece se encontrar com a de Soble e também a apresentada por Kendrick. Aqui, como naqueles autores, o que define a pornografia está além do objeto, e a análise histórica é manifestamente evocada para esta compreensão. A história do próprio termo, que será apresentada adiante, demonstra realmente que a pornografia sempre foi uma arena de intensa disputa, e o argumento defendido por Kendrick – e apropriado por Hunt em seu ensaio – demonstra que “é imprescindível, para compreender a pornografia de maneira completa, assumir que os esforços e tentativas de regulá-la são também definidores de seus limites”. (DAU, 2012: p. 17).

A etimologia do termo pornografia também levanta questões pertinentes a esta análise. A palavra, derivada do grego, é formada pela junção dos termos *porno* e *graphos*, e denota a escrita sobre a prostituição. A simples observação do que hoje é aceito como pornografia, contudo, daria conta de negar o sentido estrito construído pela análise etimológica da palavra. Ainda que seja legítimo discutir as relações entre a pornografia e a prostituição – e elas existem em maior número e são mais triviais do que se poderia suspeitar – não parece razoável, para uma definição atual, levar integralmente em consideração o componente de prostituição que a pornografia carrega.

No entanto, ainda em 1909, quando a letra P foi alcançada no projeto cinquentenário de escrita do Oxford English Dictionary, a palavra pornografia era definida como a “descrição da vida, maneiras etc. de prostitutas e seus padrões: frequentemente, a expressão ou sugestão de assuntos obscenos ou impuros na literatura ou arte”. (KENDRICK, 1996: p. 2)

O Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque, em edição de 1975, traz a seguinte definição para o termo:

Pornografia. [De *porno-* + *-graf(o)-* + *-ia*.] *F. f.* **1.** Tratado acerca da prostituição. **2.** Figura(s), fotografia(s), filme(s), espetáculo(s), obra literária ou de arte, etc., relativos a ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado

⁸ My understanding of pornography has been inspired in part by Michel Foucault's many works on the historical emergence of the discourses of modern life: as with medicine, madness, the prison and sexuality, pornography should be understood as the product of new forms of regulation and new desires for knowledge. [tradução minha]

sexual do indivíduo. **3.** Devassidão, libidinagem. [F. red. (bras., pop.), nesta acepç.: *pornô*. Cf. *pornofonia*.] (FERREIRA, 1975: p. 1126)

O mesmo dicionário, em edição eletrônica de 2004, revisada e adaptada para o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, apresenta exatamente a mesma definição. É curioso que, em 1909, em 1975, e ainda em 2004, a hierarquia dos múltiplos significados da palavra pornografia seja encabeçada pela acepção que não é a de uso mais comum, que faz referência à prostituição como elemento definidor. Mas esta recorrência não é exatamente um acaso, o que fica claro quando compreendemos que a primeira definição dos dicionários tem relativa legitimidade. Assim como não se deve tomar ao pé da letra estas definições, da etimologia e do dicionário, não se deve descartar antecipadamente uma característica refletida por ambas que permanece válida – ou talvez seja mesmo o principal elemento de validade – quando se fala em pornografia.

Quando se evoca a prostituição no entendimento da palavra pornografia, há uma clara e inegável referência ao caráter comercial da atividade que se está descrevendo. A prostituição é, e sempre foi, uma atividade mediada por uma operação comercial: a prostituta ou o prostituto recebe algum valor – monetário ou não – em troca de seus serviços sexuais. Aqui surge, inevitavelmente, um primeiro paralelo entre a pornografia e a prostituição. Ambas as atividades são mediadas por alguma operação comercial, e esta dimensão permanece na definição daquilo que é referenciado pela palavra pornografia, da prática que este termo designa.

1. 2 – Uma nova definição

Este trabalho pretende, à luz das discussões pormenorizadas anteriormente, apresentar uma nova definição sobre o tema, levando em conta o fator econômico como preponderante nesta conceituação. Para tanto, as contribuições dos diversos autores aqui citados serão da maior importância e terão, em menor ou maior proporção, sua parcela de significação no resultado final desta tarefa.

A definição da pornografia aqui proposta parte, como Hunt sugere que deve ser, da análise histórica do próprio conceito, e procurando responder às exigências impostas pelo atual estágio de desenvolvimento da sociedade, se localiza exatamente neste espaço temporal, com suas idiossincrasias específicas. Isso significa que esta conceituação, tal

qual sugere Kendrick, é também um efeito ideológico advindo do cenário sócio-político e do acúmulo intelectual e experimental a respeito da pornografia, do próprio autor deste trabalho e daqueles que o referenciam. Portanto, esta definição só pode ser compreendida também como uma fase, como uma conceituação momentânea sujeita à superação – que será fatalmente operada, tanto em função das formas da pornografia quanto das suas próprias definições.

Seu caráter efêmero, contudo, não deve ser considerado como um desestímulo ao esforço da definição. Pelo contrário, esta definição é oferecida como resposta à necessidade que a própria dinâmica da sociedade impõe aos conceitos – ou, melhor posto, aos conceituadores – de reverem sempre as caracterizações dos fenômenos sociais. Com a pornografia não é diferente e, neste exato momento de grande efervescência na sua produção e consumo, torna-se imprescindível a revisita aos seus conceitos.

Esta responsabilidade, de investir esforço intelectual na compreensão da pornografia, é particularmente importante pela controvérsia que o tema carrega. A imprecisão deste entendimento, a falta de definição da pornografia, deixaria vazia uma arena de disputa histórica, dando espaço a interpretações incompletas e comprometidas com atores sociais realmente interessados nestas imprecisões, a saber, os grandes produtores da indústria pornográfica. Esta questão foi tratada pela feminista radical Diana Russel, professora de sociologia na Mills College, na Califórnia. Em seu trabalho, assumidamente contrário à existência da pornografia, Russel faz considerações importantes sobre a falta de definição do tema.

O fato de que a falta de consenso a respeito da definição de pornografia seja usada para desacreditar qualquer tentativa de impor restrições a ela, ou mesmo para expressar oposições fortes a ela, enquanto nenhum argumento similar é apresentado em resposta à falta de consenso na definição de estupros e assassinatos, esclarece a motivação ideológica por trás deste raciocínio. [...] Por isso, é razoável concluir que a fixação dos defensores da pornografia na dificuldade de defini-la é uma mera estratégia que empregam em seus esforços para desmerecer seus oponentes, fazendo com que as políticas anti-pornográficas pareçam fúteis. ⁹(RUSSEL, 2000: p. 54)

⁹ The fact that the lack of consensus on how to define pornography is used to discredit any attempt to impose legal restraints on it, or even to express strong opposition to it, whereas no similar

Não se trata aqui, é claro, de condenar a existência da pornografia, mas de reconhecer que, se há algum problema com a pornografia existente no mundo, parte dele surge incontestavelmente da nebulosidade de sua compreensão, e esta aparente dificuldade tem, por trás de si, uma série de intenções e manobras ideológicas.

Uma definição precisa, por sua vez, cria alicerces sólidos para a realização da imprescindível tarefa da crítica, e a pornografia, enquanto manifestação cultural generalizada em nossa sociedade, realmente – isto é o que o presente trabalho defende – precisa ser duramente criticada. As determinações entre a ideologia e a pornografia não são uma via de mão única, em que aquela afeta as definições e conceitos desta. A própria pornografia é uma ferramenta ideológica de alta eficácia, conforme atesta Dines em várias partes de seu livro, mas em especial no capítulo *Grooming for Gonzo: Becoming a Man in a Porn Culture* onde descreve uma – entre muitas – violenta operação ideológica:

Ainda que vivamos em uma cultura que desvaloriza as mulheres, os homens ainda conseguem desenvolver conexões amorosas com mães, irmãs, filhas, amigas, amantes e esposas. Para corroer qualquer empatia que muitos homens podem ter pelas mulheres na pornografia – uma emoção que mais provavelmente terminaria atrapalhando a experiência pornográfica, já que eles poderiam sentir pena delas – a pornografia precisa construir a mulher pornográfica de maneiras que claramente as demarquem das mulheres que os homens conhecem e amam.¹⁰ (DINES, 2010: p. 64)

Portanto, criticar a pornografia, questionar suas características, confrontar seus pontos de vista, é uma maneira de influir contundentemente no desenvolvimento da sociedade em que ela se insere, além de contribuir para a sua própria definição.

argument is made in response to the lack of consensus on definitions of rape and murder, highlights the ideological motivation behind this reasoning. [...] Hence, it is reasonable to conclude that the fixation of pornography advocates on the difficulty of defining pornography is merely a strategy that they employ in their efforts to derail their opponents by making anti-pornography policies appear futile. [tradução minha]

¹⁰ Even though we live in a culture that devalues women, men still manage to develop loving connections with mothers, sisters, daughters, friends, lovers, and wives. To erode any empathy that many men may have for the women in porn – an emotion that would most likely end up derailing the porn experience as they might feel sorry for her – the porn needs to construct porn women in ways that clearly demarcate them from the women men know and love. [tradução minha]

O que esta breve explicação, de ordem política e metodológica, quer demonstrar é que, a rigor, não há nenhum problema nas definições em si, mas na possível pretensão de que elas sejam categorias imutáveis e universais. A definição que será proposta aqui, é preciso reafirmar, certamente não se pretende imutável, e serve exclusivamente às análises operadas no momento histórico em que se insere. Cabe dizer também que, sendo uma elaboração contemporânea, inserida no atual estágio de desenvolvimento histórico e social, ela é capaz, mais que as suas precedentes, de dar respostas à pornografia de hoje e também à do passado. Afinal de contas, nos diz o método marxista – que este trabalho abertamente reivindica e procura seguir –, é a anatomia do homem que explica a do macaco, não o contrário. (MARX, 2008; p. 264)

Para os efeitos de definição propriamente ditos, portanto, é preciso em primeiro lugar, ratificar que a pornografia obviamente se refere, e sempre terá que se referir, a motivos sexuais. A condição primeira para que determinada obra possa ser chamada de pornográfica é que ela retrate ou faça referência ao sexo. Não teria nenhum cabimento, como se pode presumir, classificar um objeto de pornográfico, qualquer que seja sua mensagem, se não faz nenhuma menção à sexualidade, ainda que de forma acessória ou lateral – no sentido de que não seja, o sexo, o seu tema principal.

Alguns autores constroem essa condição chamando os assuntos da pornografia de obscenos – como é o caso do próprio dicionário. Esta definição, contudo, não parece correta se considerado o significado da palavra obsceno. A sua etimologia demonstra perfeitamente sua insuficiência: *ob + scaena*, “fora de cena”. A pornografia, ao menos atualmente, não poderia ser tratada como fora de cena. Antes, parece mais correto considerá-la como dentro de cena. Seja na forma clássica de obras estritamente pornográficas, seja na forma de seguimentos de itens maiores que não são pornográficos, como predica Soble, o sexo está nos livros, nas revistas, nos filmes, na televisão, nas músicas e videoclipes, nos pontos de ônibus e nas propagandas de perfume ou de carros. Portanto – e aqui se tornam obsoletas várias definições anteriores para a pornografia – o motivo pornográfico por excelência, hoje em dia, não deve ser considerado o obsceno, mas o sexo.

Cabe notar neste ponto que esta particularidade da pornografia é o que faz de qualquer definição a seu respeito – inclusive a aqui proposta – parcial e limitada. Há obras em que, de fato, a alusão ao sexo é clara e indiscutível, e cumpridos determinados requisitos, podem ser classificadas como pornografia. Outras, no entanto, podem ter

uma classificação menos trivial. A exposição do corpo nu, por exemplo, é necessariamente um motivo sexual?

A resposta a esta questão é de inteira responsabilidade do sujeito cognoscente, é uma espécie de decisão, absolutamente subjetiva, que faz da condição pornográfica, conforme diz Soble, em parte definida pelo indivíduo. Deste autor, a definição aqui proposta retira o entendimento de que a pornografia é muito menos determinada pelo objeto de análise que por características exteriores a ele. Isso não significa que o critério de definição recaia sobre as intenções dos produtores e consumidores. Esta categoria, da intenção, demonstra uma séria fragilidade e muita imprecisão diante do argumento da subjetividade, como já foi dito neste trabalho. É realmente muito complicado imputar aos desejos e intenções dos sujeitos, variados e desconhecidos, o encargo de determinar o que é pornografia. O sujeito pode discernir, de acordo com suas concepções e experiências de vida, o que é sexual, e assim estarão dadas as bases para a definição do limiar entre o pornográfico e o não-pornográfico, mas não pode fazer esta distinção arbitrariamente através de suas intenções para com determinado objeto. Uma obra realizada com a intenção de provocar excitação em seus consumidores não é pornográfica se não retrata ou fala sobre o sexo, ainda que o consumidor também tenha esta intenção e até mesmo se atinge a excitação. O caráter pornográfico não está sujeito às intenções dos sujeitos envolvidos, mas ao conteúdo sexual – este sim, muitas vezes definido pelos espectadores. Este entendimento compreende, conforme a teoria de Milton Pinto, o papel do espectador como coemissor da obra, como partícipe no processo de assumir com que valores – ou com que emissores – vai se identificar. (PINTO, 2002).¹¹

Como se pode notar, aqui está constituído um exemplo de mudança pela qual passou a definição de pornografia – a passagem do obsceno ao meramente sexual – por conta do desenvolvimento da própria pornografia e da sociedade, uma influenciando determinadamente sobre a outra. Esta dinâmica está ilustrada várias vezes pelos autores aqui citados, mas talvez de forma mais completa por Kendrick e Soble.

Há que se adicionar, a toda a discussão desenvolvida até aqui, um critério que está relacionado propriamente ao processo criativo, em geral. Dependendo da maneira como determinado produto cultural é realizado, sua classificação – a respeito de sua originalidade, sua validade, seu caráter político e, fundamentalmente, sua qualidade –

¹¹ Para uma maior compreensão a respeito do papel do sujeito nos discursos, ver PINTO, 2002: p. 32-36.

terá significativas diferenças. Na produção de obras de cunho sexual, a análise do processo criativo será, portanto, fundamental para diferenciar aquilo que é erótico e aquilo que, efetivamente, é pornografia.

De maneira geral, toda produção artística ou cultural – onde podemos, de forma um tanto descompromissada, enquadrar a pornografia – é realizada através de um processo consciente de elaboração, que pode ser decomposto em diferentes níveis “de acordo com o grau de penetração da consciência do sujeito ativo no processo prático” (VÁZQUEZ, 2011; p 267).

Adolfo Sánchez Vázquez, em sua obra *Filosofia da Práxis*, para explicar estas diferenças no processo criativo, cria duas categorias: a da *práxis criadora* e a da *práxis reiterativa*. A *práxis criadora* é essencialmente caracterizada por três traços distintivos: a) a unidade indissolúvel, no processo prático, do subjetivo e do objetivo; b) a imprevisibilidade do processo e do resultado; e c) unidade e irrepitibilidade do produto. No processo criador, a consciência traça um objetivo ou um projeto, que não está fechado às alterações – pelo contrário, a resistência à mudança por parte do material sobre o qual se pretende trabalhar, bem como os instrumentos e meios objetivos de realização, determinam que o resultado final seja diferente do que se planeja inicialmente. A atividade consciente está, portanto, presente durante todo o processo de criação, que termina com um objeto que, fatalmente, não contempla tudo o que se havia projetado.

De fato, a distância entre o ideal – projeto anterior – e o real – produto acabado – demonstra-se maior na medida em que sua realização avança. Neste momento, e somente a partir de agora, se pode conhecer a lei que preside – presidiu – a criação do objeto – uma totalidade processual: criação e criatura, subjetivo e objetivo. É uma lei que só se pode conhecer quando o processo chega ao seu fim. Esta posterioridade da lei sob a qual um produto é criado confere a ele a unidade inexorável entre processo e resultado, sua unicidade e imprevisibilidade e, ainda, a impossibilidade de sua repetição – já que a lei determinada a *posteriori* responde às condições únicas da produção específica.

A arte erótica certamente corresponde a esta categoria da *práxis*. Seu processo é incerto e imprevisível, seu modelo subjetivo só é conhecido ao fim e através do processo da criação. Como toda criação artística, tem um componente de aventura e pressupõe uma participação elevada da atividade consciente do artista em constante interação com a realidade objetiva em que este se insere.

A práxis reiterativa, ao contrário, situando-se qualitativamente abaixo da práxis anteriormente explicada, “se caracteriza precisamente pela inexistência dos três traços apontados anteriormente, ou por uma débil manifestação dos mesmos” (VÁZQUEZ, 2011; p. 276). Neste caso, a projeção ideal da produção permanece imutável durante o processo de criação, já que este está francamente submetido a uma lei exterior e anterior à própria realização. O produto final atende aos requisitos iniciais do projeto, que não está sujeito a alterações durante o processo. Não existe, portanto, imprevisibilidade – sabe-se de antemão o que fazer e como fazer. Não se inventa o produto e tampouco o modo de produção. Diz Vázquez:

O resultado real do processo prático corresponde plenamente ao resultado ideal. [...] Por isso, o resultado não tem nada de incerto: e o atuar, nada tem de aventura. Fazer é repetir ou imitar outro fazer. A lei que rege as modalidades da ação é conhecida de antemão, bastando sujeitar-se a ela por caminhos já explorados. E, como se conhece *a priori* essa lei, basta repetir o processo prático quantas vezes se queira, e obter tantos produtos análogos quanto se desejarem (2011; p. 277)

O que marca, portanto, a práxis reiterativa é a possibilidade de sua repetibilidade; seu ancoramento em uma práxis criativa anterior, “da qual toma a lei que a rege” (Idem); sua impossibilidade de transformar criadoramente a realidade – ainda que amplie quantitativamente o ‘já criado’; e a sua inferioridade em relação à práxis criadora, já que não cria, não faz emergir uma nova realidade. Fosse esta a práxis humana por excelência

[...] o homem não poderia se manter como tal, já que justamente o que o define, em relação ao animal, é sua historicidade radical, isto é, o criar-se, formar-se ou produzir-se a si mesmo, mediante uma atividade teórico-prática que nunca pode esgotar-se. (Idem)

A produção da pornografia de que este trabalho trata se enquadra perfeitamente na categoria da *práxis reiterativa*, na medida em que é produzida “em conformidade com uma lei previamente traçada, e cuja execução se reproduz em múltiplos produtos que mostram características análogas” (2011; p. 268). Portanto, a definição daquilo que é ou não pornografia passará, obrigatoriamente, pela análise das características do processo de sua criação. Aquilo que, demonstrando o sexo, seja elaborado conscientemente, de acordo com uma lei que se desdobra em conjunto e durante o

próprio processo, será da ordem do erótico. Ao contrário, as representações do sexo formulaicas, que respondam primordialmente a leis externas à sua criação – exigências do mercado, roteiros pré-fabricados, esquemas de imagem funcionais e já conhecidos; todas estas características indiscutíveis da pornografia de massas da internet – se enquadram, portanto, na categoria da *práxis reiterativa*, e podem ser qualificadas como pornografia.

Tomando a *práxis reiterativa*, onde se enquadra aquilo que pode ser chamado de pornografia, como um fenômeno intimamente ligado ao mercado e à produção capitalista de cultura, chega-se, por fim, à etimologia da palavra pornografia, que vem também contribuir com o critério comercial, expresso na alusão à prostituição que o termo carrega. Este talvez seja o novo aporte que a definição aqui construída venha trazer à discussão sobre a pornografia. Na distinção entre aquilo que é erótico e o que é pornográfico, assumirá papel importante a presença ou ausência do caráter comercial em determinada obra. Ou seja, hoje é mais coerente considerar que é o motivo sexual, combinado ao caráter comercial de determinada produção cultural, que definem a sua condição pornográfica. Mas a definição daquilo que é comercial também pode se apresentar complicada. Por outro lado, uma obra explicitamente sexual que não tem caráter econômico, ao invés de pornográfica, é uma obra erótica. Antes, essa diferenciação se dava de acordo com o grau de exposição do sexo, a obscenidade – a ausência de cena – de determinada obra. O erótico estava localizado em algum lugar próximo do limiar entre o fora e o dentro de cena. Hoje em dia essa classificação não faz o menor sentido, e correria o risco de fazer do mundo uma grande pornografia. Não é, então, o grau de exposição sexual que vai distinguir uma coisa de outra, mas o caráter ou a qualidade da mediação entre a obra e o espectador.

Nas relações de prostituição, onde participam duas ou mais pessoas, alguém cede o seu corpo para o deleite sexual de outra ou outras pessoas, em troca de uma remuneração. A pornografia certamente não é o retrato desta relação, mas há algo desta definição que permanece no termo: a relação financeira. Quando determinada representação sexual – que cumpra os critérios expostos até aqui – e o seu consumo estão mediados pelo comércio, por questões financeiras, há aí pornografia. Ela surge, portanto, da junção destas características: representação sexual, produção formulaica e mediação comercial. Esta mediação não deve necessariamente aparecer em sua forma clássica, onde o espectador paga pelo consumo do material pornográfico, mas deve estar presente em qualquer momento desta relação. A novela, portanto, quando demonstra

cenas de sexo entrecortadas pela publicidade, é pornografia, ainda que seja de acesso gratuito – desde que aquelas cenas sejam de cunho sexual. Um vídeo de um casal praticando sexo diante da webcam – mesmo com uma produção enquadrada e influenciada pelos moldes do mercado –, mostrado a seus amigos, é alguma coisa da ordem do erótico, mas publicado em um site da internet, cheio de publicidade, onde há receita para alguém, ainda que o acesso seja gratuito, passa a ser pornografia.

É importante ressaltar que a classificação de determinada obra enquanto pornografia não carrega em si nenhum juízo de valor, não tem qualquer intenção de detratar a validade, a legitimidade ou a qualidade de alguma produção. É claro que aquilo que confere a uma obra sua condição pornográfica traz a reboque consequências significativas para ela, o que não quer dizer que isso seja bom ou ruim. Dito de outra maneira, há diferenças qualitativas entre o pornográfico e o erótico, mas a definição aqui proposta não pretende fazer esta comparação. Para uma melhor compreensão, se poderia fazer um paralelo com a relação entre a arte comercial e a não comercial. A arte comercial, justamente por seu caráter de mercadoria, tem características próprias que a não-comercial não possui, e vice-versa. Novamente, é uma diferença qualitativa, mas que não quer denotar superioridades ou inferioridades.

Voltando, portanto, à estatueta do sátiro e do bode descrita por Kendrick, agora com base na definição que foi até aqui apresentada é coerente afirmar que o caráter pornográfico daquela obra de arte estaria na verdade definido por uma questão exterior a ela mesma. Sua ‘pornograficidade’ seria determinada não por sua imagem, pelo material de que é constituída, pelos sentimentos que gera no seu espectador, mas pelo caráter – ético e estético – de sua produção e exibição. Assumindo-se que seu conteúdo – ou seu caráter estético – é obviamente sexual e fruto da elaboração consciente e imprevisível do artesão, enquanto exposta como obra de arte, para quem quer que fosse, seria nada mais que uma obra de arte erótica – controversa, imoral, vanguardista, ou o que quer que seja. Com a instituição de qualquer mediação comercial entre os espectadores e a obra, estaria instituído também o caráter – de cunho ético – pornográfico desta.

Relembrando o que diz Kendrick, este é um entendimento que se pode ter desde um ponto de vista específico, baseado no acúmulo histórico de experiências que o permite surgir. No momento da descoberta da estatueta certamente não faria sentido algum analisá-la através desta conceituação.

A pornografia, portanto, mais que uma característica inerente a um objeto sexual, é também uma relação mercadológica entre ele e seu espectador. Confirmando o que diz Soble, nada é, por si, pura e simplesmente, pornografia. Este caráter dependerá objetiva e fundamentalmente do tipo de relação que se institui entre determinado objeto – de cunho sexual, é claro – e aqueles que o contemplam.

1.3 – Porque estudá-la?

Emitir um parecer sobre a pornografia contemporânea é uma tarefa bastante complicada e controversa. Este é um tema que, sem sombra de dúvidas, figura na lista dos assuntos mais interditados de nossa sociedade, abrigado em outro tema ainda mais amplo, do qual faz parte, que é a sexualidade. Foucault talvez não concordasse com esta afirmação se ela fosse tomada ao pé da letra e sem desenvolvimento posterior. Portanto, é preciso ratificar que esta interdição é parcial e limitada, já que por outro lado, a pornografia nunca foi tão assistida e promovida quanto hoje – um paralelo, talvez, do processo de interdição que, segundo o filósofo Francês, a sexualidade sofreu desde o século XVI até o século XX, e que, paradoxalmente, envolveu a incitação de se falar sobre o sexo em certos lugares e ocasiões. (FOUCAULT, 2011)

Realmente, seria uma tremenda e absurda imprecisão científica afirmar que a pornografia não recebe a atenção devida na sociedade contemporânea. Estimativas de 2010 apontavam que 12% das páginas de internet eram destinadas à pornografia, o que daria mais de 24 milhões de sites. Cerca de 2,5 bilhões de emails com conteúdo pornográfico eram, na época, recebidos diariamente, e 35% dos downloads eram de material pornográfico.¹² O problema recai no caráter dessa atenção, que não pode ser entendida senão como audiência. É, portanto, uma atenção passiva, contemplativa, que não questiona e não discute – ou o faz de maneira muito incipiente – as mensagens transmitidas pela pornografia.

No entanto, falar sobre a pornografia, mais do que participar dela – na condição de emissor ou coemissor (PINTO, 2002) – é um pesado tabu social repleto de história, cultura, interesses políticos e econômicos, que acabam por escamotear a existência – e toda a sua rica gama de idiosincrasias – da pornografia nesta sociedade, em nossas escolas, em nossas casas, nas nossas relações cotidianas. Certamente este não é um

¹² Disponível em <http://www.onlinemba.com/blog/the-stats-on-internet-porn/> . Acesso em 10/08/2011.

assunto do qual se trata cotidianamente, salvo exceções, nos jantares em família, nas conversas corriqueiras, nos sermões das igrejas, nos programas de entrevistas.

Para além dos perigos e riscos inerentes aos discursos de liberação – que retiram as interdições e promovem seu assunto à visibilidade – falar da pornografia traz consigo uma questão complexa, que tem a ver com a liberdade do sujeito. Usualmente, os defensores da pornografia evocam a autonomia do sujeito e de seu arbítrio – tanto dos envolvidos na produção quanto dos consumidores – para protegê-la. De fato, a pornografia é concebida, produzida e consumida por sujeitos mais ou menos conscientes de suas escolhas, de modo que não caberia interferir nas relações legítimas que se travam entre os partícipes do fazer pornográfico. O papel do sujeito adquire assim um status de uma fortaleza ideológica, funciona como uma concha rígida dentro da qual repousa, livre e insuspeita, a pornografia. Isso traz o risco de que, condenando a pornografia, se esteja interferindo no processo conativo individual daqueles que nela se envolvem, assumindo uma perspectiva essencialista a seu respeito. O raciocínio que melhor ilustra este posicionamento é expresso no jargão ‘cada um faz o que quer’.

Coloca-se, diante da análise da pornografia, uma aparente alternativa: emitir uma opinião contrária e colocar-se acima do sujeito, ou, acatando a supremacia e a autonomia individuais, aceitar que a pornografia é, antes de tudo, uma questão de escolhas individuais?

Esta oposição ideológica a respeito da pornografia é, em termos gerais, parte do ponto central dos debates feministas sobre a sexualidade ocorridos entre as décadas de 70 e 80 nos Estados Unidos. A chamada *Sex War* opunha, de um lado, as feministas radicais, e de outro as feministas libertárias, segundo a denominação utilizada por Ann Ferguson em artigo denominado *Sex War: the debate between radical and libertarian feminists* (1984). As radicais, rejeitando as relações heterossexuais dominadas pelo homem, tendiam a condenar o sadomasoquismo, a pornografia, a prostituição e as relações promíscuas com estranhos, entre outras formas de sexo, como expressões da ligação entre as relações de poder de modelo dominação/submissão e a perpetuação da dominação masculina. Sua concepção valoriza a intimidade emocional nas interações sexuais como elemento central da sexualidade (FERGUSON, 1984).

As libertárias defendiam qualquer forma de sexualidade consentida que trouxesse prazer aos participantes, incluindo o sadomasoquismo, a pornografia e o sexo entre estranhos. Esta concepção da sexualidade, por sua vez, está centrada no prazer como elemento principal (Idem).

Algumas críticas devem ser feitas ao posicionamento de ambos os lados deste debate, na tentativa de dissolver o dilema sobre a análise da pornografia. Ferguson promove esta crítica a partir do ponto de vista histórico sobre a sexualidade, e tem razão ao dizer que não se pode tratar emoções e prazeres físicos de maneira estanque, separada. Cada um destes valores tem um significado específico para diferentes culturas em diferentes momentos de sua existência, e só podem ser tratados, portanto, a partir da perspectiva histórica, em contextos específicos e em conjunto.

A sociedade capitalista patriarcal certamente deturpou e influenciou o desenvolvimento da sexualidade, tanto feminina quanto masculina, mas esta operação, extremamente longa e complexa, não pode ser reduzida ao mero assalto da emoção, como pretendem as radicais. A propósito, esta maneira de entender a sexualidade – tanto a ‘assaltada’ pela sociedade patriarcal ou, ao contrário, a não assaltada – pressupõe que a emoção é uma característica fundamental ou natural da sexualidade, quando na verdade também a sexualidade é socialmente construída, um produto da história. Não existe uma sexualidade natural, atemporal e ahistórica, à qual a sociedade retornará quando os agentes de repressão sexual forem eliminados.

Além disso, negar a possibilidade de prazer nas formas de sexo ditas não convencionais é uma posição extremamente essencialista e normativa. Mesmo em se tratando de relações onde há a imagem da dominação e da submissão, não é razoável dizer que a mulher não pode, de maneira nenhuma, retirar prazer daí, ainda que este prazer esteja condicionado pelo caráter patriarcal da sociedade. O mesmo se pode dizer da pornografia: embora seja grande a tentação, “difícilmente seria seguro”, como diz Soble, “afirmar que produzir pornografia e participar da prostituição é inerentemente desagradável ou não natural”. (1986: p. 36)

Por outro lado, elevar o prazer ao objetivo principal da sexualidade feminina, colocando o critério do consentimento como fundamental, incorre em um erro igualmente essencialista, ao isolar o sexo da dinâmica da sociedade. Uma análise que parta deste método corre o sério risco de desconsiderar a possibilidade de que as pressões sociais influenciem de alguma maneira os aparentes consentimentos. Esta dificuldade está bem exposta por Soble:

Quando uma mulher é abordada amigavelmente por um homem para o sexo, podemos interpretar sua concordância (“sim”) como um consentimento genuíno. Mas fazê-lo sempre seria ignorar as pressões econômicas,

sociais e psicológicas que coagem as mulheres a concordar com o sexo. [...] De fato, se estamos preocupados com as pressões que coagem o “sim”, também devemos estar preparados para afirmar que, quando uma mulher diz “não” a uma iniciação amigável de um homem, essa recusa pode não ser genuína.¹³ (1986: p.18)

Ferguson também expõe o mesmo problema, criticando as feministas libertárias:

As feministas liberais são ingênuas em sua insistência de que qualquer atividade sexual consensual deve ser aceitável para as feministas. Isso suscita a questão, para qualquer posicionamento feminista, de que é preciso examinar o conceito de consenso em si para explorar estruturas de poder ocultas que colocam a mulher em posições desiguais (portanto coercitivas). Que algumas feministas declaradas pensem que consentem com o sadomasoquismo e com o consumo de pornografia não significa que as verdadeiras condições para tal consentimento estejam presentes.¹⁴ (1984: p. 110)

A alusão de Ferguson às condições para o consentimento é o ponto chave para a compreensão deste ponto de vista. A autora está se referindo ao meio social, ao estágio de desenvolvimento da sociedade, no qual uma infinidade de fatores influi sobre a possibilidade do consentimento pleno, consciente. É claro que, individualmente, muitas mulheres podem fazer opções legítimas e relativamente independentes das pressões, mas de modo geral, todas elas – e também todos os homens – estão submetidos a uma sociedade patriarcal de valores machistas, que trazem consequências para o indivíduo e para a sociedade.

Esta preocupação de Soble e Ferguson impõe às análises da sexualidade – e consequentemente da pornografia – uma dificuldade epistemológica intransponível, mas

¹³ When a woman is approached amiably for sex by a man, we might interpret her agreement (“yes”) as genuine consent. But always to do so would be to ignore the economic, social, and psychological pressures that coerce women to agree sex. [...] Indeed, if we are worried about the pressures that coerce “yes”, we should also be prepared to claim that, when a woman says “no” to a man’s amiable initiation, this refusal may not be genuine”. [tradução minha]

¹⁴ Libertarian feminists are ingenuous in their insistence that any consensual sexual activity should be acceptable to feminists. This begs the question, for any feminist position has to examine the concept of consent itself in order to explore hidden power structures that place women in unequal (hence coercive) positions. That some avowed feminists think they consent to sadomasochism and to the consumption of pornography does not indicate that the true conditions for consent are present. [tradução minha]

é importante novamente deixar claro que, no plano material, na prática cotidiana, o arbítrio da mulher não segue necessariamente este esquema. É preciso, contudo, sempre considerá-lo como uma possibilidade, sempre levá-lo em conta, o que as feministas libertárias não fazem.

A indústria pornográfica – por excelência a maior defensora da pornografia – se aproveita também deste mito do sujeito para afirmar ideologicamente a sua produção e imputar aos indivíduos toda a responsabilidade por sua participação na produção pornográfica e das consequências que isto pode gerar. O produtor está, de antemão, isento de qualquer encargo – para além daquele que lhe cabe enquanto mais um sujeito – sobre a sua produção. Esta operação está perfeitamente explicada nas palavras de Althusser:

“como toda obviedade, incluindo aquelas que fazem de uma palavra ‘nomear um objeto’ ou ‘ter um significado’, a obviedade de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é problemático – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”. (1974: p. 42)

Esta longa discussão das distintas posições feministas acerca da sexualidade possibilita a tomada de uma postura na discussão sobre a pornografia. Não se deve acatar unilateralmente nenhuma das posições. Nos termos da pornografia, não se deve apartar o sujeito do mundo, tratando-o como único responsável por suas escolhas e desejos, mas ao mesmo tempo, não se deve retirar-lhe sua capacidade de arbitrar estas escolhas e desejos.

Em posse deste entendimento, é preciso analisar as particularidades da pornografia que fazem dela um potencial objeto de estudo.

A pornografia possui uma característica que a distingue das demais formas de manifestação cultural midiáticas. Nos meios de comunicação de massa, de maneira geral, é um fato corriqueiro que temas controversos sejam tratados, muitas vezes de maneiras também muito controversas. Os jornais, os livros, a música, o cinema, as artes visuais, todos os modos de produção cultural midiática são profícuos em exemplos de gafes e controvérsias. Sendo espaços de produção para larga audiência, estes meios de comunicação estão sempre sujeitos à crítica social coletiva dos seus espectadores.

Quando uma notícia de grande importância é veiculada em um telejornal, por exemplo, é normal que se torne um assunto muito abordado pela opinião pública. Uma música de grande sucesso nas rádios será, inevitavelmente, cantada por grande parte de

sua audiência. Para utilizar um exemplo bastante atual, o filme ganhador do Oscar de 2013, *Argo*, gerou uma enorme discussão a respeito de seus possíveis fins propagandísticos, já que trata de maneira de questões políticas do Irã. Centenas de artigos foram escritos e compartilhados na internet, a repercussão do prêmio também foi amplamente noticiada e mesmo durante a própria cerimônia de premiação, através do Twitter, um grande número de pessoas comentava os resultados do evento.

O espaço da crítica coletiva, a arena de debate a que os fatos sociais estão sujeitos, bem como o lugar da opinião pública, funcionam como um retorno, à própria sociedade, daquilo que se torna célebre, que atinge um alto grau de penetração no tecido social. Os meios de comunicação de massa e sua produção estão, sem sombra de dúvidas, submetidos a esta função – ainda que se possa discutir sua qualidade e seu caráter. O contrapeso que a crítica coletiva faz à mídia, de qualquer maneira, é fundamental na limitação e na regulação desta. Não é por acaso que as agências publicitárias, as redações de jornais, as rádios e os cinemas, dispõem enormes esforços e quantias de dinheiro em pesquisas de opinião a respeito de seu público. Desagradá-lo significa, entre outras coisas, perder fatias significativas de seus lucros – a última coisa que os produtores da grande mídia podem desejar.

A pornografia, por sua vez, conquanto seja também um produto da mídia de massas – bastando conferir alguns dados já apresentados neste trabalho a respeito de suas receitas e números – guarda esta importante diferença dos demais produtos de comunicação de massas. Sua recepção não está submetida à crítica coletiva da sociedade. A recepção da pornografia, com a exceção de exemplos numericamente residuais, é individual e privativa. O espectador não assiste à pornografia em companhia de outras pessoas e tampouco submete suas impressões, sensações e opiniões ao julgamento coletivo. A crítica da pornografia não é, como a exemplo da mídia de massas, compartilhada.

Gail Dines, embora não explicita esta questão, parece levá-la em conta quando promove, em suas palestras, espaços de audiência e crítica coletiva à pornografia. A pesquisadora diz que, em determinado momento de suas experiências, compreendeu por que e como suas apresentações geravam emoções extremas nas plateias masculinas – muitas vezes ela foi severamente insultada e, em outras, alguns homens conseguiam contar, de maneira envergonhada, suas experiências, em geral negativas, como uso prolongado da pornografia.

O que eu faço em minhas apresentações é pegar as mesmas imagens que os usuários viram privativamente e com prazer, e projetá-las em uma tela em um fórum público. No espaço decididamente não sexual de um auditório universitário, homens são convidados a pensar criticamente sobre o que as imagens dizem sobre as mulheres, os homens e a sexualidade. Desprovidos de uma ereção, os homens são convidados a examinar seu uso da pornografia de uma maneira reflexiva, pensando seriamente em como as imagens infiltram suas vidas.¹⁵
(DINES, 2010: p. 80)

As redes sociais, por onde grande parte dos debates da atualidade tem passado, com intensidade e em número cada vez maior, talvez seja um bom lugar para se buscar uma comprovação empírica para esta colocação. Enquanto os vídeos do youtube, as notícias dos grandes portais, as novas músicas de sucesso e as críticas literárias recentes são cotidianamente compartilhadas entre usuários da internet pelas ferramentas das redes sociais, a pornografia não encontra ali espaço para sua inserção, nem na forma das produções pornográficas e tampouco na forma de comentários, críticos ou elogiosos.

O Facebook, certamente a maior e mais importante rede social do mundo, possui uma página chamada Padrões da comunidade do Facebook, onde lista uma série de regras para a utilização de seus serviços. Uma delas faz referência direta à pornografia – e acaba por tomar parte na discussão sobre a definição de pornografia. Este item tem o seguinte conteúdo:

"O Facebook tem um política rígida contra o compartilhamento de conteúdo pornográfico e qualquer conteúdo sexualmente explícito onde um menor de idade está envolvido. Também impomos limitações na exibição de nudez. Almejamos respeitar o direito das pessoas de compartilhar conteúdo de importância pessoal, sejam fotos de uma escultura, como Davi de Michelangelo, ou fotos de família da amamentação de uma criança".¹⁶

Na Declaração de Direitos e Responsabilidades, onde são tratadas as questões legais do uso do Facebook, no item 'segurança', nova menção é feita à pornografia:

15

What I do in my presentations is take the very images that users have viewed privately and with pleasure, and I project them onto a screen in a public forum. In the decidedly nonsexual arena of a college auditorium, men are asked to think critically about what the images say about women, men, and sexuality. Stripped of an erection, men are invited to examine their porn use in a reflective manner while taking seriously about how images seep into their lives. [tradução minha]

¹⁶ Disponível em <http://www.facebook.com/communitystandards> . Acesso em 20/01/2013.

"Nos empenhamos ao máximo para manter o Facebook seguro, mas não podemos garantir isso. Precisamos da sua ajuda para manter o Facebook seguro, o que inclui os seguintes compromissos de sua parte: [...] 7. Você não publicará conteúdo que: contenha discurso de ódio, seja ameaçador ou pornográfico; incite violência; ou contenha nudez ou violência gráfica ou desnecessária".¹⁷

A pornografia está, portanto, sumariamente excluída do espaço de discussão que o Facebook, uma rede social com mais de um bilhão de usuários cadastrados em todo o mundo¹⁸, proporciona ao demais assuntos da sociedade. É sintomático, aliás, que esta proibição seja, por um lado, ressalvada – garantindo o espaço ao que se pode chamar de grande arte em detrimento de uma arte menor que não tem o direito de retratar a nudez ou o sexo – e, por outro, excluída por uma questão de segurança. Para o facebook, aparentemente, tudo aquilo que é nudez e que esteja fora dos padrões da grande arte (arbitrados pela própria empresa – um ‘poder’ bastante controverso) representa uma ameaça à segurança dos seus usuários. Se os executivos e donos do facebook consideram a pornografia criticável, este trabalho não partilha de sua crítica – de cunho moralista e excludente, enquanto a proposta deste trabalho é justamente discuti-la e criticá-la apenas naquilo que ela tem de ruim. A propósito, soa como uma hipocrisia que, no site mais famoso do mundo, que, ao menos em teoria, tem uma função de exibição e discussão dos fatos do mundo, a pornografia – parte da mesma rede de mercado e lucros de que o facebook participa – esteja sumariamente excluída. Ela é, criticável ou não, abominável ou não, um fenômeno inerente ao nosso mundo.

A falta de espaço de debate é uma característica que, por si só, encorajaria e daria conta de explicar a importância do estudo da pornografia na sociedade contemporânea. Neste sentido, cabe perguntar: o que a falta da crítica coletiva reserva à pornografia? Quais são as consequências e os motivos desta condição de que a pornografia desfruta? Afinal de contas, quais são os riscos que a discussão sobre ela, mais que sua própria exposição – que, como se pode notar, não depende das redes sociais para existir, pode representar?

No entanto, outras questões também devem ser levadas em conta para justificar este esforço. Apesar do longo tempo passado entre os debates feministas

¹⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/legal/terms>. Acesso em 20/01/2013.

¹⁸ Disponível em <http://finance.yahoo.com/news/number-active-users-facebook-over-years-214600186--finance.html>. Acesso em 20/01/2013.

anteriormente aludidos e o tempo presente, ainda persistem hoje posições radicais acerca da pornografia que afirmam, de um lado, que ela deve acabar – por uma série de motivos que vão do estrito moralismo conservador ao feminismo radical – e, de outro, que ela deve continuar exatamente jeito que está. Este trabalho não pretende e não poderia solucionar este debate, mas procura trazer apontamentos que podem auxiliar na compreensão de qual é, hoje, o lugar da pornografia.

Se a pornografia deve ou não ter um lugar, na verdade, é uma polêmica que está um pouco fora de questão, uma vez que ela é a modalidade de vídeo mais produzida no mundo. Paul Fishbein, fundador da *Adult Video News*, uma publicação sobre a indústria pornográfica, disse em 2010, em entrevista a Gail Dines, que “as leis de oferta e demanda foram colocadas de cabeça para baixo. Nós estamos prestes a colocar 150.000 novos lançamentos este ano, o que é insano”¹⁹ (DINES, 2010: p. xvii). É a eloquência da pornografia, mais que seu direito à existência, portanto, que deve pautar este debate – especialmente à luz do argumento, acima exposto, de que a pornografia não está sujeita à crítica socialmente construída.

Outro fato relevante a esta discussão, trazido a tona por Gail Dines, sugere que este estudo seja realmente pertinente – não por acaso a autora escreveu um livro que trata, em grande parte, desta questão. Com o desenvolvimento da internet, o acesso à pornografia se tornou extremamente simples e barato em comparação ao que era nos anos 80 e em até mesmo em parte dos anos 90. Não é preciso nenhum grande conhecimento a respeito dos mecanismos de busca da rede para encontrar, livre e gratuitamente, quantidades expressivas de material pornográfico de toda sorte. Essa enorme disponibilidade não poderia ser a priori, considerada necessariamente problemática sem uma análise mais profunda de suas implicações. Gail Dines, no entanto revela que a média de idade dos jovens que assistem pela primeira vez à pornografia pela internet é de 11 anos. A autora sustenta ainda que a pornografia seja a principal fonte de informação sobre a sexualidade disponível na sociedade. (DINES, 2010).

As implicações e consequências que estes fatos terão na sociedade dificilmente poderão ser observados e sistematizados de maneira razoável, mas não se pode negar que estes são dados impressionantes, e que impõem à própria sociedade a necessidade premente de que a pornografia seja francamente discutida, criticada e retrabalhada.

¹⁹ “the laws of supply and demand have been turned upside down. We’re on par to put 15.000 new releases this year, which is just insane” [tradução minha]

1.4 – O que há de novo?

Alan Soble, em sua obra, conduz uma espécie de experimento a respeito do conteúdo da pornografia motivado por um debate entre Andrea Dworkin, outra feminista radical, que afirma que “a erotização é a essência da pornografia” e Gayle Rubin, feminista libertária, que afirma que “noventa por cento do material [pornográfico] é de nudez frontal, intercuro e sexo oral, sem pistas de violência ou coerção [...] WAVPM ou WAP²⁰ [...] mostram a pior pornografia possível, e argumentam que ela é representativa de toda a pornografia”²¹ (SOBLE, 1986: p. 19). Soble vai a uma loja de livros adultos e confere que apenas 7% das revistas fotográficas eram sadomasoquistas com a submissão de uma mulher e 9% com a submissão do homem. A brutalidade, em todos os casos, era obviamente atuada ou falsa (Idem). Vale lembrar que a publicação em que Rubin demonstra estas estatísticas é de 1980.

Desde esta época até os dias de hoje, muita coisa mudou, embora, por conta da interdição parcial de que este trabalho já tratou, muitas pessoas tenham um entendimento da pornografia bastante desatualizado, acreditando que se trata ainda dos padrões da revista Playboy (DINES, 2010). É crucial ter em conta o conteúdo das imagens que são consideradas, hoje, a pornografia *mainstream*. Gail Dines fez uma breve pesquisa digitando a palavra ‘sex’ no Google e, acessando alguns dos primeiros resultados, se deparou com uma série de imagens de penetração vaginal, oral e anal de uma mulher por três ou mais homens ao mesmo tempo; duplo anal, onde uma mulher é penetrada no ânus por dois homens ao mesmo tempo; duplo vaginal, quando a vagina é penetrada por dois homens simultaneamente; a prática chamada de *gagging*, quando o pênis é introduzido na garganta da mulher de forma que ela sufoque (ou, em casos extremos, vomite); *ass-to-mouth*, quando o pênis é retirado do anus da mulher e em seguida introduzido em sua boca, sem lavagem; e *bukkake*, quando qualquer número de homens ejaculam sobre o corpo, o rosto, o cabelo, os olhos, orelhas ou na boca da mulher. Em alguns casos, os homens ejaculam em um copo, e o chamado ‘*money shot*’ acontece quando a mulher bebe o sêmen. É, sem sombra de dúvidas, um panorama bastante diferente daquele descrito por Gayle Rubin, que confirma o testemunho de

²⁰ Organizações feministas chamadas Women Against Violence in Pornography and the Media e Women Against Pornography

²¹ "ninety percent of the material . . . is frontal nudity, intercourse, and oral sex, with no hint of violence or coercion. . . . WAVPM or . . . WAP . . . show the worst possible porn, and claim it's representative of it all" [tradução minha]

Dines, citado anteriormente, de que esta pornografia era quase inexistente há duas décadas atrás. (Idem)

A legitimidade desta argumentação poderia ser questionada pelo caráter feminista da obra de Gail Dines, pela simples repetição daquela afirmação de Rubin, a respeito das organizações feministas, de que elas selecionavam a pior parte da pornografia para criticar. No entanto, a afirmação de que os parâmetros realmente mudaram também parte do lado dos realizadores. A produtora pornográfica Holly Randall escreveu:

Com produções de ponta pressionando para abrir caminho para o conteúdo amador e extreme, criou-se um mercado para o que chamo de Olimpíadas Pornô... Agora é uma questão de quão longe você pode ir: com quantos homens você pode ter sexo em um filme, quantos pênis você pode pôr em seus orifícios, quantas maneiras você pode comer sêmen. Na tentativa de ser o mais inovador, cenários com que eu não poderia nem sonhar se tornaram bastante normais.²² (Idem)

A evolução dos conteúdos da pornografia, como já foi dito anteriormente e fica cada vez mais claro, está pautada em grande parte pelo fator competitivo do gigante mercado que a pornografia representa. Conforme as imagens pornográficas foram e vão sendo assimiladas pelos usuários, a indústria precisa apresentar novas modalidades e tipos de sexo para os consumidores, sob pena de que eles percam o interesse no conteúdo e procurem em produtores rivais a satisfação de seus desejos, cada vez menos sensibilizados.

Os dados a respeito da indústria pornográfica são realmente impressionantes e sugerem mesmo que sua imponência tenha desdobramentos que vão muito além da interação entre o usuário e a pornografia. Com tanta exposição e tanto dinheiro envolvido, a pornografia faz parte da cultura e da visão de mundo da sociedade atual. A economia da pornografia, a propósito, muito além de ligar produtores, distribuidores e consumidores, tem participação em cadeias de hotéis, telefonia celular e companhias de internet, além de determinar o desenvolvimento tecnológico específico a própria atividade, conforme atestam profissionais da área de internet, quando dizem que "é

²² With high-end productions pushed to the side to make way for amateurish, extreme content, we created a market for what I call the Porn Olympics... Now it was a question of how far you could push the envelope: how many men can you have sex with in one film, how many dicks can you fit in your orifices, how many ways you can you eat cum? In the attempt to one-up the last guy, scenarios I couldn't even dream up became, well, somewhat normal [tradução minha]

universalmente sabido pelos especialistas em tecnologia da informação que a indústria adulta esteve na liderança em termos de construção de sites de alta performance, com atributos e funcionalidades de última geração” (Idem)²³. Linda Williams traz, em sua obra, dados específicos sobre esta indústria.

Hollywood produz aproximadamente 400 filmes por ano, enquanto a indústria pornográfica produz agora de 10 a 11 mil. Setecentos milhões de vídeos ou DVD's pornográficos são alugados por ano. [...] O faturamento da pornografia – que pode ser construído de maneira a abranger revistas, cabo, filmes em quartos de motéis e brinquedos sexuais – totaliza algo entre 10 e 14 bilhões de dólares anualmente. Este panorama, como o crítico do New York Times, Frank Rich, notou, não é maior apenas que o faturamento dos filmes; é maior que o do futebol americano profissional, do basquete e baseball juntos. Com panoramas como este, afirma Rich, a pornografia não é mais um 'show paralelo', mas 'o evento principal'. (WILLIAMS, 2004: p. 1)²⁴

Esta colocação leva a discussão a outro fator de diferenciação da pornografia contemporânea para aquela praticada há relativamente pouco tempo, que tem a ver com a evolução de seus meios de consumo – que é, também, fruto da pressão do próprio desenvolvimento da pornografia. A possibilidade do usuário de, através das altas taxas de transmissão, receber em privacidade qualquer quantidade de imagens pornográficas através da internet – o meio principal de difusão da pornografia na atualidade (DINES, 2010; e DAU, 2011) – sem qualquer mediação humana entre a obra e o espectador, obviamente teve diversas implicações na quantidade e na qualidade do consumo da pornografia no mundo. Gail Dines novamente traz importante contribuição ao tema:

Enquanto vídeos e DVD's levaram ao rápido crescimento do mercado pornográfico nas últimas duas décadas, da metade dos anos 1970 à metade dos anos 1990, é o rápido

²³ it is universally acknowledged by information technology experts that the adult industry has been at the leading edge in terms of building high-performance Web sites with state-of-the-art features and functionality". [tradução minha]

²⁴ Hollywood makes approximately 400 films a year, while the porn industry now makes from 10.000 to 11.000. Seven hundred million porn videos or DVD's are rented each year. [...] Pornography revenues – which can broadly be constructed to include magazines, cable, in-room hotel movies, and sex toys – total between 10 and 14 billion dollars annually. This figure, as New York Times critic Frank Rich has noted, is not only bigger than movie revenues; it is bigger than professional football, basketball, and baseball put together. With figures like these, Rich argues, pornography is no longer a 'sideshow' but 'the main event'. [tradução minha]

crescimento da internet, especialmente do acesso de banda larga, que garantiu a expansão contínua do Mercado nos anos recentes.²⁵ (DINES, 2010: p. 47)

Mas não é só no momento do consumo que a pornografia se aproveita da inovação tecnológica. Privilegiada pelo desenvolvimento das tecnologias de vídeo, que tornaram os equipamentos necessários à realização de um filme muito mais baratos e intuitivos, a produção da pornografia também sofreu um enorme crescimento.

"Se antes a produção estava concentrada nas mãos de grandes produtoras, com enormes preços e demandas técnicas, agora é possível a qualquer pessoa que possua uma câmera, de preço relativamente baixo, e um computador com acesso a internet, produzir e distribuir vídeos pornográficos." (DAU, 2011: p. 22)

A pornografia está em todos os lugares, imposta como produto do desenvolvimento social, cultural, econômico e político da sociedade. A despeito de julgamentos – que inspiram, de um lado, a luta pela sua proibição, como fazem MacKinnon, Dworkin e outras feministas, ou, por outro lado, a luta por sua defesa, mesmo de pontos de vista distintos, como se pode observar entre Soble, que faz uma defesa marxista do lado positivo da pornografia, e os empresários da indústria pornográfica, ambos defendendo o direito à existência da pornografia – é preciso compreender que a pornografia existe e dificilmente será extinta. Ela apresenta vários e graves problemas, especialmente quando se leva em conta a representação de gêneros e o papel da mulher – tópico em que este trabalho se aprofundará mais adiante – mas não parece razoável despendar enormes esforços em censurá-la sumariamente. Seus problemas, a propósito, não parecem ser suficientes para condenar, permanente e determinadamente, tudo o que pode ser chamado de pornografia. Mais coerente e razoável seria promovê-la ao espaço de debate e crítica, detratá-la e mesmo combatê-la especificamente onde se fizer necessário, sabendo reconhecer as suas qualidades quando estas se apresentarem.

²⁵ While videos and DVD's drove the rapid growth of the pornography market in the two decades from the mid-1970's to the mid-1990's, it is the rapid growth of the Internet, especially broadband access, that has galvanized continued market expansion in recent years. [tradução minha]

Capítulo 2 – Pornografia e reificação

Para uma crítica coerente da pornografia contemporânea, é tarefa indispensável relacioná-la ao meio no qual ela se encontra inserido. Seria equivocado promover uma crítica – ou mesmo qualquer análise – que não estivesse calcada nas relações sociais externas a ela, mas que a influenciam determinadamente. Partindo-se dessa premissa, este trabalho pretende debruçar-se sobre a análise e o desvelamento dos fenômenos ideológicos característicos da pornografia contemporânea – e, portanto, característicos e inseridos em um mundo globalizado capitalista.

Isto exige ainda uma tarefa anterior, que tem a ver com a compreensão do processo de reificação das consciências e das relações sociais no mundo em que a pornografia se estabelece. Este processo é a base das inversões ideológicas que ela, através de diferentes discursos e dispositivos, promove na sociedade contemporânea – e também das quais é fruto. Alguns destes processos serão discutidos individualmente no decorrer deste trabalho, mas o correto entendimento de suas especificidades pressupõe a discussão de suas relações com o fenômeno da reificação e, portanto, a compreensão correta dele.

Isto se justifica pelo entendimento de que a reificação é a contrapartida sociológica da alienação, um tipo especial de alienação, sua forma mais radical e generalizada. A pornografia, enquanto uma manifestação sócio-cultural do mundo capitalista, deve ser então abordada por intermédio deste conceito, para que suas dimensões ideológicas mais particulares sejam desenvolvidas.

2.1 – Conceito de reificação no pensamento marxista

A compreensão do que significa, na tradição marxista, o conceito de reificação, para que seja realmente completa, precisa partir da análise histórica de sua elaboração. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, não foi o próprio Marx o proponente e idealizador do conceito de reificação tal qual o conhecemos atualmente. São as suas ideias a respeito da alienação, contudo, a maior e mais importante influência na elaboração aprofundada do conceito, que foi propriamente realizada posteriormente por Lukács. Não deve parecer surpreendente que seja possível encontrar também em Hegel algumas ideias e análises que se aproximam de maneira incipiente do conceito.

A ideia que o conceito de reificação quer traduzir foi parcialmente explicitada por Marx quando dos seus estudos destinados à redação de sua obra prima, O Capital. O primeiro livro da série, na famosa parte em que versa sobre o fetichismo da mercadoria, estabelece e clarifica os elementos básicos para a elaboração de uma teoria do fenômeno da reificação. O segredo da forma mercadoria, caprichosamente desvelado por Marx, é a base sobre a qual se erige a possibilidade da reificação na sociedade capitalista que o pensador analisava. Com esta elaboração teórica, Marx queria dar a conhecer sua conclusão a respeito da transformação, sob o capitalismo, das qualidades humanas – suas propriedades, relações e ações – em características das coisas produzidas pelo homem; a transmutação do próprio homem em um ser semelhante a um objeto; o rebaixamento ontológico do homem para o nível das coisas – em suma, a coisificação das características essencialmente humanas.

Inicialmente, no primeiro volume d'O Capital, ao elaborar a teoria do fetichismo da mercadoria, Marx postula que o modo de produção capitalista – com seus atributos inerentes – logra investir todas as coisas e relações estabelecidas no capitalismo da forma fantasmagórica da mercadoria. Esta forma, problemática em si, é definida da seguinte maneira:

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. (MARX, 2008: p. 94)

Tudo o que está inserido ou relacionado com a forma capitalista de produção – de mercadorias – é, portanto, passível do fenômeno da reificação.

Posteriormente, já no terceiro livro d'O Capital – editado e em grande parte redigido por seu companheiro Engels, após sua morte – Marx amplia a compreensão que havia tido antes e abarca no conceito de reificação “todas as formas sociais desde que estas tenham atingido o nível de produção de mercadorias e de circulação de dinheiro” (PETROVIC, 2012: p. 465). Parece natural, portanto, sua conclusão subsequente de que seja na sociedade capitalista desenvolvida que a reificação atinge o seu ponto máximo. Neste sentido Marx escreve:

Todas as formas de sociedade, quaisquer que sejam, ao chegar à produção de mercadorias e à circulação de dinheiro, incorrem nesta inversão [a conversão das relações sociais de que são expoentes os elementos materiais da riqueza na produção, em propriedades inerentes destes mesmos elementos]. Mas este mundo encantado e invertido se desenvolve ainda mais sob o modo capitalista de produção e com o capital, que constitui sua categoria dominante, sua relação determinante de produção.²⁶ (MARX, 1979: p. 765)

Marx diz ainda:

Na fórmula tripartite de capital-lucro – ou, ainda melhor, capital-juro –, terra-renda do solo e trabalho-salário, nesta trindade econômica considerada como a concatenação das diversas partes integrantes do valor e da riqueza em geral com suas respectivas fontes, se consoma a mistificação do modo de produção capitalista, a reificação das relações sociais, o entrelaçamento imediato das relações materiais de produção com suas condições históricas: o mundo encantado, invertido e posto de cabeça abaixo em que *Monsieur le Capital* e *Madame la Terre* aparecem como personagens sociais ao mesmo tempo em que levam a cabo sua bruxaria imediata, como simples coisas materiais.²⁷ (Ibidem: p. 768)

Tomando para si esta compreensão marxista a respeito da especificidade do estágio avançado do capitalismo em relação ao fenômeno da reificação, Lukács se debruçou como ninguém antes o havia feito sobre este problema e, em sua célebre obra *História e Consciência de Classe*, afirmou que “a questão do fetichismo da mercadoria é específica da nossa época, do capitalismo moderno.” (2003: p. 194). Neste sentido, já

²⁶ Todas las formas de sociedad, cualesquiera que ellas sean, al llegar a la producción de mercancías y a la circulación de dinero, incurren en esta inversión. Pero este mundo encantado e invertido se desarrolla todavía más bajo el régimen capitalista de producción y con el capital, que constituye su categoría dominante, su relación determinante de producción. [tradução minha]

²⁷ En la fórmula tripartita de capital-ganancia – o, mejor aún, capital-interés-, tierra-renta del suelo y trabajo-salario, en esta tricotomía económica considerada como la concatenación de las diversas partes integrantes del valor y de la riqueza en general con sus fuentes respectivas, se consoma la mistificación del régimen de producción capitalista, la materialización de las relaciones sociales, el entrelazamiento directo de las relaciones materiales de producción con sus condiciones históricas: el mundo encantado, invertido y puesto de cabeza em que Monsier le Capital y Madame la Terre aparecen como personajes sociales, a la par que llevan a cabo sus brujerías directamente, como simples cosas materiales. [tradução minha]

na introdução do capítulo mais extenso de seu livro, dedicado às análises do fenômeno da reificação, o autor húngaro escreve que “não há problema nessa etapa de desenvolvimento da humanidade [o capitalismo moderno] que, em última análise, não se reporte a essa questão e cuja solução não tenha de ser buscada na solução do enigma da *estrutura* da mercadoria.” (Ibidem: p. 193)

Conquanto as análises do próprio Marx a respeito das relações entre a forma mercadoria e a sociedade estivessem pautadas sobretudo em suas consequências imediatas no campo da economia e do trabalho, suas conclusões foram levadas adiante por Lukács, que amplia a aplicação e o uso do conceito a todas as formas de sociabilidade humana, a toda a superfície social. Este alargamento da compreensão a respeito do fenômeno da reificação e do alastramento da forma mercadoria pelo corpus social é uma de suas maiores preocupações quando de sua pesquisa, como atesta o próprio autor ao afirmar que o importante é “saber em que medida a troca de mercadorias e suas consequências estruturais são capazes de influenciar toda a vida exterior e interior da sociedade.” (Ibidem: p. 195)

Resumidamente, Lukács chega à conclusão de que o fenômeno da reificação se manifesta quando, no sistema capitalista, as relações entre pessoas – inclusive as mediadas pelo trabalho, como previra Marx, mas não só neste caso – contraem o caráter de uma coisa em si, independente e autônoma de qualquer influência humana, portadora de uma ‘objetividade fantasmagórica’ que escamoteia, para os sujeitos relacionados, o traço fundamental desta relação, a saber, o fato de que ela se estabeleça entre pessoas. As leis que presidem esta relação estão, portanto, de antemão definidas para os partícipes da interação social – pelo trabalho, pela cultura, pela sociabilidade, enfim, por qualquer esfera da sociedade, já que todas estão permeadas pelo fetichismo da mercadoria.

Lukács identifica dois momentos distintos como consequências desta dinâmica da reificação, um relacionado à objetividade e o outro à subjetividade. Primeiro, objetivamente, o autor repara que em função da cisão entre o sujeito e o fruto de sua própria atividade, surge um mundo fantástico onde as coisas parecem se relacionar entre si e por si próprias (2003). Note-se, como exemplo desta dimensão objetiva da reificação, o corrente uso, por conta de grande parte dos economistas contemporâneos, da palavra Mercado com caixa alta, denotando um ser dotado de propriedade, uma entidade independente com status de sujeito. É um espaço autônomo onde as coisas – as

mercadorias – se relacionam por si próprias, com vontades próprias – a tal ‘objetividade fantasmagórica’ a que fazem referência Marx e, citando-o, Lukács.

Depois o filósofo húngaro repara que, como consequência deste mundo fantástico, opera-se na consciência do sujeito apartado dos frutos de sua atividade um estranhamento da sua própria produção. Os objetos a que o indivíduo, através do trabalho, dá origem, seguem leis independentes dele – aparentemente naturais – e se tornam também em mercadorias, agindo como se não estivessem sujeitas às pressões conativas e materiais do próprio homem.

Com este processo, o princípio básico da produção capitalista – a produção de mercadorias – logra atingir direta e profundamente a consciência humana. Quando os indivíduos não podem aceder à compreensão de que eles próprios são os sujeitos de suas relações, de que detém o poder absoluto sobre a dinâmica de sua própria sociabilidade, de seu ‘estar no mundo’, transformam-se eles próprios em sujeitos objetificados, reificados, sem autonomia qualquer sobre seu devir, e, jogados sem leme à correnteza de um mundo irrefreável e imodificável, acabam por moldar-se a ele ao invés de moldá-lo. A constatação de Lukács a respeito da dimensão deste processo é assaz pessimista:

Para a consciência reificada, essas formas do capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes da sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem-se completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. Tais relações são ocultas na relação mercantil imediata. O caráter mercantil da mercadoria, o modo quantitativo e abstrato da calculabilidade aparecem aqui sob sua forma mais pura. Sendo assim, para a consciência reificada, esta se torna, necessariamente, a forma de manifestação do seu próprio imediatismo, que ela, enquanto consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário, tal forma tenta estabelecer e eternizar esse imediatismo por meio de um “aprofundamento científico” dos sistemas e leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva. (Ibidem: p. 211)

Ou seja, quanto mais se desenvolve o sistema capitalista de produção, quanto mais os homens aprendem a satisfazer suas necessidades conforme as leis da troca de mercadorias, mais imóveis e moldados ao *status quo* se tornam. Sua incapacidade de superar a forma aparente da mercadoria é reproduzida incessantemente através do próprio processo de produção de mercadorias – da reprodução do capitalismo, de forma mais geral. É importante notar, contudo, que Lukács tinha a intenção de investigar em que medida esta operação se expandia sobre o corpus social. Logo, é necessário creditar-lhe a compreensão de que não é só em sua manifestação imediata que o fetiche da mercadoria age sobre a sociedade. Em outras palavras, a estrutura reificada não se manifesta apenas entre os homens e o fruto de seu trabalho, os objetos que produz para satisfazer suas necessidades. Pelo contrário, “ela imprime sua estrutura em toda a consciência do homem; as propriedades e as faculdades dessa consciência não se ligam mais somente à unidade orgânica da pessoa, mas aparecem como ‘coisas’ que o homem pode ‘possuir’ ou ‘vender’, assim como os diversos objetos do mundo exterior.” (Ibidem: pp. 222 e 223)

Neste sentido, ao tornar suas faculdades mentais e subjetivas também em objetos inertes e independentes de si mesmo, o homem perde uma porção de sua sociabilidade, ao enxergar também ao seu próximo como um objeto participante do mundo de leis ‘naturais’ e imutáveis, impostas e introduzidas em sua subjetividade pelo processo do mercado. O homem se aparta de si mesmo e de seus iguais, e nesse isolar-se, acaba por extinguir contingentemente a possibilidade de sua própria tomada de consciência. Isso explica, em parte, a resistência do sistema capitalista de produção: o homem sob o capitalismo não afasta somente sua própria liberdade individual – que se assenta na liberdade coletiva – mas também, ao mesmo tempo e em função daquele afastamento, a capacidade de tomar conhecimento de sua condição não-livre. Como diz Lukács,

Essa separação entre os fenômenos da reificação e o fundamento econômico de sua existência, a base que permite compreendê-los, ainda é facilitada pelo fato de que esse processo de transformação deve necessariamente englobar o conjunto das formas de manifestação da vida social, para que sejam preenchidas as condições de uma produção capitalista com pleno rendimento. (Ibidem: p. 214)

No capitalismo moderno, todas as formas de sociabilidade estão em alguma medida condicionadas pelas influências do fetiche da mercadoria, e, portanto, contribuem para o afastamento do homem de seu devir próprio e de sua independência em relação às imposições do capital. As possibilidades humanas constituídas historicamente estão, portanto, apartadas da realidade objetiva à medida em que o homem torna-se alheio aos produtos de suas atividades, à natureza, aos outros seres humanos e a si mesmos. Esta compreensão é importante, pois está relacionada ao fundamento da alienação geral do homem, já que a alienação de si mesmo é a essência, a estrutura básica do processo geral de alienação. O homem, encontra-se, no capitalismo, separado de sua própria humanidade, das próprias características que o conferem sua condição humana.

2.2 – Pornografia e relações sociais reificadas

Ao analisar a sexualidade feminina sob o capitalismo, Alan Soble chega à compreensão do que chama de síndrome do desmembramento. Segundo ele, este desmembramento é um tipo de alienação, característico do capitalismo, a que as mulheres estão ampla e profundamente sujeitas (1986). Este fenômeno se expressa, ainda segundo Soble, em três manifestações diferentes, mas interconectadas: o desmembramento físico, o linguístico e o fotográfico. Uma análise da síndrome do desmembramento, à luz da teoria da reificação, aplicada ao exame da pornografia atual, ilustra categoricamente a contribuição da indústria pornográfica para as relações reificadas da sociedade capitalista contemporânea.

Em primeiro lugar, Soble explica o que é o desmembramento físico, que tem a ver com a perda de partes do corpo através da violência. Mas o autor, pesquisando sobre a sexualidade feminina, repara que este tipo de desmembramento pode ocorrer sem o emprego da violência física ou qualquer separação física propriamente dita. Usando o exemplo da mutilação genital feminina, praticada em determinadas culturas e que já recebeu, durante a história, extensas e diversas justificações médicas, ele diz que “práticas de socialização que criam mulheres que abandonam e substituem a sexualidade clitoriana pela vaginal (ou ainda assexualidade vaginal) destroem a integridade corporal feminina e diferem da mutilação genital apenas na técnica

empregada.”²⁸ (SOBLE: 1986, p. 56). Isto significa dizer que, se determinada prática social constrange sexualmente a mulher ou reduz sua capacidade de sentir o prazer sexual – uma consequência diretamente fisiológica –, esta é uma prática que pode ser enquadrada no desmembramento físico, embora não haja objetivamente a mutilação ou a perda de qualquer porção do corpo.

A literatura feminista a respeito da pornografia está recheada de exemplos de como a pornografia traz, para as mulheres e para os homens, a compreensão de que a função feminina na relação sexual é dar prazer ao homem, e não obtê-lo para si. A observação casual e aleatória dos sites de pornografia na internet basta para comprová-lo, uma vez que a esmagadora maioria dos filmes mostra apenas o orgasmo masculino e quase sempre culminando com a ejaculação do homem sobre o rosto da mulher – o que é considerado, inclusive entre os produtores da pornografia, uma manifestação violenta e cruel da sexualidade. Não é demais, no entanto, trazer a contribuição de Gail Dines a respeito do tema. Na introdução de seu livro ela traz uma definição genérica a respeito das mensagens que pornografia contemporânea carrega. Ela diz que

A mensagem que a pornografia dissemina sobre as mulheres pode ser resumida em poucas características essenciais: elas estão sempre prontas para o sexo e entusiasmadas para fazer o que quer que os homens desejem, independentemente do quão doloroso, humilhante ou perigoso o ato possa ser. [...] Isso pode explicar porque as mulheres na pornografia levam enormes quantidades de tempo fazendo sexo oral nos homens, ainda que raramente esperem ou demandem reciprocidade. Na realidade, a única demanda que elas parecem ter envolve pedir aos homens que as penetrem cada vez mais forte. (DINES: 2010, p. xxiii)²⁹

²⁸ socialization practices that create women who have abandoned clitoral for vaginal sexuality (or asexuality) destroy women’s bodily integrity and differ from physical clitoridectomy only in the technique employed. [tradução minha]

²⁹ The message that porn disseminates about women can be boiled down to a few essential characteristics: they are always ready for sex and are enthusiastic to do whatever men want, irrespective of how painful, humiliating, or harmful the act is. [...] This may explain why women in porn spend enormous amounts of time giving men oral sex, yet they rarely expect or demand reciprocity. Actually, the only demands they seem to make involve asking the man to thrust harder and harder. [tradução minha]

Se as mulheres, em função das influências da pornografia – diretas ou mediadas pelas experiências com seus parceiros influenciados – são apartadas do prazer sexual que deveria decorrer de suas relações, podemos dizer que ocorre aqui também um processo de desmembramento – um descolamento psicológico de uma porção fisiológica de seu corpo. A mulher se torna fisicamente alienada de uma condição fundamental de sua vida, o prazer, e o coloca ao dispor do prazer alheio. Ao mesmo tempo em que sua capacidade de conceder prazer a outra pessoa é elevada à qualidade principal de sua individualidade, a sua capacidade de adquirir prazer para si é sumariamente negada. A disparidade entre a função de sua sexualidade para o outro e para si – uma oposição completa – denota perfeitamente o desmembramento da sexualidade feminina na pornografia e ilustra a operação alienadora que exercida neste processo: a mulher torna-se alienada de si mesma, de seu corpo, de sua capacidade de obter prazer, de direcionar seu próprio devir sexual.

Embora sejam, ao menos aparentemente, menos graves, as consequências deste processo para o homem também não devem ser ignoradas. Uma relação estabelecida entre duas pessoas (ou mais, especialmente em se falando de pornografia), toma a aparência e as características de uma relação entre coisas, uma vez que toda a interação está pautada e mediada por regras e roteiros pré-definidos, à margem das vontades daqueles que nela tomam parte. Ao tratar o corpo feminino como mera carne, desprovida de emoções e vontades, o homem se aliena integralmente da mulher com que se relaciona. Ainda que, dessa relação, ele possa subtrair prazer sexual, isso não relativiza o caráter de desmembramento implícito nesta relação. A mulher reduz-se, para a subjetividade deste homem, apenas a sua genitália e suas funções sexuais. Qualquer personalidade que se atribua a esta mulher está, de antemão, enquadrada no estereótipo feminino que a pornografia constrói e que contribui determinadamente para o estabelecimento deste tipo de relação. (SOBLE, 1986)

O desmembramento lingüístico é definido por Soble da seguinte maneira:

A segunda manifestação da síndrome é o desmembramento lingüístico, que quer dizer a prática de referir-se à mulher utilizando nomes de partes do corpo (“boceta” e “bunda”). A equação lingüística entre uma mulher e uma parte de seu corpo a objetifica ao privá-la de sua personalidade. A questão não é que uma mulher seja corporificada, mas que seu status ontológico seja

reduzido ao de uma parte. Reconhecer a existência carnal do outro, desde que esse outro permaneça sendo uma pessoa (que possa, por exemplo, comunicar intenções) não é um ato de objetificação. Mas o desmembramento lingüístico vai além disso. Referir-se a uma mulher como “boceta” significa que ela tem um valor instrumental superior ao seu valor intrínseco. Por essas razões o desmembramento lingüístico é um paradigma da alienação.³⁰ (Ibidem: p. 57)

Não é preciso grande explicação a respeito da relação entre o desmembramento lingüístico e a pornografia, uma vez que é uma prática absolutamente frequente, nas produções pornográficas, intitulá-las fazendo uso das partes do corpo. O site XVIDEOS, que disponibiliza milhares de vídeos pornográficos gratuitamente, tem uma página inicial onde estão os vídeos novos distribuídos de acordo com o momento do upload - a página é atualizada a cada 10 minutos. Uma visita a esta página é suficiente para demonstrar o desmembramento lingüístico da pornografia: anus é repleto de esperma; boceta molhada é fodida; bunduda tem o anus utilizado; seios pequenos é entrevistada; grandes bundas gostam daquilo grande; bunda deliciosa monta um pênis; chefe de tetas enormes seduz Johnny. Todos estes são exemplos retirados de um único acesso à página principal daquele site.³¹

Durante as cenas, comentários entre os atores com este mesmo teor são também absolutamente frequentes. Por último, os espectadores, ao tecer comentários – em geral anônimos – sobre os vídeos que assistem também fazem extenso uso destas práticas lingüísticas. Entre os comentários do vídeo *Black teen fucks white guy*, escolhido aqui ao acaso, estão o do usuário *Max*, que diz "ótima bunda, grande mas não gorda, provavelmente ainda será boa em 30 anos" e do usuário *Da man* que diz "amei esta

³⁰ ¬The second manifestation of the syndrome is linguistic dismemberment, by which I mean the practice of referring to women by using the names of parts of the body ("cunt" and "piece of ass"). The linguistic equation between a woman and a part of her body objectifies by stripping her of personality. The point is not that a woman becomes embodied, but rather that her ontological status is reduced to that of a part. Acknowledging the other's fleshy existence, as long as the other remains a person (for example, one who can communicate intentions), does not objectify. But linguistic dismemberment goes beyond this. Referring to a woman as "cunt" signifies that she has primarily instrumental rather than intrinsic value. For these reasons linguistic dismemberment is a paradigm of alienation. [tradução minha]

³¹ cum filled asshole, wet cunt fucked, booty hoe gets ass toyed, smalltits brunette interview, big butts like it big (é o nome de um site), Bootylicious wife rides hubbys cock, big tits boss seduced johnny. Visto em www.xvideos.com [acesso em 07/01/2013].

bunda negra, ela é quente, e já era hora destas garotas negras começarem a tomar na bunda".³²

É razoável também postular uma outra face do desmembramento lingüístico, embora Soble não tenha previsto especificamente esta questão ao definir sua teoria. Gail Dines faz ampla referência ao fato de que a indústria pornográfica promova, largamente, a referência às mulheres com termos que as desqualificam. Corroborando com a teoria de Soble, ela diz que a função desta prática é justamente retratar as mulheres como objetos que merecem ser sexualmente explorados. Segundo ela, "é especialmente importante para os pornógrafos retalhar a 'humanidade' das mulheres nas imagens, já que muitos dos usuários da pornografia têm relações íntimas e consolidadas com mulheres no mundo real."³³ (DINES, 2010: p. 63). Ela diz ainda que

"a técnica mais óbvia que os pornógrafos empregam é a segregação verbal deste grupo de mulheres chamando-as de bocetas, putas, *cumdumpsters*, *beavers* etc. No gênero *gonzo* [que será explicado no capítulo subsequente] uma mulher nunca é referida como mulher; ao invés disso, ela é reduzida ao um objeto sexual. Mas reduzir as mulheres apenas a um objeto sexual não é o bastante para o pornografia *gonzo*, e elas são referidas como sujas, nojentas e imundas."³⁴ (Ibidem: p. 64)

A desqualificação da mulher através da linguagem é, sem sombra de dúvidas, mais uma contundente contribuição a sua objetificação, uma vez que ela é apresentada a partir de uma hierarquia de valores que privilegia características negativas e utilitárias, que têm menos a ver com a ontologia da mulher e mais com seu suposto papel social - determinado também pela pornografia, mas antes dela, pela sociedade patriarcal na qual

³² Very nice butt, big but not fat, will probably still be nice in 30 years; love that black ass, shes hot, and its about time black chicks started taking it up the ass [tradução minha] Visto em http://www.xvideos.com/video79974/black_teen_fucks_white_guy#_tabComments. [acesso em 07/01/2013].

³³ It is especially important for the pornographers to shred the humanity of the women in the images, as many porn users have sustained and intimate relationships with women in the real world. [tradução minha]

³⁴ The most obvious technique that the pornographers employ here is to verbally segregate this group of women by calling them cunts, whores, sluts, cumdumpsters, beavers [a tradução dos dois últimos termos não se aplica], and so on. In gonzo, a woman is never referred to as a woman; instead, she is reduced to a sexual object. But reducing women to just sex objects is not enough for gonzo, and they are further referred to as dirty, nasty, filthy. [tradução minha]

a pornografia se desenvolve. Tornando as mulheres desagradáveis e motivos de desprezo e, ao mesmo tempo, desprezando suas qualidades femininas essenciais, a pornografia gera uma compreensão insuficiente e naturalizada a respeito do gênero feminino, contribuindo para a reificação das relações estabelecidas entre os indivíduos, sejam mulheres ou homens.

Por último, o desmembramento fotográfico também guarda relações singulares com a pornografia. Para o autor do conceito, esta dimensão do desmembramento se manifesta na representação gráfica do corpo através de suas partes, característica da publicidade e também da pornografia. Segundo Soble,

Propagandas nas revistas femininas frequentemente incluem fotos que não são do corpo todo da mulher, mas apenas uma parte dele. É fácil encontrar várias propagandas em que a única coisa retratada é um pé, tornozelo, canela, coxas, nádegas, quadris, braços, mãos, dedos, rosto, lábios, nariz ou cabelo de mulher. A mensagem acumulada é de que a mulher é somente a soma de suas partes.³⁵ (SOBLE, 1986: p. 57)

A pornografia contemporânea tem, como uma de suas características mais marcantes, a capacidade de retratar pedaços dos corpos em ângulos que parecem impossíveis à própria experiência humana do ato sexual. Com o extenso uso das tecnologias da imagem, os planos fechados em determinadas partes do corpo da mulher – e, inevitavelmente, também do homem, embora o corpo masculino não seja o objeto por excelência das imagens – são verdadeiros manuais anatômicos e fisiológicos, tanto do corpo quanto da mecânica sexual. De fato, como atesta Soble, a sexualidade masculina no capitalismo parece estar baseada no fenômeno que o autor chama de fixação. Segundo ele,

para alcançar a excitação e a satisfação, um homem precisa ser capaz de concentrar sua atenção sexual em certas partes do corpo feminino. Ele foca nos peitos, nas nádegas, ou na genitália e vê as partes de maneira a elevá-las a um status ontológico (reificado), enquanto a

³⁵ Advertisements in women's magazines often include photographs not of the whole body of a woman but only a part of the body. One can easily set up a series of advertisements in which the only thing pictured is a woman's foot, ankle, calf, thigh, buttocks, hips, arms, hands, fingers, face, lips, nose, or hair. The cumulative message is that a woman is only the sum of her parts. [tradução minha]

parceira é reduzida à soma de suas partes ou a uma de suas partes.³⁶ (Ibidem: p. 59)

Ainda segundo ele, como consequência do fenômeno da fixação, "a mulher se torna, subjetivamente para o homem, sua genitália e sua função sexual, e qualquer personalidade atribuída a ela é estereotipicamente feminina" ³⁷ (Ibidem: p. 58) Em escala maior, a síndrome do desmembramento como um todo, e a conseqüente alienação da mulher, é alavancada pelos componentes da sexualidade masculina no capitalismo – entre eles, o fenômeno da fixação. Sobre argumenta, neste sentido, que a fixação dos homens em determinadas partes do corpo da mulher gera a atenção, também por parte delas, nestas partes do corpo, para garantir a satisfação de seus parceiros. Embora esta fixação masculina pelas partes sexualizadas do corpo feminino seja muitas vezes tratada como natural e inerente ao comportamento humano, Sobre é contundente ao negá-lo, revelando sua origem como resposta e resultado das relações de produção do capitalismo e das posições ocupadas, nestas relações, por homens e mulheres – corroborando, assim, o entendimento de Lukács a respeito da reificação.

É interessante notar que, contrariando a lógica imediata da argumentação relacionada ao desmembramento fotográfico, na maioria dos filmes pornográficos o rosto do homem raramente aparece – quando se trata, é claro, de filmes que retratem o sexo entre um casal heterossexual e que são esmagadora maioria no recorte que este trabalho propõe. Esta ressalva não pretende demonstrar, por óbvio, qualquer surpresa com o fato de que o homem também sofra com o desmembramento provocado pela pornografia e, em termos mais amplos, com a reificação. Esta possibilidade, a propósito, está prevista e analisada por Sobre na continuação de sua obra – segundo o autor, a sexualidade masculina é fundamental na alienação da mulher e para a síndrome do desmembramento, já que, no capitalismo, é em função dela que a sexualidade feminina se constrói.³⁸

³⁶ To achieve arousal and satisfaction, a man must be able to concentrate sexual attention upon certain parts of a woman's body. He focuses upon a breast, or buttocks, or genitals and views them in such a way that the part is raised in ontological status (reified), just as the partner is reduced to the sum of her parts or to one of her parts. [tradução minha]

³⁷ The woman becomes, subjectively for the man, her genitals and sexual function, and whatever personality is still attributed to her is stereotypically feminine. [tradução minha]

³⁸ Para mais informações a respeito da sexualidade do homem sob o capitalismo, conferir Alan Sobre – Pornography: marxism, feminism, and the future of sexuality, 1986.

A aparente personificação da mulher expressa na filmagem de seu rosto, no entanto, deve-se apenas e estritamente ao fato de que, para o público consumidor da pornografia, marcadamente masculino, o interessante é ver seu objeto de interesse: a mulher, as reações libidinosas em suas expressões faciais, como se tomasse, o espectador, o lugar do ator que realiza o ato sexual. Não se pode confundir isso com qualquer esforço, por parte da indústria pornográfica, de humanizar a mulher representada em suas produções.

Indo além da discussão do desmembramento, é preciso se fazer notar que, em adição àquele processo, de modo geral, a pornografia retira de suas representações da sexualidade qualquer componente de subjetividade – as cenas são higiênicas, mecânicas, retratam partes desconectadas dos corpos. Não há, nas interações sexuais ali representadas, qualquer espaço para a expressão de intenções ou emoções, que deem um caráter minimamente plausível às cenas. Soble, em 1986, contestava este tipo de crítica direcionada à pornografia, negando que os componentes sociais e psicológicos da conduta sexual, como o flerte, a recusa, a sedução, o despir, não tivessem lugar na pornografia. Segundo ele, a capacidade da pornografia de gerar a excitação sexual dependia exatamente de sua demonstração destas características sociais e psicológicas, e por isso, a desumanização completa dos personagens e atores, sua total redução ao status de coisas, seria contraproducente na pornografia (1986).

De fato, para os interesses da indústria pornográfica, a completa desumanização não seria interessante. Segundo Schuyler, “a gratificação que a bunda gera deriva em grande medida do conhecimento de que o que está sendo tratado como uma coisa é na verdade uma pessoa [...] tratar uma pessoa como um objeto é excitante para muitas pessoas, ao passo que tratar um objeto como tal não é.”³⁹ (SCHUYLER apud SOBLE, 1986: p. 159). Esta argumentação corrobora a teoria do mito, desenvolvida por Roland Barthes, que ilustra, no campo da linguagem, um processo semelhante ao desmembramento – as relações entre o mito e a pornografia serão, a propósito, analisadas no capítulo subsequente deste trabalho. Isso significa que, para gerar mais interesse nas obras pornográficas, é preciso que o processo de desumanização não seja completo, que se preserve parte do componente humano dos personagens e atores envolvidos. Como diz Soble,

³⁹ The gratification which the piece of ass provides derives largely from the knowledge that what is being treated as a thing is actually a person [...] treating a person as an object is exciting for a lot of people, whereas treating an object as an object is not. [tradução minha]

A desumanização atesta e reconhece a humanidade de seus objetos ao mesmo tempo em que deseja negar esta humanidade. Isso sugere que a desumanização bem sucedida não remove todos os traços do humano, mas *alguns* destes traços, para que a pessoa resultante não seja integralmente humana.⁴⁰ (SOBLE, 1986: p. 159)

Apesar desta argumentação perfeitamente coerente, os filmes pornográficos realizados atualmente já não respeitam tanto aquelas normas. Conquanto não consigam – e pareçam realmente não pretender – desumanizar completamente seus personagens, os caracteres apontados por Soble como definidores desta relativa humanização foram progressivamente abandonados no decorrer da evolução do mercado pornográfico. A excitação oriunda da pornografia contemporânea parece estar, portanto, muito menos ligada ao caráter humano de seus personagens e do exercício de sua sexualidade que propriamente ao processo da desumanização – o que tem a ver com a dimensão hegemônica da pornografia que será também abordada no capítulo seguinte.

Como fruto deste processo, os filmes pornográficos vendidos hoje pela indústria raramente têm qualquer alusão aos processos subjacentes ao sexo - não fazem referências contextuais, não ilustram prelúdios do intercuro sexual, não demonstram componentes subjetivos envolvidos na relação ou mesmo componentes físicos ligados à excitação dos parceiros. O máximo que tais produções se permitem fazer – talvez para não abandonar integralmente o caráter humano de seus personagens, respeitando a 'norma' revelada por Soble e Schuyler explicitada acima – é introduzir as cenas de sexo com alguma história absolutamente banal e irreal que colocam, via de regra, a mulher em uma posição passiva em relação a sua própria sexualidade.

Gail Dines demonstra esta característica ao transcrever a descrição de alguns vídeos encontrados na internet. Um deles demonstra como os homens conhecem melhor que as próprias mulheres quais são as suas vontades. A descrição diz que “Lystra está com saudades de casa e quer se mudar de volta para a Coreia. O professor Lawrence sabe o que é bom para sua melhor estudante – como seu pau dentro do pequeno e úmido buraco dela.”⁴¹ (DINES, 2010: p. 97). Outro exemplo dado pela autora demonstra que,

⁴⁰ Dehumanization asserts and recognizes the humanity of its objects at the same time that it wants to deny that humanity. This suggests that successful dehumanization does not remove all traces of the human, but removes some of the traces of the human, so that the resulting person is not fully human. [tradução minha]

⁴¹ Lystra is homesick and wants to move back to Korea. Professor Lawrence knows what's best for his best student – like his cock inside her moist, little hole. [tradução minha]

na pornografia, a mulher sempre quer o sexo, embora possa demonstrar que não. O vídeo em questão é descrito da seguinte forma: “Katie estava um pouco relutante no início, mas depois que dois paus duros deixaram seu anus bem aperto ela gritou com alegria”⁴² (Idem). Um terceiro exemplo mostra como as mulheres, entendidas desde o ponto de vista da pornografia, estão sempre a procura e prontas para o sexo, com qualquer homem disponível. A descrição do vídeo em questão diz que “Vanessa pode parecer uma menina doce, mas no fundo, ela é uma puta querendo um grande pau branco.”⁴³ (Idem).

Os enredos da pornografia realmente mostram, em geral, alguma conversa entre um homem e uma mulher que, em alguns minutos e a despeito do conteúdo, leva a uma excitação sexual irrefreável por parte dela. Mesmo este tipo de introdução formal, contudo, é bastante rara nos filmes. Isto é o que atesta Gail Dines após entrevistar Holly Randall, uma das poucas produtoras mulheres no ramo da pornografia:

A maioria dos atos de que Randall fala são encontrados no subgênero da pornografia chamado de *gonzo* pela indústria. Frequentemente referido como *wall-to-wall* por conter cenas de sexo seguidas de cenas de sexo sem nenhuma tentativa de roteiro ou estória, esse tipo de pornografia é, de acordo com um artigo de 2005 na AVN⁴⁴, “o gênero pornográfico esmagadoramente dominante uma vez que é menos caro para produzir que atrações com roteiros”⁴⁵ (DINES, 2010: p. xxii)

Esta objetivação da sexualidade promovida pela indústria pornográfica, completamente estanque de qualquer componente subjetivo, é crucial para compreender

⁴² Katie was a bit reluctant at first but after two hard cocks stretched her tight ass wide open she screamed with joy. [tradução minha]

⁴³ Vanessa might seem like a sweet girl, but deep inside, she's a whore wanting big white dick. [tradução minha]

⁴⁴ Adult Vídeo News é, segundo a própria descrição da instituição, a maior consolidadora mundial de notícias de entretenimento adulto, conteúdo e informação. <http://www.avnmedianetwork.com/>

⁴⁵ “Now it's a question of how many dicks Most of the acts Randall is talking about are found in a subgenre of porn called gonzo by the industry. Often referred to as wall-to-wall because it contains sex scene after sex scene with no attempt at a plot or story line, this type of porn is, according to a 2005 article in AVN, “the overwhelmingly dominant porn genre since it's less expensive to produce than plot-orientated features.” [tradução minha]

ainda melhor o potencial de reificação que a pornografia contemporânea possui. É realmente necessário, neste sentido, discutir a maneira como ela lida especificamente com a sexualidade – a margem das discussões de gênero que marcaram a análise até aqui. A sexualidade talvez seja, das características fundamentais do ser humano, aquela que está mais permeada pela subjetividade. Não por acaso, ela é a base e a origem de toda uma teoria da sexualidade que é, provavelmente, a mais importante contribuição já feita ao estudo da psicologia humana. É este manancial de subjetividade que a pornografia logra reduzir ao status ontológico de coisa. Ela coisifica não só os homens e as mulheres, enquanto tais e em suas interações sociais – tanto aqueles envolvidos na produção quanto os consumidores da pornografia – como também, e talvez em maior medida, suas relações mediadas pela sexualidade – que pressupõem, em maior ou menor medida, o afeto ou, no mínimo, a afinidade. Esta relação adquire, na pornografia mais que em qualquer outro lugar de representação, a qualidade de uma relação entre objetos, entre coisas inertes e independentes das vontades humanas. As relações são mecânicas, maquinicas, totalmente previsíveis em seu funcionamento estritamente racional e produtivamente eficaz.

Lukács diz que:

Não há nenhuma forma natural de relação humana, tampouco alguma possibilidade para o homem fazer valer suas “propriedades” físicas e psicológicas que não se submetam, numa proporção crescente, a essa forma de objetivação. Basta pensar no casamento: é desnecessário remeter sua evolução ao século XIX, visto que Kant, por exemplo, exprimiu com clareza essa situação com a franqueza ingenuamente cínica dos grandes pensadores. “A comunidade sexual”, diz, “é o uso recíproco que um ser humano faz dos órgãos e das faculdades sexuais de outro ser humano [...]. O casamento [...] é a união de duas pessoas de sexos diferentes em vista da posse recíproca de suas propriedades sexuais durante toda sua vida.” (2003: p. 223)

O exemplo do casamento é realmente pertinente ao objeto deste trabalho. Afinal, se no casamento a reificação manifesta-se na coisificação da sexualidade entre dois parceiros – uma relação mútua, conforme a descrição de Kant evocada por Lukács – na pornografia isto se intensifica uma vez que sequer há a reciprocidade. É um nível

superior de reificação das relações sexuais se comparada a esta descrição do casamento que, por sinal e sintomaticamente, não leva em conta os aspectos afetivos da relação conjugal. Pode ser que esta dimensão das relações, no casamento, não estivesse realmente sujeita ao processo da reificação posto que talvez, à época de Kant e também à de Lukács, a mercantilização do sentimento não fosse palpável enquanto tal.

Isso leva a crer que a pornografia insere ainda outra dimensão humana no fenômeno da reificação – as relações afetivas. Se o capitalismo, como já explicado, essencialmente aliena os homens dos outros homens em suas relações na esfera da divisão do trabalho; se os homens não se identificam como partes vitais e relacionadas do processo de trabalho investido em cada objeto que consomem ou produzem; se ao homem não se lhe permite identificar a si – e a seus iguais – enquanto donos de si mesmos e de seus devires, a pornografia, acometida pela herança do capital, encerra em si a patente possibilidade de que o homem já não possa reconhecer em seu parceiro afetivo um outro dotado de autonomia sobre sua própria condição humana – tornando-se, a relação afetiva, também uma relação entre objetos aparentemente inertes, mas, sobretudo, uma relação onde a objetificação de um sujeito se traduz em dominação.

Este processo gera, também nos que tomam parte na produção, mas sobretudo no consumidor, a reificação de suas consciências, que se moldam às premissas que a pornografia está enunciando. Quando o indivíduo sai da experiência pornográfica com o entendimento de que o corpo da mulher é um objeto de satisfação, sua consciência encontra-se em um estado avançado da reificação capitalista. A experiência sexual com a mulher tornar-se absolutamente mediada pelos pressupostos subjetivos engendrados pela forma mercadoria. A porção sexual e afetiva de sua consciência encontra-se inundada pelo fetichismo da mercadoria que o transforma, ao próprio indivíduo, em um espectador passivo do devir social: para ele, o fato de que a mulher seja um objeto, tal qual uma mercadoria, não assume nenhuma forma humana, mas está relacionado à natureza ontológica das coisas, do mundo tal qual é. Sua necessidade sexual também é satisfeita a partir da lógica do capitalismo, em conformidade com as leis da troca de mercadorias, como se a sua própria sexualidade fosse um produto apartado de si, com suas qualidades e vontades próprias independentes da sua subjetividade humana. As propriedades e as faculdades dessa consciência não se ligam mais somente à unidade orgânica da pessoa, mas aparecem como ‘coisas’ que o homem pode ‘possuir’ ou ‘vender’, assim como os diversos objetos do mundo exterior.

Estas características reafirmam categoricamente as lições de Lukács a respeito da reificação, justamente porque demonstram, de maneira inequívoca, a influência e a primazia das relações capitalistas de produção de mercadorias na determinação das relações sociais desenvolvidas sob o capitalismo – e, neste caso, especificamente das relações sexuais. Neste sentido, é preciso compreender especificamente quais são as conseqüências do domínio da produção sobre a sexualidade no capitalismo.

Em primeiro lugar, é importante dar atenção ao processo do trabalho. O trabalho voltado à produção de valores-de-troca em detrimento de valores-de-uso tem particularidades importantes nesta discussão. O princípio de desempenho, imposto por este regime de trabalho, leva inevitavelmente à dessensibilização do corpo do trabalhador. A fragmentação do processo de produção e do próprio produto tem como conseqüência a fragmentação do próprio trabalhador, que se torna, neste sistema, uma quantidade de trabalho quantificável antes de um indivíduo. Isto está de acordo – e é indispensável – com a estrutura produtiva do capitalismo, que não pode prescindir de toda a capacidade de trabalho que o homem pode oferecer. Assim, um corpo dotado de emoções e sensibilidades exacerbadas não está conforme a esta estrutura, pois cede energia produtiva do processo de trabalho a outras esferas da vida. Marcuse, por exemplo, chega ao extremo de opor o trabalho e as experiências sensoriais ao afirmar que, caso o trabalhador assalariado do capitalismo moderno fosse dotado de toda a sua capacidade sensorial, em outras palavras, se pudesse estabelecer claramente a diferença entre uma atividade agradável e o trabalho, ele se rebelaria contra o último (MARCUSE, 1968). Neste sentido, Soble diz que

A produção de mercadorias com valor-de-troca dessensibiliza ao condicionar o trabalhador a eliminar sensações e prazeres corporais interferentes, e a suprimir a criatividade, a espontaneidade e a diversão. O princípio capitalista de desempenho transforma o corpo, de uma fonte de prazer, em um instrumento no processo de produção. [...] O corpo trabalhador não é um corpo para ser desfrutado.⁴⁶ (SOBLE, 1986: p. 68)

⁴⁶ Production of commodities with exchange-value desensitizes by conditioning the laborer to eliminate interfering bodily sensations and pleasures and to suppress creativity, spontaneity, and playfulness. The capitalist performance principle transforms the body from a source of pleasure to an instrument in the process of production. [...] The laboring body is not a body to be enjoyed. [tradução minha]

O trabalhador eficiente para o capitalismo, portanto, desenvolve apenas aqueles sentidos que são coerentes e eficazes para a produtividade. Isso explica, em parte e de um ponto de vista materialista, o componente exacerbadamente visual da sexualidade masculina – muitas vezes justificada biologicamente. A visão é, de fato, indispensável ao trabalhador assalariado que produz mercadorias. O retraimento dos sentidos de contiguidade (MARCUSE, 1968), por sua vez, leva a uma exacerbação da visão. Levando-se em conta que este espaço da divisão sexual do trabalho foi historicamente ocupado por homens, faz sentido que sua sexualidade seja marcadamente influenciada pela visão e a sexualidade feminina não. É claro que a mulher foi, em um período relativamente recente, alçada ao mundo do trabalho, e este argumento poderia ser utilizado para negar a explicação materialista do componente visual da sexualidade masculina. Sobre, entretanto, sustenta que

O efeito horizontal assegura que a psicosexualidade gerada por um modo de produção persiste muito depois deste modo haver sido modificado ou mesmo substituído. É correto, portanto, estudar a família e outras instituições sociais que desempenham papéis importantes na manutenção horizontal da subjetividade. O ponto a se lembrar é que, mesmo nas próximas décadas, a sexualidade masculina continuará a ter componentes mais apropriados à produção capitalista primária, mesmo que ela mude em resposta a técnicas mais recentes de produção.⁴⁷ (Ibidem: p. 71)

Além deste argumento de ordem filosófica, não se pode perder de vista que, mesmo exercendo o trabalho assalariado antes reservado exclusivamente aos homens, são as mulheres que sofrem com o que se chama de duplas jornadas de trabalho. Para além dos empregos externos ao lar, cabe a elas – na esmagadora maioria dos casos – as funções domésticas relacionadas ao trato da casa e da família – e que são atividades consideravelmente mais holísticas e menos fragmentadas que o trabalho chamado produtivo.

⁴⁷ The horizontal effect insures that psychosexuality generated by a mode of production persists long after the mode has been modified or even replaced altogether. It is quite right, therefore, to study the family and other social institutions that play important roles in the horizontal maintenance of subjectivity. The point to remember is that even in the coming decades, male sexuality will continue to have components more appropriate to earlier capitalist production, even as it changes in response to more recent production techniques. [tradução minha]

É preciso atentar também para o fato de que, uma vez que a sexualidade no capitalismo tem uma função utilitária – por um lado ela é útil na reprodução e, por outro, é útil na liberação de tensão de um corpo engendrado em horas de atividades não sensoriais – ela também acaba por contribuir na separação entre a atividade sexual e a afetividade. Em adição à dessensibilização corporal,

A atividade sexual que é restrita à liberação de tensão encoraja a objetificação do parceiro. Um corpo dessensibilizado não aprecia inteiramente as sensações táteis, e na medida em que a carícia tátil expressa o aspecto afetivo da atividade sexual, a dessensibilização separa o afeto do sexual. Porque o corpo dessensibilizado eleva o componente visual da sexualidade, que é menos íntimo que o toque, a separação é ainda mais alentada.⁴⁸
(Ibidem: p. 70)

Nesta operação de separação, entre o afeto e a sexualidade, concorre também a divisão das tarefas característica da produção moderna de mercadorias. A especialização do trabalho – que nos termos de Marx promove a alienação do próprio sujeito produtor do fruto de seu trabalho – enfatiza a separação entre o trabalho intelectual e o manual, contribuindo para a separação entre afeto e sexualidade. “Para o trabalhador que separa o mental do manual durante o trabalho”, diz Soble, “a integração do mental (afeto) com o físico durante o sexo é menos possível”⁴⁹ (Ibidem: p. 71). Apelando ao princípio de que as pessoas são o que fazem, é correto afirmar que a fragmentação do trabalho através da especialização leva as pessoas a “tratar as outras como máquinas (em particular, homens tratam sexualmente as mulheres como máquinas) quando sua atividade principal envolve uma relação com uma máquina (nos dias de hoje [em 1986], inclusive computadores).”⁵⁰ (Idem).

⁴⁸ Sexual activity that is restricted to a release of tension encourages the objectification of the partner. A desensitized body does not fully appreciate tactile sensations, and to the extent that the tactile caress expresses the affectionate aspect of sexual activity, desensitization separates affection from the sexual. Because a desensitized body heightens visual sexuality, which is less intimate than touch, the separation is further encouraged.

⁴⁹ For the laborer who separates mental from manual during labor, the integration of the mental (affection) with the physical during sex is less possible. [tradução minha]

⁵⁰ [...] treat others as machines (in particular, men treat women sexually as machines) when their major activity involves a relationship with a machine (today, include computers). [tradução minha]

Como se pode ver são muitas as características compartilhadas pelo capitalismo e pela pornografia que levam a objetificação através da sexualidade. A separação entre o afeto e a sexualidade; o distanciamento e a objetificação entre os parceiros sexuais; a fragmentação do corpo – próprio e também do parceiro –; a exacerbação do componente visual da sexualidade em detrimento de outros sentidos que estão mais ligados à intimidade; a mercantilização da excitação, do prazer e dos corpos, principalmente o feminino; a dessensibilização dos indivíduos; a instrumentalização dos sentidos; – todas estas são características comuns ao capitalismo e à pornografia justamente porque reciprocamente determinadas. Com este propósito, Soble afirmou categoricamente que, “como uma mercadoria, a pornografia representa a expansão do capital sobre outra área da vida.”⁵¹ (Idem). Ou seja, a forma mercantil da pornografia – uma determinação do capitalismo – eleva o próprio capitalismo a um patamar ainda superior de dominação.

Isto quer dizer que estas características da sexualidade sob o domínio do capitalismo estão na origem da pornografia moderna tal qual a conhecemos hoje e, ao mesmo tempo, são incansavelmente promovidas por esta mesma indústria pornográfica. Este processo dialético de influência entre a realidade e suas representações – a reciprocidade das influências entre o capitalismo e a pornografia – é a chave para compreender a discussão a respeito do papel da ideologia que será feita no próximo capítulo.

⁵¹ As a commodity, pornography represents the expansion of capital into another area of life. [tradução minha]

Capítulo 3 – Pornografia e hegemonia

3.1 – Discurso pornográfico e dispositivo de sexualidade

No início de sua História da Sexualidade – volume I, Foucault faz, de maneira um tanto poética, uma breve análise histórica do que se pode, descompromissadamente, chamar de “boas maneiras”. Assim escreve:

“Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’.

“Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobre só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções.” (FOUCAULT, 2011: pp. 9-10)

O decorrer do século XX torna esta situação, qual descrita pelo filósofo, bastante ambígua. Se por um lado o ‘despudoramento’ das práticas sociais cresce em uma curva exponencial, alcançando uma quase total desinibição sexual da sociedade, por outro, de alguma maneira estas práticas estão cada vez mais escondidas, particularizadas, reservadas ou solitárias. Bonecas infláveis, jogos eróticos, pornografia em casa – o

prazer, ao alcance da solidão, não precisa mais ser compartilhado. Mas qual é a consequência disso? Está tudo bem com essa situação? Não é mais nos consultórios ou nos prostíbulos que a sexualidade encontra, a altos preços, a sua liberação. Agora o ‘anormal’ sexual – o obsessivo, o maníaco, o sadomasoquista, o homossexual, o polígamo – deflora-se dentro de casa e, o que pode ainda ser pior para um sistema erigido sobre a normalidade, a regra, a padronização, de maneira praticamente gratuita.

Foucault tem uma intenção clara e manifesta com sua pesquisa. Quer revelar e destrinchar histórica e filosoficamente os mecanismos de poder que atuam sobre e através da sexualidade, suas motivações e seus efeitos. Diz o próprio:

[...]o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as ‘técnicas polimorfos do poder’. (FOUCAULT, 2011: pp. 9-10)

Este trabalho tem a intenção de analisar a pornografia contemporânea à luz destes questionamentos levantados por Foucault, a respeito das relações entre saber, prazer e poder. Ora, o filósofo francês certamente se veria instigado e obrigado a fazer diversos apontamentos à sua obra se tivesse a oportunidade de conhecer o que se tornaria a pornografia no mundo do futuro. Esta afirmação, contudo, necessita de uma breve discussão, para que a distinção entre o antigo e o novo campo da pornografia não pareça questão simples, dado que não o é, ou fruto de uma separação artificial, meramente opinativa. Não se trata, é certo e aqui se procurará mostrar, de uma comum tendência ao ponto de vista apocalíptico quando da análise de períodos históricos contíguos, mas de uma compreensão que encontra em dados concretos e relacionados entre si e no desenvolvimento da própria história, sua relevância.

Há, na literatura científica, indícios de que a pornografia realmente tenha sofrido um vertiginoso processo de massificação e aceitação social. Entre os autores que atestam essa afirmação, pode-se citar os célebres nomes de Gail Dines e Linda Williams. A escolha destas autoras em particular se deve ao fato de que elas formem um exemplo muito significativo para esta discussão: em primeiro lugar, porque ambas estão situadas na contemporaneidade ao escreverem sobre a pornografia; depois, porque suas

obras constituem um conjunto de opiniões diversas a respeito do tema geral da pornografia, mas que apesar disso, concordam no tocante à quantidade e à proliferação da pornografia. Williams dá, ainda em 2004, uma série de dados numéricos a respeito da indústria pornográfica, em especial na citação da autora feita no capítulo anterior onde ela compara as receitas da pornografia com as ligas profissionais de basquete, baseball e futebol americano nos Estados Unidos.

Já Gail Dines, em *Pornland*, de 2010, trata a questão de maneira quantitativa e qualitativa. Depois de citar dados econômicos que superam os apresentados por Williams (segundo Dines, a indústria pornográfica valia cerca de 96 bilhões de dólares ainda em 2006), a autora diz que

A escala do negócio da pornografia tem implicações importantes. Em um sentido profundo, as indústrias do entretenimento não só nos influencia; elas são a nossa cultura, constituindo nossas identidades, nossas concepções do mundo e nossas normas de comportamento aceitável. Mas a escala do negócio da pornografia tem mais ramificações de longo alcance. A pornografia é um impulsionador chave das inovações tecnológicas, e foi pioneira em novos modelos de negócio, que estão sendo difundidos por toda a economia. Por sua vez, as tecnologias desenvolvidas e as técnicas de negócios moldaram os conteúdos e formatos da pornografia. Ela é incorporada em uma crescente, complexa e extensiva cadeia de valores, ligando não só produtores e distribuidores mas também banqueiros, software, cadeias de hotéis, celulares e companhias de internet.⁵² (2010: pp. 47 e 48)

O próprio aumento da produção intelectual acerca da pornografia é, em si, um dado concreto deste processo. No entanto, a observação empírica parece mesmo ser o

⁵² While videos and DVs drove the rapid growth of the pornography market in the two decades from the mid-1970s to the mid-1990s, it is the rapid growth of the Internet, especially broadband access, that has galvanized continued market expansions in recent years. [...] The scale of the pornography business has important implications. In a profound sense, the entertainment industries do not just influence us; they are our culture, constituting our identities, our conceptions of the world, and our norms of acceptable behavior. But the scale of the porn business has more far-reaching ramifications. Porn is a key driver of new technological innovations, shapes technological developments, and has pioneered new business models, which have then diffused into the wider economy. In turn, evolving technologies and business techniques have shaped the content and format of pornography. Porn is embedded in an increasingly complex and extensive value chain, linking not just producers and distributors but also bankers, software, hotel chains, cell phone and Internet companies. [tradução minha]

melhor modo de comprová-lo. Mas antes de tudo, a observação histórica e material da evolução da pornografia e de seus processos subjacentes pode explicar, de maneira radical – na raiz da questão –, os motivos e as circunstâncias que levaram a pornografia ao lugar de centralidade que ela ocupa hoje na sociedade.

A nova era da pornografia

Há, sobretudo, três argumentos – ou fatos históricos – que explicam a explosão no consumo e, como manda o sistema capitalista, na produção da pornografia no mundo contemporâneo. Entre eles, um é de ordem especificamente tecnológica; outro, de ordem social; o último, uma mescla dos precedentes é, portanto, de ordem sócio-tecnológica. Passemos a eles.

I - Quando, em 1836, o calótipo substituiu o ainda recente daguerreótipo, suas vantagens em relação ao processo anterior tornaram a invenção bastante popular na produção fotográfica. Em primeiro lugar, seu negativo, feito de vidro, permitia uma reprodução praticamente ilimitada de uma mesma foto, e, além disso, os tempos de exposição da fotografia eram consideravelmente menores. Alguns autores marcam este período como o início de um mercado verdadeiramente massivo para a produção de pornografia – fotografias de mulheres nuas, atos sexuais etc.. De qualquer maneira, um dado concreto que demonstra a evolução da pornografia aliada àquele desenvolvimento tecnológico é que, em 12 anos, de 1948 a 1960, Paris passou a ter 400 estúdios fotográficos contra os 30 que existiam no início do período – a maioria dos quais, obtendo lucros da venda ilícita de material pornográfico, agora acessível às massas graças ao novo processo de produção.⁵³

Inovações tecnológicas como aquela, de menor ou maior envergadura, aconteceram algumas vezes no passar da história: a impressão por *halfotne*, a invenção das revistas masculinas, a película 8mm e o super-8, seguidos pela invenção do *videotape* são alguns exemplos. Mais recentemente, contudo, o voraz avanço das tecnologias de vídeo tornou a produção da pornografia extremamente barata e descentralizada. Antes, para a realização de um filme, eram necessários equipamentos caríssimos, além de seu complicado domínio técnico. Hoje, ao contrário, bastam uma câmera relativamente barata e de uso extremamente intuitivo, e um computador simples

⁵³ Pornography: A Secret History of Civilisation, 1999.

com acesso à internet. Temos, portanto, o desenvolvimento da tecnologia como um dos motores desta explosão na pornografia.

II – O desenvolvimento das tecnologias tem, é claro, suas implicações e consequências na sociedade como um todo. Ao mesmo tempo em que a mentalidade social influi neste desenvolvimento tecnológico, é por ele afetado. A evolução tecnológica foi, portanto, acompanhada de uma mudança gradual na compreensão da sociedade a respeito da sexualidade, ou ao menos – se não se quer correr o risco de subestimar a relação da sociedade com a sexualidade dizendo-a propriamente compreensiva – na sua aceitação. Em algum momento, as pernas das mulheres, por exemplo, estavam encerradas sob longas saias. A pornografia, a propósito, esteve proibida em todo o mundo durante muito tempo, e continua sendo em alguns lugares. O fato é que, hoje, a sociedade – guiada também pelos processos tecnológicos, mas provavelmente com papel especial para o mercado e sua propaganda comercial – aceita a sexualidade, a sensualidade e a própria pornografia – se entendemos que Hollywood, as novelas, a publicidade e até mesmo o Show da Xuxa podem, muitas vezes, ser pornográficos – com muito menos resistência ou até mesmo com naturalidade. Esta é, embora influenciada numa via de mão dupla pela tecnologia, uma mudança de caráter social a respeito da pornografia – e da sociedade – moderna.

III – Recorrendo novamente às relações intrínsecas entre desenvolvimento social e o desenvolvimento material da sociedade, é preciso apontar as mudanças que ocorreram, ao longo da história, nas maneiras de distribuição e consumo da pornografia. As plataformas físicas de mídia que foram, até um momento relativamente recente, as únicas maneiras de distribuição, praticamente sucumbiram à revolução digital da internet. O CD-ROM e o DVD já haviam sepultado as fitas de videocassete quando as altas taxas de transmissão elevaram o *streaming* de vídeo ao patamar que ocupam hoje o *Youtube* e demais serviços de vídeo na internet – incluídos aí os sites de pornografia. A distribuição da produção pornográfica, antes lenta e muito custosa, se tornou praticamente imediata e gratuita.

Aqui se revela uma diferença que pode passar despercebida pelo olhar desatento: com todo o tabu que existe em torno à sexualidade e, mais especificamente, o estigma que sofre a pornografia, o fato de que seu consumo tenha se tornado independente da mediação humana – o trabalhador da locadora de filmes, o vendedor da banca de jornais, o porteiro a receber a correspondência ou qualquer outro que se interponha entre

a obra pornográfica e seu espectador – é de extrema magnitude no que diz respeito ao desenvolvimento da pornografia pela internet nos últimos anos, tanto por conta dos motivos econômicos já citados, mas sobretudo por motivos psicossociais ligados à culpa, à vergonha, à moral e outros componentes da psique social.

Dada esta breve e didática análise sócio-tecnológica da evolução da pornografia, podemos confirmar suas projeções através da empiria. Para tanto, é suficiente analisar os dados que o site *Onlinemba.com* levantou a partir de um estudo que demonstra categoricamente o tamanho agigantado que ocupa hoje a pornografia no seio de nossa sociedade - já citado no primeiro capítulo deste trabalho. Os dados são estarrecedores:

Cerca de 12% dos sites na internet são pornográficos; a cada segundo 28.258 usuários estão assistindo à pornografia; 40 milhões de norte-americanos são visitantes regulares de sites pornográficos; a indústria pornográfica mundial vale algo em torno de 4,9 bilhões de dólares; 2,5 bilhões de emails enviados diariamente – cerca de 8% do total – são pornográficos; 25% das procuras em mecanismos de busca, o equivalente a 68 milhões por dia, são relacionadas à pornografia; 35% dos downloads efetuados na internet são de material pornográfico; 34% dos usuários de internet experimentaram exposição indesejada à pornografia.⁵⁴

Visto tudo isto, portanto, é preciso analisar as afirmações e categorias apresentadas por Foucault à luz do que sabemos, hoje em dia, a respeito da pornografia. Para tanto, será necessário inscrever a pornografia – por excelência um discurso – no dispositivo de sexualidade desenvolvido pelo autor:

A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com ficuldade, mas à grande rede da superfície que que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2011: p. 116 e 117)

A pornografia está, é óbvio, inserida em uma economia dos discursos sobre a sexualidade. Realmente não seria razoável postular que, justamente a pornografia, seria um mecanismo de interdição do sexo, mas ao invés disso, parece correto trabalhá-la

⁵⁴ Disponível em: <http://www.onlinemba.com/blog/stats-on-internet-pornography/> Acesso em 03/04/13

como mais um componente na grande empresa do poder de controle social da sexualidade – e um mecanismo que despontou e evoluiu significativamente depois da teorização de Foucault. Mas, o que diz a pornografia sobre a sexualidade? Quais são suas contribuições ao exercício do poder através do sexo?

Em relação a seu discurso propriamente dito, a pornografia disponível na internet tem particularidades que precisam ser apontadas na tentativa de compreender sua posição mais geral nas relações de poder. O gênero *mainstream* da pornografia, que representa a larga maioria do material disponível na internet – de forma paga ou gratuita – retrata um tipo de sexualidade padronizado que não trata de afetos, relações humanas, mas de uma interação meramente corpórea, fugaz e eficaz entre dois ou mais parceiros sexuais. É, para além, uma demonstração inequívoca do papel subalterno da mulher na sociedade, reproduzido nestas narrativas pornográficas – onde a mulher é, via de regra, retratada como instrumento de prazer do homem⁵⁵; nas relações de trabalho entre os envolvidos nas produções – onde a mulher, ao ceder seu corpo, tem prejuízos muito maiores que os homens⁵⁶; no consumo e na própria produção – pensados exclusivamente para atender às demandas masculinas; nos parâmetros da imagem – com câmeras, movimentos e enquadramentos favoráveis ao ponto de vista masculino. Sobre esta característica, Gail Dines cita, em sua obra, um estudo sobre a pornografia contemporânea que demonstra que a maioria das cenas de 50 filmes entre os mais lucrativos da indústria pornográfica continha abuso físico e verbal das atrizes (DINES, 2010).

No que tange à pornografia, Foucault está absolutamente correto ao criticar e identificar as características do poder pensado a partir do que ele chama de modelo monárquico-jurídico. O que ele identifica como *ciclo de interdição* – “não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças [...] Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição” (FOUCAULT, 2011: p.94) – de fato parece o oposto do que o mercado pornográfico predica – e logra com gigantesco e inquestionável sucesso. A pornografia depende justamente do interesse pelas práticas sexuais, de seu exercício, da curiosidade para com elas.

⁵⁵ Para mais informações a respeito do gênero *mainstream* da pornografia, ver Gail Dines – *Pornland: How pornography has hijacked our sexuality*, 2010.

⁵⁶ Para mais informações a respeito das mulheres no mercado de trabalho pornográfico, ver Gail Dines – *Pornland: How pornography has hijacked our sexuality*, 2010; e María Elvira Días-Benítez – “Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô”, 2009.

Depois, ao identificar a *lógica da censura* – “afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista” (Idem) – demonstra novamente a insuficiência do modelo monárquico-jurídico para analisar a pornografia, mais especificamente, e a sexualidade, de forma mais geral, contemporâneas. O mercado pornográfico exige da dinâmica social que se afirme a permissão da pornografia, que se fale sobre a pornografia (quase sempre de maneira velada ou mascarada, raramente de maneira direta), afirmar categoricamente, em todos os espaços, que ela existe e que está presente. Diz o filósofo que “[...] é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos” (2011: p. 96).

Falando do poder como “situação estratégica complexa numa sociedade determinada”, “multiplicidade de correlações de força” que “provém de todos os lados” e “toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”, em suma, “suas formas terminais” (2011), Foucault escreve

Quanto ao sexo e aos discursos da verdade que dele se ocuparam, a questão a resolver não será, portanto: dada a estrutura estatal, como e porque “o” poder precisa instituir um saber sobre o sexo? Também não deverá ser: a que dominação global serviu, desde o século XVIII, a preocupação em produzir discursos verdadeiros sobre o sexo? Nem tampouco: que lei presidiu, ao mesmo tempo, à regularidade do comportamento sexual e à conformidade do que se dizia sobre ele? (FOUCAULT, 2011: p.107)

Ora, de fato estas perguntas têm importância menor em sua empreitada, e de alguma maneira já estão respondidas pelo desenvolvimento da história, suas pistas e marcas foram deixadas à sociedade pelo transcorrer do tempo, das estruturas políticas e sociais. Existem interesses – uma rede fluida e auto-ajustável de interesses divididos entre diversas instituições – a regular a sexualidade dos indivíduos, atuando por fora de sua individualidade e, através do tempo, também por dentro – o que Marcuse chama de *mais-repressão*, os mecanismos de controle introduzidos na sociedade que estão além dos indispensáveis à possibilidade da associação humana (1968). Em relação à pornografia e suas instâncias de poder – relacionadas também ao mercado – esta *mais-repressão* tem especial importância, pois torna a gratificação ainda mais prazerosa:

O poder de restringir e orientar os impulsos instintivos [como os do sexo], de transformar as necessidades biológicas em necessidades e desejos individuais, em vez de reduzir, aumenta a gratificação: a “mediatização” da natureza, a ruptura de sua compulsão, é a forma humana do princípio de prazer. (MARCUSE, 1968: p. 53).

Segue Foucault:

Ao contrário: em tal tipo de discurso sobre o sexo em tal forma de extorsão de verdade que aparece historicamente e em lugares determinados (em torno do corpo da criança, a propósito do sexo da mulher, por ocasião das práticas de restrição dos nascimentos etc.), quais são as relações de poder mais imediatas, mais locais, que estão em jogo? Como tornam possíveis essas espécies de discursos e, inversamente, como esses discursos lhes servem de suporte? De que maneira o jogo dessas relações de poder vem a ser modificado por seu próprio exercício – reforço de certos termos, enfraquecimento de outros, efeitos de resistência, contra-investimentos, de tal modo que não houve um tipo de sujeição estável dado uma vez por todas? (FOUCAULT, 2011: pp. 107, 108)

Em torno do sexo da mulher, as relações de poder mais imediatas talvez sejam as relações de gênero, que têm a ver com relações entre sexos, homens e mulheres. Esta relação – de poder e disputa, por excelência – está inserida em outra, mais abrangente e que torna a oposição homens x mulheres ‘obsoleta’, ou insuficiente, se levamos em consideração seus desdobramentos. Que decorre do fato de que, na sociedade, entre mulheres e homens, haja uma disparidade flagrante de poder em benefício destes? Entre diversas implicações, pode-se citar, com grande nível de importância, o fato de que mulheres ocupem, na divisão social do trabalho, cargos piores e menos remunerados. A dinâmica do poder homens x mulheres é abrangida e abarcada por um conflito maior, entre trabalhadores e empregadores – uma breve demonstração da teoria de que a opressão da mulher é, fundamentalmente, uma questão de classes⁵⁷.

Este é apenas um dos diversos exemplos – que cabe aqui pela temática do trabalho, que tem a ver também com o papel que desempenha a mulher na pornografia –

⁵⁷ Sobre a abordagem da opressão das mulheres como um conflito de classes, ver Evelyn Reed - Sexo contra sexo ou classe contra classe, 2008.

de como as relações de poder estão hierarquizadas por conflitos de envergaduras diferentes.

Enfim, diz o filósofo, onde demonstra o domínio da questão dos poderes elaborada acima – mas onde cabe, no entendimento deste trabalho, ratificar que o ‘Grande Poder’ não é uma construção metafísica e ignorável:

Em linhas gerais: ao invés de referir todas as violências infinitesimais que se exercem sobre o sexo, todos os olhares inquietos lançados sobre ele e todas as ocultações com que se oblitera o conhecimento possível do mesmo, à forma única do Grande Poder, trata-se de imergir a produção exuberante dos discursos sobre o sexo no campo das relações de poder, múltiplas e móveis. (FOUCAULT, 2011: p. 108)

A isso se seguem as explicações acerca das categorias da *regra da imanência* – que predica as exigências do poder atuando sobre a proibição da sexualidade; e da *regra do duplo funcionamento* – que estabelece a dialética entre os ‘focos locais’ de poder e sua ‘estratégia global’, uma instância influenciando a outra.

A pornografia se revela, portanto, em relação a toda a teoria exposta até aqui, como mais um mecanismo que permite ao poder chegar às mais tênues e mais individuais das condutas – especialmente retomando-se o alarmante dado apresentado por Gail Dines, a respeito da média de idade do primeiro acesso à pornografia na internet, de 11 anos (DINES, 2010). De fato, Foucault dispensa atenção ao problema da sexualidade das crianças, em diferentes épocas históricas, e mesmo no período em que escreve seu livro. Diz o filósofo, a respeito da infância:

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. (FOUCAULT, 2011: p.10)

Aqui se revela o caráter ambíguo da pornografia, e que motivou ferozes debates entre grupos feministas nos Estados Unidos, sobretudo na década de 80⁵⁸. É preciso que se leve em conta que a pornografia, ao menos na sua aparência e de maneira formal,

⁵⁸ Sobre os debates, comumente denominados *Sex Wars*, ver Ann Ferguson – *Sex War: The debate between radical and libertarian feminists*, 1984.

promove uma espécie de desinterdição do sexo, ao apresentá-lo de maneira ampla – em várias formas, para distintos gostos, com detalhes incomuns ou corriqueiros – para um grande número de pessoas que, não fosse pela pornografia, talvez não tivessem acesso a esta ‘informação’⁵⁹. Ou seja, a pornografia torna o sexo mais próximo de uma gama muito extensa da sociedade, onde se inclui, também, o público infantil. O problema reside na maneira, ou ponto de vista, a partir do qual se opera esta aproximação – que deve ser severamente questionado por conta de seu conteúdo.

Apresenta-se, então, uma grave dificuldade na tarefa de criticar a pornografia, uma espécie de beco sem saída. Afinal de contas, em se tratando de extremos pragmáticos (como eram os debates feministas), o que é melhor, proibir a pornografia – deixando a sociedade livre das deformações sociais que ela apresenta; ou, ao contrário, deixá-la livre para consumir esta produção e tornar-se consciente da sexualidade existente no mundo de forma ‘natural’? Seja como for, o fato é que, em geral, a sociedade continua fechando os olhos e tapando os ouvidos em relação à pornografia e também aos impulsos sexuais da criança, continua com um discurso demagogo de interdição de seu sexo. No entanto, apesar de toda esta hipocrisia, hoje se sabe que, na segurança lacrada da casa, no interior do quarto do caçula – no seu telefone, *tablet*, *notebook*, ou mesmo na moderna televisão (a cabo ou até aberta) –, há uma inexorável janela para o resto do mundo – incluído aí o rico e polimorfo mundo do sexo: a internet. Agora, em meio à revolução digital da virada do milênio, o casal perdeu o trono do senhorio das práticas e da saúde sexuais; não dita mais, como antes, as regras desse jogo: o modelo, agora, é a pornografia. E seu substrato, uma mistura da curiosidade pueril e da volubilidade da personalidade jovem, é um nutritivo campo de proliferação da ideologia.

O controle da pornografia; a pornografia do controle

A pornografia segue o tipo de controle que, segundo Foucault, existe desde o século XVI. Ela existe e se expressa hoje, como já visto, através de uma concessão, um falar sem falar, sem alardear, uma forma de insinuar para controlar (2011). Trata-se de uma maneira ativa de direcionar o sexo – à diferença dos mecanismos de interdição –, ainda que esta direção tenha sofrido, com o transcorrer do tempo, um violento processo

⁵⁹ Cabe ressaltar que aqui, especificamente, o termo informação não quer defender a pornografia como meio de informação a respeito do sexo. Trata-se do significado mais geral da palavra informação.

de reorientação – no sentido de que as práticas sexuais ‘postuladas’ hoje em dia pela pornografia, enquanto mecanismo de controle, são diferentes do que a moral sexual predicava anteriormente através dos mecanismos que estavam, então, à disposição. A pornografia, tal qual estes outros mecanismos históricos – que Foucault identifica na confissão, nas práticas médicas, na psicanálise etc. (2011) – são instrumentos do poder, que cumprem as determinações impostas pela dinâmica social e pelo desenvolvimento de suas regras. Não cabe, portanto, imputar à pornografia, a responsabilidade final pelo seu próprio conteúdo, pelas suas conseqüências, seus desdobramentos. Em suma, os mecanismos inseridos na lógica do poder, os instrumentos de poder, são por ele controlados para que possam controlar. Diz Foucault:

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (2011: p. 24)

Este processo, que segundo o filósofo, evolui aceleradamente a partir do século XVIII parece encontrar seu auge na evolução da pornografia moderna. O poder – talvez na forma e através do mercado – incita o usuário da internet a consumir cada vez mais pornografia, expõe enormes quantidades de corpos sedutores e provocantes, e o conteúdo da pornografia – ao menos de uma enorme gama do material pornográfico disponível na internet – é composto por um detalhamento hiper-real do sexo, demonstrando corpos e atos de pontos de vistas que superam a própria realização do sexo, com imagens em *closes* que fornecem verdadeiros manuais fisiológicos do intercurso sexual.

Há, contudo, uma diferenciação importante e significativa a respeito dos mecanismos de poder, ao longo de sua evolução em relação à sexualidade, quando se trata da pornografia. Foucault descreve uma fase antiga deste processo quando diz que “uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular.” (2011: p.25) Naquele momento, de surgimento e consolidação da Pastoral católica do século XVII, identifica-se a transmutação da culpa, através da qual funcionavam os mecanismos de poder, em culpa. A evolução é qualitativa no que diz respeito ao controle, já que o indivíduo não remedia mais sua má conduta, mas previne,

de antemão, a realização do pecado. Até o século XVIII, esse dispositivo de controle estava baseado em um discurso de julgamento, na condenação prévia e na necessidade da confissão, como salvaguarda da conduta moral (o que, na prática, tinha efeitos restritivos). Após este momento, passam a existir os discursos de administração do sexo, ele se torna “questão de ‘polícia’” (FOUCAULT, 2011: p.31) – por trás de uma motivação de controle populacional – no sentido de que é preciso “regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (Idem).

Agora, no mundo moderno da internet, há uma nova situação: da culpa, simples e regrada pela religião, o controle parece se exercer através de uma espécie de aflição – que tem, sem dúvida, relação arraigada com a culpa. De fato, muitos dos motivos que explicam o histórico controle do sexo não fazem mais questão na sociedade contemporânea. Se em determinado momento o crescimento demográfico impunha esta necessidade, o advento e a evolução dos métodos anticoncepcionais põem fim a este critério. Se o terror capitalista da perda da propriedade pela herança extraviada impunha o reconhecimento paterno e encerrava a sexualidade feminina, as técnicas de reconhecimento genético extinguem em grande medida esta preocupação (da paternidade, não da transmissão de bens).

O próprio filósofo encontrou esta formulação, recorrendo ao conceito de ideologia — que ele, de forma geral, critica e dispensa — , ao descrever a passagem da sociedade de controle repressão para a de controle estimulação, em sua *Microfísica do Poder*. Foucault diz que

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle repressão, mas de controle estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’ (FOUCAULT, 1998: p. 147)

Agora o sexo é permitido, é preciso fazê-lo, mas das formas corretas. O sexo é livre, é preciso que se o faça, mas que seja da maneira ensinada pela pedagogia pornográfica – entre outras narrativas pedagógicas sobre a sexualidade da sociedade contemporânea. Não é mais preciso interditar e controlar, de maneira tão sistemática, a prática do sexo. As necessidades imperiosas de que as relações sexuais íntimas fossem

radicalmente vigiadas e conhecidas caem por terra. Mas o imperativo de poder do sexo, e sobre o sexo, permanece, e não se pode perdê-lo. O poder não pode abrir mão, de bom grado e gratuitamente, de sua regulação. O sexo é, numa sociedade tão obcecada por ele, um elemento e uma arena de violentos disputa de poder, e põe em questão a possibilidade de pautar e definir uma série de caracteres sociais, de manipular perfis e personalidades coletivas, estipular demandas culturais, políticas, econômicas - em suma, o sexo é um local por excelência de irradiação da ideologia.

O sujeito que consome avidamente a pornografia sabe-se cometendo uma espécie de delito. Há, no consumo desenfreado da pornografia – e mesmo no consumo dosado, por assim dizer – uma indelével carga moral da qual seu espectador não pode fugir. É um fenômeno político-social, fruto da história da sexualidade, da interdição que este campo da existência – da prática e do conhecimento – sofreu durante o período compreendido na análise de Foucault.

A moralização da sexualidade, por assim dizer, provavelmente teve seu início a partir do pecado, que inaugura condutas sexuais puras, livres do implacável e onisciente julgamento divino. O controle sobre a intimidade – seja ele repressivo ou não – só pode se dar por um mecanismo que ultrapasse as barreiras da vida individual, que dissolva as paredes, que enxergue no lugar mais escuro, e escute mesmo os pensamentos. Este mecanismo foi encarnado em Deus, e este Deus, que regulava soberano as formas de sexualidade, cresceu.

A moralização da sexualidade ultrapassou em larga medida os limites da religião, e mesmo os mais laicos dos Estados, as mais profanas das culturas, relacionam-se com o sexo de alguma maneira vertical. É o que atesta María Elvira Díaz-Benítez quando diz que “a arte, a religião, a cultura considerada “popular” e, claro, a nascente indústria cultural, todas estão imersas na produção de saberes sobre a “sexualidade”, cada uma a seu modo e seguindo suas próprias regras.” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009: p. 511) Não é por menos: o ritual pelo qual se permite preservar a vida e continuar a espécie parece mesmo um sedutor terreno para as elaborações mitológicas e sobrenaturais.

O sentimento a respeito do uso da pornografia parece mesmo ultrapassar os limites da culpa e passar para um conflito ético-político de ordem moral e também, em alguma medida, passional. Ao conteúdo da própria culpa - que não desaparece - soma-se uma espécie de questionamento ao conteúdo do que se consome com a mídia pornográfica. De fato, seria estranho aceitar que os homens que acessam e fazem uso da

pornografia - uma parcela considerável da população masculina no mundo - concordam, ou consideram saudável, o tratamento que as mulheres recebem nos filmes pornográficos em geral.

No entanto, se por um lado, o público compreende o teor violento, desigual, desrespeitoso da pornografia, por outro, todas estas qualidades não são determinantes no momento da 'escolha' de se utilizar ou não a pornografia. Na verdade, não se pode tratar esse processo como se fosse apenas questão de escolha. Ao contrário, parece haver uma cisão entre o indivíduo que consome a pornografia e todas as deformações que suas narrativas possam predicar, e aquele que convive em sociedade, que se relaciona com outras mulheres como sua mãe, sua parceira, amigas etc. Gail Dines descreve brevemente este processo:

Se as atrizes realmente não gostam do que está acontecendo a elas, então a fantasia sobre as mulheres pela qual os usuários têm uma ereção começa a se esmigalhar, e eles ficam com a realidade de que talvez essas mulheres não sejam 'bonecas de sexo', mas ao invés disso são seres humanos com emoções e sentimentos reais. Se esse é o caso, então os usuários teriam que admitir estarem se excitando com imagens de mulheres sendo sexualmente maltratadas. Para os homens que não são sádicos ou cruéis, isso poderia ser psicologicamente intolerável, então eles têm que trabalhar duro para manter a fantasia de que as mulheres da pornografia são realmente distintas das mulheres que eles conhecem no mundo real.⁶⁰ (2010: p. 67)

Dines, em suas pesquisas, pergunta aos usuários da pornografia se eles gostariam de ver suas esposas, namoradas ou irmãs na posição das atrizes pornô. A resposta, via de regra, é de separação de seus entes queridos deste outro 'tipo' de mulheres que escolhem este trabalho. Esta separação, artificial e ilusória, entre a ficção das produções pornográficas e a realidade material a que seus envolvidos, na produção e no consumo, estão submetidos traz consequências graves. A medida em que as mensagens pornográficas, pertencentes ao mundo da fantasia, são entregues aos

⁶⁰ If porn performers truly don't like what is happening to them, then the fantasy that users have erected about women and porn begins to crumble, and they are left with the stark reality that maybe these women are not 'fuck dolls', but are instead human beings with real emotions and feelings. If this is the case, then users would have to admit to becoming aroused to images of women being sexually mistreated. For those men who are not sexually sadistic or cruel, this could well be psychologically intolerable, so they have to work very hard at maintaining the fantasy that porn women are indeed unlike most women they meet in the real world. [tradução minha]

consumidores, eles se tornam cada vez menos sensíveis a violência e ao abuso que a pornografia muitas vezes retrata. Este perfil é absorvido por suas identidades sexuais num ciclo que nunca tem fim. Como desdobramento de tudo isso, o conteúdo propriamente sexual da pornografia parece, em alguma medida, perder importância para o conteúdo exploratório, violento das cenas. "É um prazer adquirido por assistir alguém totalmente desumanizado e humilhado"⁶¹, diz Dines (2010: p. 69).

As implicações sociais da exposição prolongada e constante de toda uma nova geração ao conteúdo da pornografia *mainstream*, facilmente encontrada com as mais simples pesquisas nos mecanismos de busca na internet - ferramentas que crianças cada vez mais novas dominam com naturalidade - não podem ser previstos com exatidão. O certo é que, de alguma maneira, o poder, as instâncias de governo do *status quo* - beneficiários dos conflitos sociais, das relações de opressão e exploração, do subjugo de grupos e minorias - encontram na pornografia comercial, veiculada sobretudo pela internet, uma ferramenta cuja importância e potencialidade - indiscutivelmente enormes - só poderão ser precisamente avaliadas dentro de muito tempo. Por ora, diante da necessidade de se compreender e criticar a pornografia contemporânea, cabe afirmar que ela inaugura um tipo de saber a respeito do sexo que, sem reprimir, sem impor a lei - na aparência, na superficialidade - exerce uma função pedagógica, educativa, sobretudo ideológica, para uma sexualidade - especialmente em relação às mulheres, mas também aos homens - não menos repressora.

3.2 – Pornografia como discurso mitológico

Se se pretende inscrever determinado objeto de análise à categoria da mitologia, conforme elaborada por Roland Barthes - categoria em grande medida inaugurada pelo célebre ensaio *O Mito, Hoje* - é preciso escrutinar o método que se impõe a esta operação, sob pena de que a categorização seja meramente formal - falta especialmente grave, levando-se em conta o pressuposto da teoria mitológica - e não constitua uma questão real, mas um esforço intelectual inútil.

O mito é, antes de tudo, uma fala, um artefato de significação do real. Enquanto fala, o mito está condicionado e subordinado à história - não se pode compreendê-lo

⁶¹ It is a pleasure gained from watching somebody totally dehumanized and humiliated. [tradução minha]

como eterno, imutável, por fora do tempo. Isso porque, como todo processo de significação, o mito denota uma operação temporal de apreensão da realidade, que investe de um uso social determinada matéria – um objeto, um sentimento, um costume ou qualquer elemento perceptível da realidade.

É, portanto, característica geral das ‘falas’, por assim dizer, a sua relação intrínseca com a temporalidade, com a história, através da qual se desenvolvem os significados que atribuímos à realidade. Para uma compreensão ilustrativa do que se quer dizer, basta compreender que as coisas, em si, precedem a linguagem e os significados que ela constrói. Mas, para além da temporalidade, o mito também é dependente de outro caractere para sua existência, e é justamente esta relação segunda de dependência que o distingue das demais formas genéricas de fala, “isto é a sua particularidade principal”. (BARTHES, 2007: p. 208) O fato é que o mito não pode existir independente de outra fala que o precede e da qual ele é erigido. Esta fala, precedente ao mito, é um signo.

Sendo uma análise de uma determinada fala, pode-se dizer que o que estará sendo feito aqui é uma semiologia da pornografia, embora os métodos convencionais da análise de discurso sejam empregados de maneira acessória e superficial. O que se procura é, através da semiologia proposta por Barthes, revelar o caráter mitológico da pornografia em relação à mulher. Assim, essa espécie de semiologia não poderá – e nem tem a intenção de – esconder seu caráter crítico.

Estes problemas de representação serão analisados minuciosamente no decorrer das próximas páginas, mas parece realmente importante localizá-los dentro da teoria que inspira este trabalho. Cabe, portanto, ressaltar que o caráter denunciante e violento desta crítica está calcado no que Barthes disse sobre a sua própria filosofia da mitologia: “não haverá denúncia sem um instrumento de análise preciso; só haverá semiologia se esta finalmente se assumir como *semioclastia*.” (2007: p. 5)

A ciência da semiologia, de maneira geral, postula que o signo é composto, como se sabe, pela associação de um termo significante e um significado, processo chamado de significação cujo produto é o signo. É o que Barthes chama de uma cadeia semiológica. O significante é uma materialidade (sons, objetos, imagens) que faz referência a determinados significados através dos quais pode existir, e por outro lado, que só são dizíveis a partir dele próprio (BARTHES, 2012). O significado, por sua vez, é uma “representação psíquica da ‘coisa’” (2012: p. 55) em questão. Isso significa dizer,

fazendo-se uso de um exemplo, que “o significado da palavra *boi* não é o animal *boi*, mas sua imagem psíquica”. (Idem)⁶²

O que faz o mito é se apropriar de uma primeira cadeia semiológica e, a partir do signo que dela deriva, realizar uma segunda cadeia capturando aquele signo como novo significante. Segundo o próprio Barthes,

[O mito] é um sistema semiológico segundo. O que é signo (isto é, a totalidade associativa de um conceito e de uma imagem) no primeiro sistema transforma-se num simples significante no segundo. [...] Quer se trate de grafia literal ou grafia pictural, o mito apenas considera uma totalidade de signos, um signo global, o termo final de uma primeira cadeia semiológica. E é precisamente esse termo final que vai se transformar em primeiro termo ou termo parcial do sistema aumentado que ele constrói. (p. 205)

Desta operação de apropriação de um determinado signo derivam os problemas relacionados ao mito. Ora, porque se naquele signo já estava dado um sentido, construído pela associação inextricável de uma imagem e um conceito (ou um significante e um significado), agora, enquanto significante, enquanto nova forma, aquele conceito perdeu a sua história, sua geografia, sua moral. “A forma afastou toda essa riqueza: a sua pobreza presente requer uma significação que a preencha.” (p. 209).

Esta nova cadeia semiológica de que um signo repleto de sentido, agora esvaziado à mera forma, é o termo primeiro, tem como produto final um novo signo, um novo conceito, com uma nova história implantada. Na passagem de conteúdo a forma, o conceito fica disponível para um novo saber, e aqui reside a potencialidade das formas míticas de discurso, o que fica ainda mais claro quando se compreende que esta disponibilidade, este esvaziamento do conteúdo, não é integral, mas limitado. Diz Barthes que

o ponto capital em tudo isso é que a forma não suprime o sentido, apenas o empobrece, afasta-o, conservando-o à sua disposição. [...] é necessário que a cada momento a forma possa reencontrar raízes no sentido e aí se alimentar; e, sobretudo, é necessário que ela possa se esconder nele. (2008: p. 209)

⁶² Para informações a respeito do método semiológico, ver Roland Barthes - Elementos de Semiologia, 2012.

Isto significa que o signo mitológico, conservando à sua disposição as raízes originais do significante a que faz referência, adquire temporal e espacialmente, o status ontológico de real, de verdadeiro, de fiel a um conceito original, agora escamoteado. O poder de operar a história, selecionar e modificar os componentes históricos de determinada fala preservando o seu lugar de enunciação, é de uma envergadura incomum e dificilmente calculável na dinâmica social.

Através desta capacidade, o mito logra realizar um trabalho imprescindível à manutenção do *status quo*: a disseminação velada da ideologia dominante, a saber, da ideologia burguesa. Este velamento é próprio deste ideário, como atesta Barthes:

[...] é a própria ideologia burguesa, o movimento pelo qual a burguesia transforma a realidade do mundo em imagem do mundo, a História em Natureza. E esta imagem é, sobretudo, notável pelo fato de ser uma imagem invertida. (2007: p. 233)

Tomando-se em conta as definições da tradição Marxista a respeito da ideologia, pode-se considerar que o mito é, no terreno da linguagem, o lugar por excelência da ideologia. Reconhecendo-se que sua função primordial é transformar uma intenção histórica em natureza, não resta qualquer dúvida a respeito de seu caráter ideológico.

As elaborações marxistas a respeito da ideologia, conquanto estejam sujeitas a interpretações diversas – inclusive pelos próprios autores que as propõem – apontam para a concepção comum de que a ideologia burguesa, enquanto dominante, é responsável pela ocultação, na subjetividade coletiva, das condições presentes na realidade objetiva, tornando-as da ordem do natural, tornando-as inerentes ao mundo e independentes da ação humana – portanto, imutáveis.

Esta ideia parece estar presente tanto na concepção negativa da ideologia – proposta por Marx em *A Ideologia Alemã* – quanto na concepção neutra, proposta especialmente por Lenin e Lukács.⁶³ A dificuldade metodológica entre as duas concepções – um problema anterior à discussão do papel da ideologia propriamente dito – está relacionada à pertinência de chamar a ideologia burguesa, em específico, de uma ideologia. Na discussão aqui presente, a respeito do caráter e da função da ideologia (seja ela específica ou geral), esta dificuldade pode ser convenientemente deixada de

⁶³ Para uma compreensão mais completa a respeito das definições de ideologia ver: *Dicionário do Pensamento Marxista* [verdebete Ideologia]; e Karl Marx - *A Ideologia Alemã*, 2002

lado. Atendo-se ao fator de inversão inerente à ideologia, compreende-se qual é a sua relação com o mito burguês.

Ao realizar um trabalho de inversão da realidade no terreno da linguagem, o mito funciona indiscutivelmente como um artefato ideológico, ou de disseminação ideológica. Mas há algumas características que suscitam uma discussão mais profunda a respeito da mitologia. Em primeiro lugar, o mito não surge como inversão já dada: ele recupera elementos da realidade – que podem ou não ser, eles mesmos, já ideológicos – e os recria como justificação teórica e subjetiva das contradições materiais. Mais do que, em si, um elemento da ideologia, o mito é um método, ou um operador da ideologia.

Além disso, há também outra particularidade importante a respeito do mito que o coloca em uma posição privilegiada dentro das disputas pelo poder na sociedade: ao se apropriar de conceitos já dados na realidade objetiva – com seus sentidos e intenções já manifestas – o mito reelabora os sentidos sociais sem, contudo, alterar o seu lugar de enunciação, ou seja, ao expressar seus conteúdos alterados, o mito não explicita uma radical mudança no lugar de fala. O mito realmente é, como atesta Barthes, uma fala roubada.

O mito é uma fala *roubada e restituída*. Simplesmente, a fala que se restitui não é exatamente a mesma que foi roubada: trazida de volta, não foi colocada no seu lugar exato. É esse breve roubo, esse momento furtivo de falsificação, que constitui o aspecto transpassado da fala mítica. (2007: p. 216)

Mas a vítima do mito não toma sequer conhecimento de sua perda, não sabe que foi roubada: a bem da verdade, o material, a palavra, a forma, continua sob seu domínio, a vítima pode utilizá-lo tal qual o fazia antes. Não sabe ela, contudo, que ao utilizá-lo, está ratificando e fortalecendo aquele que a roubou.

Numa situação de confrontação de classes, a ideologia parece estar ligada aos interesses da classe dominante e sua crítica aos interesses das classes dominadas; em outras palavras, a crítica da ideologia da classe dominante é realizada a partir de uma posição de classe diferente, ou – por extensão – de um diferente ponto de vista ideológico. (LARRAIN: 2012: p. 273)

Isso significa que a modificação tácita e oculta deste lugar de fala é uma operação duplamente ideológica: modifica-se o conteúdo e modifica-se o vetor de poder. A fala, antes parte da batalha contra-ideológica, torna-se ideológica – por seu novo conteúdo que manifesta uma inversão – mas não muda de lugar de enunciação – por conta da manutenção da forma. Agora, o contra-ideológico, sem sair do lugar, volta-se contra si mesmo.

Então, a partir destas da análise das relações entre o mito e a ideologia, é possível tirar duas conclusões a respeito do mito burguês: primeiro, que ele reproduzirá necessariamente os valores e visões de mundo que viabilizem a manutenção de sua dominação; depois, que, servindo à justificação teórica de uma falsa premissa – a saber, que sociedade capitalista é o ponto alto e definitivo da história – o mito burguês denotará necessariamente uma compreensão invertida da realidade objetiva.

A pornografia é um profícuo exemplo da operação do mito burguês. Ela ilustra perfeitamente várias de suas características explicitadas acima, senão todas, e se apropria de uma série de conceitos já estipulados na sociedade para dissimulá-los com sua operação mitológica. Afinal de contas, a pornografia não é apenas uma narrativa sobre o sexo. Ainda que este seja o seu tema principal – e o sexo está em um contínuo processo de ressignificação no qual a pornografia toma parte significativa –, ela também estipula uma série de visões a respeito de temas colaterais: o afeto, a beleza, as diferenças raciais, as relações de gênero, os papéis sociais dos indivíduos, o prazer, a submissão, a exploração e uma infinidade de outros assuntos. Talvez se possa dizer, com base na teoria geral da ideologia, que, como expressão inequívoca da cultura burguesa, a pornografia gere mitos a respeito de todas estas temáticas, mas aqui não se procurará confirmá-lo. O fato inegável e importante para este trabalho é que, em relação aos gêneros, a pornografia é contundente no seu papel ideológico de mistificação.

Mas, ainda a respeito da ideologia e seus processos, é preciso fazer alguns comentários para que não restem dúvidas a respeito de sua relação com a pornografia. O mito na sociedade capitalista, como já visto aqui, é forte contribuinte da ideologia burguesa. Seja ele operado pela pornografia ou por qualquer outra forma cultural da sociedade vigente, o mito investe os conceitos e fatos sociais – os elementos da realidade, de forma geral – de significados interessados e enviesados, gerando novas compreensões invertidas, diferentes e muitas vezes opostas àquelas que estes objetos da mitologia portam em sua essência.

Mas estes novos objetos mitológicos, já operados pela ideologia, não são inaugurados pela ideologia; não é a existência da ideologia enquanto característica desta sociedade que permite o desenvolvimento das formas invertidas dos elementos da realidade. Em outras palavras, não é a ideologia, enquanto estrutura de pensamento, que dá origem aos objetos reais, invertidos em sua ontologia, gerados pela pornografia. Ao contrário, a ideologia tem origem justamente nas práticas objetivas que lhe servem de sustentação. É claro que temporalmente, a ideologia, enquanto fenômeno social, é anterior ao objeto da pornografia que aqui analisamos. Mas do ponto de vista histórico, todos os valores invertidos que a pornografia erige – toda a ideologia que está por trás dela – são apenas a reprodução de um mundo em si invertido, são a expressão, no campo das ideias, de uma realidade por si só já contraditória.

Marx analisa categórica e precisamente esta relação entre a ideologia e a realidade ao observar o fenômeno da religião em sua Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Diz Marx:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem *faz a religião*, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o *homem* não é um ser abstrato, acorçado fora do mundo. O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade. Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um *mundo invertido*. A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação. Ela é a *realização fantástica* da essência humana, porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. A religião é o *ópio* do povo. (MARX, 2010: p. 145)

Vendo a questão por outro lado, de fato não faria sentido compreender a ideologia de outra maneira quando se tem em conta sua função básica que, como aqui já foi dito, é mascarar ou ocultar uma realidade contraditória e invertida, transformando elementos da história em natureza. Para que haja a ideologia, portanto, para que ela possa se ocupar da ocultação de determinada contradição real, esta realidade invertida necessariamente tem que precedê-la. Alan Soble demonstra esta compreensão quando analisa a sexualidade feminina sob o capitalismo como resultado das relações produtivas deste sistema econômico:

Há uma série de fenômenos no capitalismo que aparecem como totalmente naturais e são ideologicamente justificados como naturais. Eu afirmo que o capitalismo gera um certo tipo de sexualidade masculina e sexualidade feminina que são ambos uma resposta à sexualidade masculina e o resultado da situação das mulheres no campo da produção.⁶⁴ (SOBLE, 1986; p. 62)

O sistema econômico capitalista realmente adquire um papel importante com relação à ideologia quando identificamos a realidade material como fonte daquela. Este sistema produtivo está na origem das limitações materiais a que os homens estão submetidos e, portanto, está também na base da ideologia. Ao limitar o desenvolvimento material – no sentido de sua objetividade – de muitas, senão todas, as esferas da vida humana, o capitalismo lança as bases sobre as quais se erguerão as manifestações ideológicas na sociedade – e, em processo paralelo, as representações míticas da realidade. É neste sentido que Larrain escreve que

Com efeito, enquanto os homens, por força de seu limitado modo material de atividade, são incapazes de resolver essas contradições na prática, tendem a projetá-las nas formas ideológicas de consciência, isto é, em soluções puramente espirituais ou discursivas que ocultam efetivamente, ou disfarçam, a existência e o caráter dessas contradições. Ocultando-as, a distorção ideológica contribui para a sua reprodução e, portanto, serve aos interesses da classe dominante. (2012: p. 271)

⁶⁴ There are a number of phenomena in capitalism that appear as fully natural and are ideologically justified as natural. I claim that capitalism generates a certain kind of male sexuality and female sexuality that is both a response to male sexuality and the result of women's situation in the realm of production. [tradução minha]

A pornografia não funciona a partir de uma premissa de negação da realidade. Não será possível encontrar, nas produções pornográficas comerciais da atualidade, qualquer discussão acerca do papel da mulher na sociedade, qualquer menção explícita ao caráter opressor ou libertador da própria pornografia em relação à mulher – embora por trás das produções, seus realizadores (produtores, atores, advogados e vários agentes implicados nesta cadeia produtiva) muitas vezes utilizem esta argumentação.

Jenna Jameson, provavelmente a atriz mais importante na história do mercado pornográfico, reconhecida por ter retirado essa profissão do domínio obscuro da cultura e elevado-a ao patamar da cultura pop, é um grande exemplo. Em entrevista a Judith Regan, ao ser perguntada se sentia-se degradada pelo trabalho, ela diz que “sim, quando você é jovem não é capaz de racionalizar exatamente o que está acontecendo. Eu tive alguns problemas com isso mas, você sabe, você cresce rápido e eu entendi o que custava fazer o que eu fazia”⁶⁵. Depois, mudando o tom da entrevista, ela diz “Eu não estava sendo objetificada, eu estava sendo empoderada”.⁶⁶ (DINES, 2010: p. 37)

Apesar disso, não se pode dizer que a pornografia em si postula direta e francamente que a mulher de hoje é livre, ou que não existe a opressão do gênero feminino na sociedade. Pelo contrário, a observação da pornografia pode até gerar uma interpretação negativa a respeito deste assunto – mas a pornografia parece não querer tomar parte na discussão, ela é neutra diante dos fatos, se isenta diante da factualidade da realidade que supostamente representa. Ela apenas mostra o assunto ‘como ele é’, fala dele, exhibe factualmente a mulher radiante e satisfeita em uma posição de subordinação física e psicológica ao homem, como a expressão natural de uma relação também natural.

No sistema segundo (mítico), a causalidade é artificial, falsa, mas consegue, de certo modo, introduzir-se no domínio da Natureza. É por isso que o mito é vivido como uma fala inocente: não porque as suas intenções estejam escondidas (se o estivessem, não poderiam ser eficazes), mas porque elas são naturalizadas. [...] o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema factual,

⁶⁵ Yes, when you are Young you are not able to rationalize exactly what is going on. I had a few troubles with it but then, you know, you grow up quickly and I understood what it took to do what I did. [tradução minha]

⁶⁶ I wasn't being objectified, I was being empowered. [tradução minha]

ao passo que é apenas um sistema semiológico.
(BARTHES, 2007: p. 223)

Ora, quando as cenas da pornografia estão sendo gravadas – e elas são gravadas centenas de vezes a cada dia –, está aí erigida, pela pornografia, a figura mitológica da mulher. Depois de capturada por este entendimento pautado pelo mito, aparentemente neutro porque da ordem da natureza, a consciência nada pode fazer para contestá-lo. Conforme atesta Barthes, este é um procedimento característico do mito:

O mito não nega as coisas; a sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação: se *constato* a imperialidade francesa sem explicá-la, pouco falta para que a ache normal, *decorrente da natureza das coisas*: fico tranqüilo. (Ibidem: p. 233)

O mito da mulher na pornografia

Entenda-se: mulher é um signo. Toda vez que se lê ou se escuta a palavra, que se vê uma imagem descritiva – como nos dicionários ilustrados ou nos manuais de anatomia –, toda vez que este conceito é evocado, fazendo as vezes de significante, ele gera uma imagem psíquica de um ser humano do sexo feminino, que é o seu significado correlato. Deste processo de encadeamento do intelecto, que é o básico da comunicação mediada pela linguagem, surge aquele signo ‘mulher’. Não há muito mais a ser incluído nesta significação: é, tão somente, um ser humano do sexo feminino, diferente dos masculinos apenas por detalhes anatômicos e, talvez, por peculiaridades psíquicas – o que pode ser polêmico, mas aqui não vem ao caso.

É claro que, colocando-se em questão a cultura, a história, as pressões sociais e a ideologia, este conceito fundamental raramente pode aceder às consciências – de fato, para além da pornografia, há uma infinidade de instituições e discursos que promovem o conceito ‘mulher’ à categoria de mito. Esta pluralidade do significante mítico está prevista por Barthes e é sintomática da intencionalidade do mito, pela repetição de um conceito:

Um significado pode ter vários significantes: [...] é também o caso do conceito mítico: tem à sua disposição uma massa ilimitada de significantes [...] Isto quer dizer que, *quantitativamente*, o conceito é muito mais pobre do

que o significante; limita-se frequentemente a rerepresentar-se. [...] Esta repetição do conceito por meio de formas diferentes é preciosa para o mitólogo, pois permite-lhe decifrar o mito: é a insistência num comportamento que revela a sua intenção. (Ibidem: p. 211)

O conceito mítico da mulher talvez seja mesmo o maior depositário de significantes intencionais de que se tem notícia na história da humanidade. A quantidade de fenômenos que denotam a sua posição rebaixada em relação ao homem é absolutamente incalculável e remonta a períodos históricos de que pouco se pode conjecturar. O caráter patriarcal da sociedade que impera hoje no mundo – e isso não deve parecer novidade – é uma intencionalidade histórico-política indiscutível. A pornografia é apenas mais um fenômeno a tomar parte nesse processo, e, por conta de vários fatores, parece o fazer de maneira realmente privilegiada.

Mas, afinal de contas, qual é, ou qual deveria ser o status ontológico da mulher na sociedade? Levando-se em conta os pressupostos básicos de sociabilidade postulados pela mesma sociedade contemporânea em que a pornografia está inserida – pressupostos estes modificados e evoluídos através de incansável e histórica luta das mulheres – pode-se dizer que a mulher é, grosso modo, igual ao homem. Conquanto se trate de uma conclusão formal – já que na prática, as diferenças permanecem aviltantes – demonstra ao menos alguma disposição social em tornar reais os códigos que supostamente regem hoje o planeta. As mulheres têm, por exemplo, os mesmos direitos e os mesmos deveres perante a lei; as constituições, cartas magnas, declarações de direitos humanos e disposições afins impõem, em geral, uma compreensão da igualdade necessária entre os gêneros.

Transpondo esta compreensão para o método semiológico, se poderia dizer que o significante ‘mulher’ se liga ao seu significado correlato gerando um signo que designa a mulher como dona de si, autônoma, em pleno gozo de direitos, submissa aos deveres gerais, cheia de oportunidades, independente e soberana. Por sinal, esta visão – formal e enganosa, nunca é demais repetir – está cotidianamente estampando as capas de revistas e jornais, que atestam o protagonismo da mulher na sociedade contemporânea – são, todas estas mídias, partes inequívocas na construção do mito da mulher.

A pornografia recolhe este status ontológico da mulher e o utiliza como significante de uma nova cadeia de significação. O conceito de mulher tem, neste momento, uma dupla ontologia: ao mesmo tempo em que é o resultado de uma cadeia significativa, repleto de conteúdo, com uma significação já constituída e que basta a si própria, postulando “um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de ideias, de decisões” (Ibidem: p. 208), é também uma mera forma, esvaziada, livre de qualquer significação e pronta para ser apropriada por outra cadeia significativa, disponível para uma nova significação. Na seqüência deste processo, o conceito mítico alterará aquela face plena da ‘mulher’, o seu sentido, e preservará intacta a sua forma. Essa deformação, contudo, não é mesmo uma exclusão ou uma abolição, já que a forma da mulher independente e soberana permanecerá presente, em função da necessidade que este novo conceito em formação tem dela.

A pornografia realmente parece ser um significativo exemplo do *modus operandi* mitológico. Ela ilustra várias ou todas as características do mito que foram aqui discutidas. Ainda que a pornografia construa uma série de mitos a respeito de muitos temas, a mulher, enquanto conceito, é paciente da maior operação mítica pornográfica. E o mito ‘mulher’, erigido pela pornografia, começa mesmo fora dela, se aproveitando de construções sociais ideológicas: há, por trás da pornografia, o entendimento generalizado de que dela participa apenas quem quer. O sujeito é absolutamente soberano e livre para decidir se toma ou não parte na pornografia. Aqui está presente uma ratificação daquele status ontológico da mulher mencionado acima.

A premissa do consentimento esbarra em questões diversas. Primeiro, estipula uma concepção equivocada do sujeito como uno, inequívoco, independente de seu entorno e de subjetividades. É o que Althusser analisa em colcha em xeque quando diz que

como toda obviedade, incluindo aquelas que fazem uma palavra 'nomear um objeto' ou 'ter um significado' (e portanto incluindo a obviedade da 'transparência' da linguagem acima apontada), a obviedade de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é problemático – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER apud. PINTO; 2002: p. 30)

Depois, ao considerar que sobre as atrizes participantes da pornografia, não há qualquer pressão externa agindo sobre sua decisão, acaba por ignorar uma série de questões – econômicas, políticas, culturais – que influem sobre a juventude globalizada

do século XXI – e cabe aqui lembrar que, ao se fazer referência às atrizes da pornografia, estatisticamente se está falando de uma absoluta maioria de mulheres entre 18 e 20 anos.

Com esta compreensão parcial a respeito do sujeito, partindo-se da ideia de que as mulheres tomam parte na pornografia exclusivamente por questões de sua vontade, o a pornografia vem ratificar formalmente sua liberdade. Para além das totais condições de optar por participar, a mulher supostamente tem também a liberdade para realizar toda sorte de experiências sexuais. Um ponto de vista superficial lançado sobre a questão, de fato revelaria a mulher como um sujeito possuidor de grande poder sobre seu próprio devir. Gail Dines questiona esta visão a partir da vida de Jenna Jameson:

O mantra usual da indústria pornográfica é que as mulheres são empoderadas ao fazer pornografia, e isso é uma maneira de reclamar a sexualidade do indivíduo. Indo um pouco mais fundo na vida de Jameson demonstra, na verdade, o quão desempoderada ela se sentiu enquanto fazia pornografia. Em seu livro ela descreve sua primeira sessão de fotos: “Abrir minhas pernas era o pior. Eu não tinha ideia de que seria tão intimidador sentar com as pernas abertas sob luzes brilhantes em uma sala cheia de pessoas vestidas. O fotógrafo gritava ‘mais aberta’! Agora ‘mostre o rosa!’... Embora eu realmente quisesse agradá-lo, eu não podia... expor meu interior a estranhos era tão assustador que, ao invés de abrir meus lábios com os dedos, eu tentava cobri-los.”⁶⁷ (DINES, 2010: p. 38)

Realmente, um exame mais profundo revela que a pornografia contemporânea, produzida em massa e com fins comerciais, disponibilizada pela internet, via de regra apresenta uma mulher completamente submissa ao homem. A mulher na pornografia é um mero objeto de prazer para o deleite do parceiro masculino – e sobre esta característica não parece recair grande polêmica, ela está ratificada por diversas autoras

⁶⁷ The usual mantra from the porn industry is that women are empowered by doing porn, and this is one way to claim one’s sexuality. Digging a little deeper into Jameson’s life actually illustrates just how disempowered she has felt while making porn. In her book she describes her first photo shoot: “Spreading my legs was the worst. I had no idea it would be so intimidating to sit spread-eagled under bright lights in a room full f clothed people. The photographer keeps shouting ‘wider’! Now ‘show me pink!’... Though I really wanted to please him, I couldn’t... exposing my insides to strangers was so daunting that, instead of spreading my lips with my fingers, I kept trying to cover them up”. [tradução minha]

e diversos autores que tratam do tema, e também por produtores e atores. Bill Margold, ator e produtor veterano na pornografia, diz

Eu realmente gostaria de mostrar o que eu acredito que os homens querem ver: violência contra as mulheres. Eu acredito firmemente que nós estamos cumprindo um propósito mostrando isso. O mais violento que podemos ter é o *cum shot* no rosto. [...] Nós tentamos inundar o mundo com orgasmos na cara.⁶⁸ (Ibidem: p. xxvi)

Então, partindo de um conceito fundamental a respeito da mulher – que embora seja artificial, é de alguma maneira válido –, ratificando formalmente, na superficialidade do discurso, que a mulher é ontologicamente livre; ou, em termos semiológicos, fazendo sempre menção ao signo mulher, a pornografia erige um novo status para este conceito, sem abandonar aquele, mas reconstruindo-o de maneira escamoteada.

O usuário da pornografia sai desta experiência com a provável ideia de que a mulher é livre, mas naturalmente tem que se dedicar ao prazer do homem, não importa em que forma este prazer se manifeste. Levando esta característica – historicamente construída – para o domínio da natureza e da essência, a pornografia elimina qualquer contradição entre a liberdade e a autonomia da mulher, e a sua necessidade supostamente ontológica e determinada naturalmente de dar prazer ao homem, de dedicar-se a ele. E, a despeito do conteúdo desta operação, parece realizá-la sem tomar posição, de maneira totalmente desinteressada, parece não participar desta elaboração – porque natural –, mas anunciá-la de maneira acessória e desavisada. Como diz Barthes,

Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, e cria uma afortunada clareza: as coisas, sozinhas, parecem significar por elas próprias. (2008: p. 233)

⁶⁸ I'd like to really show what i believe the men want to see: violence against women. I firmly believe that we serve a purpose by showing that. The most violent we can get is the com shot in the face. [...] We try to inundate the world with orgasms in the face. [tradução minha]

Nada do que a pornografia postula a respeito da mulher pode, então, ser imputado à ação da humanidade. Ela elimina os traços humanos ao explicar determinados valores presentes em sua pedagogia. Se a mulher tem que dar prazer ao homem, isso nada tem a ver com uma construção humana, mas com a constituição natural dos sexos. O mito pornográfico a respeito da mulher evacua o real de suas características humanas e investe sua narrativa do real, mítica, com a qualidade do essencial.

A ideologia burguesa transforma continuamente os produtos da História em tipos essenciais; tal como o choco expele a sua tinta para se proteger, ela camufla ininterruptamente a perpétua fabricação do mundo, fixa-o em objeto de posse infinita, inventaria os seus bens, embalsama-os, injeta no real uma essência purificadora que lhe interrompe a transformação, a fuga para outras formas de existência. E esse real, tornado assim fixo e rígido, será enfim, computável; a moral burguesa é essencialmente uma operação de pesagem: as essências são colocadas nos pratos da balança, cujo braço, imóvel, continua sendo o homem burguês. (Ibidem: p. 247)

3.3 – Dimensão hegemônica da pornografia

Em seu livro *A Favor de Gramsci*, mais especificamente no capítulo que trata dos conceitos de *sociedade política* e *sociedade civil*, Maria Antonietta Macciocchi, ao discutir as formas de atuação da ideologia sobre o indivíduo, define assim este fenômeno: “essa prisão de mil janelas simboliza o reino de uma hegemonia, cuja força reside menos na coerção que no fato de que suas grades são tanto mais eficazes, quanto menos visíveis se tornam” (1977: p. 151). Neste mesmo sentido, o conceito de hegemonia qual formulado por Gramsci não pode ser explorado sem que se leve em conta as ideias de consenso e de coerção, além da questão da visibilidade dos fenômenos ideológicos.

As discussões feitas anteriormente, a respeito do dispositivo da sexualidade e da mitologia, podem evocar o que Gramsci identifica como o conjunto de organismos privados que formam a *sociedade civil*. A meu ver, a inegável matriz ideológica tanto dos elementos que constituem aquele dispositivo quanto dos mitos socialmente construídos podem ser desenvolvidas e identificadas no interior de um processo maior e

mais abrangente da ideologia. Cabe portanto, neste momento da discussão, investigar este nível superior da estrutura ideológica, que se relaciona organicamente com o conceito de hegemonia.

A importância desta discussão se revela com o entendimento de que a ideologia – que em seu estado atual deve ser entendida como ideologia burguesa – enquanto fenômeno que atravessa a totalidade da realidade do mundo, ao mesmo tempo em que é fruto das relações de produção deste próprio mundo, é também a pedra de toque do que podemos chamar de consensos sociais. Levando-se em conta que a preponderância de determinado grupo social numa sociedade depende

do modo como seu domínio sobre a produção material e sobre o conjunto das forças produtivas e destrutivas se desenvolve como domínio sobre a produção e a circulação de ideias, sobre a formação da consciência socialmente determinada e, conseqüentemente, sobre o conjunto de organizações e instituições da sociedade civil e sobre o poder político do Estado. (DANTAS, 1998: p. 92)

presume-se que é a ideologia, oriunda de uma realidade social específica, que determina a orientação da sociedade, tanto em seu nível individual, agindo sobre as decisões e vontades dos indivíduos, quanto em seu nível coletivo, direcionando o devir social.

Enquanto parte daquilo que a teoria marxista identifica como a superestrutura da sociedade, a ideologia age sobre as relações materiais e sociais estabelecidas entre os homens – a estrutura social – e é por elas condicionada. Nesta relação dialética entre a estrutura e a superestrutura é onde se deve buscar a força da ideologia burguesa que impera hoje no planeta e que se materializa através dos consensos sociais a respeito do próprio mundo. Em outras palavras,

A ideologia é o espaço onde se constroem as condições subjetivas (intelectuais, espirituais, imateriais) da hegemonia de uma classe sobre a consciência socialmente determinada, as instituições da sociedade civil e o próprio Estado. (DANTAS, 2008: p. 93)

Esta operação ideológica, de tão complexa robustez, ainda que, à primeira vista possa parecer exagerada, pode ser compreendida através de uma análise histórica do

surgimento e da edificação do capitalismo. Ora, se aqui já foi dito que a ideologia, enquanto parte da superestrutura social, é determinada pela realidade material, é preciso buscar na realidade capitalista as fontes das inversões que a ideologia opera.

Havendo se detido tão profundamente sobre este tema, Marx comenta que “a *igualdade e a liberdade* são, assim, não apenas aperfeiçoadas na troca baseada em valores de troca, como também a troca dos valores de troca é a base produtiva real de toda *igualdade e liberdade*.” (MARX apud. LARRAIN: 2012, p. 271) Neste trecho, publicado postumamente nos Grundrisse, Marx afirma que o mercado – o valor de troca – é a fonte por excelência da ideologia burguesa. Ao passo em que postula a liberdade e a igualdade, esta ideologia oculta tudo aquilo que é decorrente deste processo superficial de troca, a partir do qual estas aparentes igualdade e liberdade individuais revelam-se em desigualdade e falta de liberdade.

Já n’O Capital, obra de que os Grundrisse parecem ser uma espécie de rascunho, Marx consegue dar uma forma mais acabada ao que havia escrito em seus estudos. Para fazer alusão ao processo ideológico que o mercado inaugura, Marx encontra a categoria do fetichismo. Novamente se utilizando da religião como exemplo, o filósofo explica o fenômeno:

Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar um símile, temos de nos deslocar à região nebulosa da crença [da religião]. Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana. Chamo a isto de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 1998: p. 94)

A alusão de Marx ao mercado como fundamento da ideologia burguesa é mais tarde retomada e levada adiante por Lukács. Com o desenvolvimento do capitalismo através da história e o avanço cada vez mais imponente dos mercados por todo o planeta, a estrutura mercantil acaba por invadir e ocupar ainda mais, segundo Lukács, a vida humana. Esta estrutura acaba então por disseminar o fetichismo por toda a realidade e o corpus social, investindo desde os mais simples objetos até as próprias relações sociais de um caráter supostamente autônomo, descolado da ação dos próprios

homens, como se não fossem oriundos deles – o problema da reificação discutido no capítulo anterior (LUKÁCS, 2003).

Esta "objetividade fantástica" de que os objetos e as relações passam a gozar são fundamentais na operação de mascaramento do caráter histórico da vida social. Todas as formas de objetividade, impressas com a marca da estrutura reificada, transformam o

homem em um elemento passivo, espectador de suas próprias faculdades objetificadas e coisificadas. O fenômeno geral que resulta em demagogias e palavrório na esfera política, em normas burocráticas na esfera jurídica e em fórmulas artísticas na indústria cultural, invade todas as esferas da existência do homem, penetrando até nas raízes de sua vida pessoal (COUTINHO, 2009: p. 56)

Assim, como fruto de uma ideologia que é, por sua vez, oriunda do sistema capitalista de produção, produz-se uma "estrutura reificada de consciência, unitária, para toda a sociedade" (Idem). Neste sentido, é pertinente considerar a hipótese de Coutinho (2009), que este trabalho assume e reivindica, de que a coisificação da consciência social é o procedimento típico da hegemonia burguesa.

A teoria fundamental da hegemonia formulada por Gramsci é motivada por seu interesse em descobrir os motivos pelos quais a sociedade burguesa é tão resistente a mudanças, apesar de suas flagrantes e sensíveis contradições. Desenvolvendo esta questão fundamental, o filósofo italiano encontra o que chama de *teoria ampliada do Estado*, e com ela eleva no pensamento marxista a ideia de que a sociedade capitalista é dominada também através do consentimento, neste processo que foi discutido até aqui.

A parcela do Estado responsável pela geração do consenso é chamada por Gramsci de *sociedade civil*. É onde se encontram os aparelhos privados de hegemonia, entre os quais desenvolvem um papel de grande importância a mídia e a cultura. Este nível da superestrutura da sociedade é o meio pelo qual as classes dominantes conseguem infundir, no seio de todas as demais classes sociais, a hegemonia de seus valores e suas visões de mundo como consensos generalizados.

Ao lado da sociedade civil, o Estado é formado também, segundo a teoria Gramsciana, pela *sociedade política*, que corresponde aos momentos da força e da repressão quando da necessidade de se manter a sociedade coesa sob a direção de determinado grupo. Retomando o entendimento que Marx e Engels tinham a respeito do

Estado – o comitê executivo da burguesia – o filósofo italiano identifica a função repressora, do Estado por excelência. O poder jurídico e o monopólio estatal da violência são a expressão maior desta porção da superestrutura.

O desenvolvimento do capitalismo dá origem, então, a um Estado solidificado ora sobre o consenso, estabelecendo através da *sociedade civil* as relações de dominação político-ideológica, ora sobre a coerção, quando os aparelhos privados de hegemonia não são suficientes para gerar o equilíbrio e a estabilidade do regime ou do sistema, e a violência estatal é empregada. Não se deve perder de vista, contudo, o perigo de se compreender de maneira estanque as duas instâncias do estado, dado que os momentos da força e os momentos do consenso estão em uma relação dialética permanente, organicamente unidos por sua finalidade comum.

Entre as instituições que formam parte da chamada *sociedade civil*, encontra-se, em grande nível de importância, a cultura. Ela, em complexa articulação com uma série de outras instituições – o exército, a justiça, a igreja, os partidos, os sindicatos – forma parte de um grande sistema ideológico que envolve o indivíduo por todos os lados e em todos os momentos, originando aquela espécie de prisão a que Macciocchi faz referência.

Embora não se possa compreender esta ideia de maneira formal, é razoável dizer que a função deste sistema ideológico é, basicamente, garantir o domínio de uma classe sobre as outras através da manutenção de um certo nível de consciência adaptado e submisso às relações sociais de produção de determinada época. Desta maneira, as classes sociais detentoras dos meios de produção logram manter sua posição de dominação sobre as outras.

Através da disseminação dos valores caros à ideologia burguesa – a partir dos aparelhos de hegemonia, notadamente os meios de comunicação – é no âmbito da sociedade civil onde se erige, junto à massa da população, um nível cultural e moral básico e generalizado, ao mesmo tempo conformados e necessários ao desenvolvimento e manutenção das relações capitalistas (COUTINHO, 2009). Por meio destes aparelhos, as classes dominantes exercem sua liderança intelectual e moral sobre o resto da sociedade, conquistam o consenso ativo dos dominados necessário à continuidade do *status quo*.

A sociedade civil aparece, portanto, como uma estrutura muito complexa e resistente “capaz de absorver e amortecer as ‘irrupções catastróficas’ tanto do elemento político (contestações, pressões, revoltas) quanto do elemento econômico imediato

(crises, depressões, etc.)” (Ibidem: p. 67). Desta forma, “os instrumentos burgueses de persuasão garantem as relações de produção e propriedade, criando e recriando o consenso necessário à dominação do capital” (Ibidem: p.68)

Resumindo a teoria gramsciana do Estado Ampliado, muitos teóricos encontraram a fórmula apresentada por Dênis de Moraes em seu ensaio *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci*, onde apresenta a filosofia do italiano. Dênis escreve:

Sociedade civil e sociedade política se diferenciam pelas funções que exercem na organização da vida cotidiana e, mais especificamente, na reprodução das relações de poder. Na sociedade civil, as classes procuram ganhar aliados para seus projetos através da direção e do consenso. Já na sociedade política, as classes impõem uma dominação fundada na coerção. Em somatório, formam o Estado em sentido amplo: sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia revestida de coerção. (MORAES, 2010: p. 57)

Tendo já em conta as discussões a respeito da ideologia e, mais especificamente, das relações de hegemonia, torna-se muito claro o papel que a pornografia exerce na disputa pelo poder e pela direção política na sociedade. Petrificando nas suas representações as relações fetichizadas, em que o homem é mero espectador do devir e dos valores que lhe são exibidos, a pornografia apresenta as ideias da dominação como naturais, necessárias, universalmente válidas, em suma, cria o consenso entre aqueles que, na dinâmica social são os dominados. A pornografia confirma, em suas representações, a prática do mundo que os espectadores experimentam, justificando-o e investindo-o de um status ontológico da ordem da natureza, portanto, inelutável e imutável.

Eduardo Coutinho, em seu artigo *Gramsci – a comunicação como política*, levanta a hipótese de que, para entender a comunicação na concepção do filósofo italiano, é preciso relacioná-la

com a totalidade da vida social, compreendendo-a como *cultura*, práxis interativa, mediação entre sujeito e objeto. E, como tal, estará associada, no pensamento gramsciano, à problemática do Estado, das relações de poder, da hegemonia, isto é, da liderança intelectual e moral de um

grupo social sobre o conjunto da sociedade.
(COUTINHO, 2009)

Sendo a pornografia, qual entendida neste trabalho, indiscutivelmente um produto de comunicação, cabe a ela a análise proposta por Coutinho a respeito do processo comunicacional e sua relação com a ideologia. Diz o autor que

Afinal, é pela interação semiótica, pela reelaboração e compartilhamento dos signos, que os sujeitos constroem as suas identidades, organizam a sua visão de mundo, representando a realidade a partir de uma determinada perspectiva e de acordo com seus interesses, anseios, e expectativas. Pela comunicação, formam-se e transformam-se as ideologias que agem ética e politicamente na transformação da história.
(COUTINHO, 2008: p. 32)

O papel da comunicação em geral, e da pornografia especificamente, é, portanto digno de nota no processo do capitalismo contemporâneo. É através desta esfera da sociedade que os consensos sociais são erigidos, fazendo com que os indivíduos organizem suas visões de mundo, seus anseios e expectativas a partir e em conformidade com os pressupostos que a comunicação – e, neste caso, a pornografia – propõe a seus espectadores. É especificamente neste processo que os interesses das classes dominantes são alastrados por todo o *corpus* social e adquirem um status universal.

A pornografia, contudo, possui particularidades em relação ao campo geral da comunicação, que a colocam em um patamar privilegiado enquanto ferramenta de disputa pela hegemonia. Muitas destas particularidades já foram discutidas aqui, e por isso não serão retomadas. A questão da recepção individual e a consequente falta da crítica coletiva, contudo, embora também já analisada, merece mais algum comentário.

Por conta desta característica, o ato fundador de uma espécie de saber pornográfico não é socialmente referenciado, não tem lastro nas relações interpessoais. Em outras palavras, o espectador da pornografia adquire os valores transmitidos pela pornografia de alguma maneira vertical, mas não através do compartilhamento horizontal destes valores entre os sujeitos sociais. Desta forma, o poder do argumento pornográfico parece crescer em função da menor possibilidade de questionamento – de fato, não há como o indivíduo consumidor da pornografia reclamar ao próprio material

pornográfico, ou a seus realizadores, qualquer de suas frustrações oriundas de sua experiência.

A teoria gramsciana, ao tratar dos processos de hegemonia, dá grande importância e atenção aos elementos de contra-hegemonia na luta pela emancipação da sociedade. Gramsci, um comunista, escrevia de um ponto de vista contrário ao capitalismo e buscava formas de, através da atuação na cultura, minar o domínio ideológico da burguesia. A luta das classes subalternas, segundo esta aceção, passaria necessariamente pelo uso da “arma da crítica”, com o esforço de ‘desnaturalização’, de historização daquilo que se impõe, ideologicamente, como uma verdade eterna” (COUTINHO, 2009: p. 70).

De fato, a hegemonia é alcançada pela dinâmica de concessões que mantém a liderança de uma classe sobre outra, que tem certas demandas atendidas. A classe dominante vai além de seus interesses imediatos, realizando concessões e exercendo uma autoridade moral e intelectual sobre o restante da sociedade. O bloco formado pelas classes concessionárias e concessionadas representa uma base de consentimento para a ordem social onde a hegemonia de uma classe é criada e recriada através de uma teia de instituições, relações sociais e ideias. Como descreve Cotinho, é uma operação que busca

Contemplar determinadas aspirações dos grupos subalternos, de maneira a mantê-los mais firmemente sob controle; dar-lhes voz, cuidando, evidentemente, para que essa voz ecoasse a estrutura reificada da consciência social. (Ibidem: p. 69)

A sexualidade é, a propósito, um ótimo exemplo desta dinâmica. Em algum momento, para a manutenção da classe dominante no topo da pirâmide social, ela foi reprimida e tratada como tabu interdito. A sua entrada em cena, sua aceitação social, é fruto de um processo de pressão da sociedade que fez com que a sexualidade saísse de sua condição proibitiva. Esta concessão, contudo, é seguida por operações que tratam de retirar vantagens da liberação sexual. O processo de apropriação, por parte das classes dominantes, dos anseios pautados pelos dominados é, a propósito, característico e fundamental para a manutenção da estrutura social. A sexualidade, apropriada pela pornografia, é ilustrativa deste movimento. O que, em determinado momento, foi uma concessão interessada no alívio das pressões sociais, tornou-se um eficiente método de opressão e exploração daqueles que antes exerceram aquela pressão.

Ora, retomando a discussão feita no primeiro capítulo deste trabalho, chega-se a uma conclusão assaz: se não é possível realizar a luta contra-hegemonica sem o indispensável uso da crítica, a pornografia – por conta da sua recepção individualizada e das conseqüências deste fator – não está em disputa pela sociedade. É claro que, na contra-tendência desta afirmação, é possível encontrar exceções, mas em se comparando a pornografia com os demais produtos de comunicação de massas, o panorama é desalentador. Em defesa da possibilidade contra-hegemônica da pornografia, é preciso dizer que há uma série de teorias e acadêmicos que se debruçam sobre o tema e propõem novos olhares a seu respeito. Este trabalho, contudo, furtando-se a entrar no debate, pode afirmar que a luta contra-hegemônica contra os valores postulados pela pornografia não será travada no interior deste campo, mas por fora dele. Como bem esclarece Dantas,

A ativação do poder social da ideologia crítica e emancipatória exerce aqui um papel central: em meio à destruição das bases naturais da vida, entramos numa época em que a formação de processos contra-hegemônicos só poderá ser bem-sucedida, na “imensidão de suas tarefas”, se ela for capaz de questionar a totalidade histórica das estruturas produtivas e reprodutivas que determinam a marcha cada vez mais acelerada do processo autodestrutivo em curso. (1998: p. 107)

Não parece, realmente, diante dos fatos que aqui já foram expostos relativos ao tamanho da indústria pornográfica contemporânea, que os sujeitos, isolados e desintegrados enquanto um público, possam desempenhar uma função contestatória dos valores que recebem da pornografia. Não há, de fato, nenhuma possibilidade de que, apenas através da própria pornografia, um indivíduo ou mesmo um grupo social possa se apoderar criticamente da ‘totalidade histórica’ da sociedade para subvertê-la segundo seus próprios interesses. Mais do que o jornalismo, o cinema, o teatro, a música ou qualquer outro *media* – embora todos o estejam por determinação ontológica e metodológica da luta contra-hegemônica – a pornografia está protegida contra a luta em seu próprio interior, de ataques desferidos a partir de seus próprios meios. Em suma: não se poderá mudar a pornografia a partir da própria pornografia.

Esta breve discussão suscita ainda a possibilidade de que se identifique a pornografia como um intelectual orgânico da visão de mundo burguesa na sociedade capitalista. Levando-se em conta a ideia do *Príncipe eletrônico*, de Otávio Ianni, que é

baseado na ideia gramsciana do moderno príncipe – por sua vez baseada no Príncipe de Maquiavel – percebe-se que o papel que a pornografia cumpre hoje na sociedade capitalista é perfeitamente conforme àquele identificado por Ianni em seu célebre ensaio (2003). Quando estipula uma visão de mundo baseada na opressão da mulher, quando inaugura um fetiche sexual pela exploração, quando faz da humilhação um objeto de prazer, a pornografia contemporânea presta um papel de eficiente legitimação do sistema capitalista, que se baseia fundamentalmente nestes valores.

A respeito do *Príncipe Eletrônico*, Coutinho afirma que “é ele, hoje, o principal responsável pela organização da ideologia necessária à dominação burguesa e ao desenvolvimento das relações capitalistas.” (Gramsci e ...) O autor diz ainda, falando dos jornais, mas expressando um raciocínio perfeitamente transponível para a pornografia, que “trata-se de um *intelectual coletivo* que se ocupa da *formulação e da elaboração sistemática* da ideologia necessária à dominação do grande capital financeiro.” (Idem)

Essa “textura de hegemonia”, toda esta superfície sobre a qual se baseia o modo de produção capitalista, é tecida pelos intelectuais orgânicos da classe dominante, que têm um papel organizativo na sociedade. A pornografia realmente parece funcionar como um destes intelectuais, distribuindo funções sociais relacionadas ao gênero, mas também – e, sobretudo – às classes sociais. Novamente recorrendo a Coutinho, é preciso notar que

É esse o papel do príncipe eletrônico: assimilar e esvaziar tais questões [as questões gerais e de princípios] de seu conteúdo histórico, atribuindo-lhes novas significações com função apaziguadora; reduzir a política a “pura forma”, impedindo que o espectador se reconheça como sujeito da história. (COUTINHO, 2008: p. 35)

É exatamente esta operação que a pornografia contemporânea tem desempenhado na sociedade capitalista. Conquanto não seja a única esfera de produção de discursos ideológicos a respeito dos temas de que trata – que vão desde os papéis sociais do homem e da mulher até os padrões estéticos e de moda – a pornografia possui várias vantagens, já discutidas aqui, sobre outras formas midiáticas de cultura, que lhe conferem um papel importante na disseminação de seus valores identificados com o capitalismo.

Dito em outras palavras, a pornografia é uma das muitas estruturas que operam material e ideologicamente na manutenção da sociedade patriarcal, o que por sua vez é também um fator de sustentação do sistema capitalista de produção. Este é o raciocínio expresso por Alan Soble quando o filósofo diz que

Nenhuma das funções superestruturais atribuíveis à pornografia necessita da pornografia; se estamos falando sobre uma base patriarcal, capitalista, ou ainda patriarcal capitalista, quaisquer funções superestruturais da pornografia podem ser desempenhadas por outros elementos da superestrutura. Este fenômeno da flexibilidade dos elementos que compreendem a superestrutura é geral. Neste sentido, qualquer sociedade avançada possui recursos que a tornam resiliente; quando partes da superestrutura estão em xeque, as relações patriarcais sexo-classe ou as relações capitalistas de produção podem ser protegidas por uma modificação defensiva de outros elementos ou pela introdução de novos elementos servindo às mesmas funções. Com o fim da pornografia, portanto, a manutenção da família, a produção de mais-valia, a opressão da mulher, e o desvio das críticas podem ser cumpridos de outras maneiras. Nenhum elemento superestrutural é inteiramente adequado para sua tarefa de manutenção das relações de produção; cada elemento, sendo um "reflexo" destas relações, vai manifestar sua natureza contraditória, e alguns elementos estão sujeitos a conflitar com outros. Um sistema capitalista estável não precisa (e não poderia) eliminar todos os elementos superestruturais contraditórios, contanto que o efeito combinado destes elementos seja de proteção das relações de produção. Essa flexibilidade sugere que a censura da pornografia por si mesma teria pouco ou nenhum efeito para minar uma base patriarcal ou capitalista.⁶⁹ (SOBLE; 1986: p. 107)

⁶⁹ None of the superstructural functions attributable to pornography need pornography; whether we are speaking about a patriarchal, a capitalist, or a patriarchal capitalist base, any superstructural functions of pornography can be served by other elements of the superstructure. This phenomenon of the flexibility of the elements comprising the superstructure is entirely general. In this regard any advanced society has resources that make it resilient; when parts of the superstructure are under fire, patriarchal sex-class relations or capitalist relations or production can be protected by a defensive modification of other elements or by the introduction of new elements serving the same functions. With the demise of pornography, therefore, the maintenance of the family, the production of surplus value, the oppression of women, and the diverting of criticism can be accomplished in other ways. No superstructural element is entirely suited to its task of maintaining the relations of production; each element, being a "reflection" of those relations, will manifest their

Gail Dines também se debruça sobre o tema e caracteriza a pornografia em meio a outros aparelhos culturais de hegemonia, discutindo seus efeitos em conjunto com as outras formas de interação cultural. À diferença de Soble, contudo, Dines – talvez porque seu trabalho esteja fundamentado na época de auge da pornografia – repara o poder específico que a pornografia possui na paisagem cultural dos meios de comunicação. Diz a autora:

Contando histórias, as imagens ajudam a moldar como pensamos sobre nós mesmos como seres com gêneros, bem como sobre o mundo que nos cerca. O que interessa não é a mensagem de uma imagem em si, mas o efeito cumulativo dos temas subliminares encontrados no sistema de imagens, que juntos criam uma visão de mundo particular. [...] Os seres humanos desenvolvem suas identidades e o senso de realidade a partir das histórias que a cultura conta, e ainda que a pornografia não seja a única produtora de histórias sobre sexo, relacionamentos e sexualidade, é possivelmente a mais poderosa.⁷⁰ (DINES, 2010: pp. 81 e 82)

No trecho transcrito acima, a autora faz uma descrição básica e descompromissada do método da ideologia, ou seja, da forma pela qual a ideologia, através da cultura, consegue penetrar nas consciências individuais, destacando o papel da pornografia neste processo. Em outro trecho de seu livro, contudo, ela explicita ainda mais o caráter ideológico da pornografia, adicionando a esta espécie de descrição metodológica, o processo social mais amplo que ela promove. A autora parece partilhar, ainda, do entendimento, gramsciano por excelência, de que os problemas relativos ao consumo da pornografia – tanto no campo da ideologia como na realidade material –

contradictory nature, and some elements are bound to conflict with others. A stable capitalist system need not (and could not) eliminate all contradictory superstructural elements, as long as the combined effect of these elements is to protect the relations of production. This flexibility suggests that the censorship of pornography alone will do little or nothing to undermine either a patriarchal or a capitalist base. [tradução minha]

⁷⁰ By telling stories, images help to shape how we think about ourselves as gendered beings, as well as about the world that surrounds us. What is of interest is not necessarily the overt message of one particular image but the cumulative effect of the subtextual themes found in the system of images, which together create a particular way of looking at the world. [...] Human beings develop their identity and sense of reality out of the stories the culture tells, and while pornography is not the only producer of stories about sex, relationships, and sexuality, it is possibly the most powerful. [tradução minha]

deverão ser combatidos através de um processo contra-hegemônico, de disputa contra-ideológica. Ela parece concordar também que este combate dificilmente poderá ser travado no interior do campo da própria pornografia.

Uma contra-ideologia a pornografia precisaria romper ou interromper as suas mensagens, e teria que ser tão poderosa e prazerosa quanto a pornografia, dizendo aos homens que a imagem da mulher na pornografia é uma mentira, fabricada para vender uma visão particular do sexo. Essa ideologia alternativa também precisaria apresentar uma visão diferente do sexo heterossexual, construída sobre a igualdade e a justiça de gêneros. Poucos homens têm contato com uma ideologia feminista deste tipo; ao contrário, a maioria dos homens (e mulheres) são alimentados diariamente com a ideologia sexista em tal grau que a iniquidade de gêneros parece uma realidade natural e biologicamente determinada. Na falta de uma contra-ideologia, esta prazerosa ideologia sexista se torna o modo dominante de pensar e dar sentido ao mundo.⁷¹ (Ibidem: p. 98)

O poder da pornografia pode ainda ser discutido pela sua atuação indireta: é bastante razoável identificar a evolução e o desenvolvimento da pornografia como o motor fundamental da permissividade social em relação ao sexo. Imagens que há 10 anos atrás seriam taxadas de pornográficas, hoje estampam capas de revistas que, formalmente, nada tem a ver com a pornografia. Esta influência, por si só já contumaz, não se resume às bancas de jornais e continua sendo exercida hoje em dia. O fato é que a pressão que a pornografia exerce sobre a sexualidade determina, em grande medida, as maneiras de se relacionar, de se vestir, os cuidados estéticos e sexuais, a personalidade e o comportamento, também dos homens, mas principalmente das mulheres, por mais que elas – ou eles – não tenham um contato direto com a pornografia. (DINES, 2010).

A liderança intelectual e moral burguesa tem sido um processo cuja força reside, precisamente, na sua capacidade de mistificação e coisificação das consciências. Este

⁷¹ A counter-ideology to porn would similarly need to disrupt and interrupt its messages, and it would have to be as powerful and as pleasurable as porn, telling men that porn's image of women is a lie, fabricated to sell a particular version of sex. This alternative ideology would also need to present a different vision of heterosexual sex, one built on gender equality and justice. Few men are exposed to such a feminist ideology; rather, most men (and women) are fed the dominant sexist ideology on a daily basis to such a degree that gender inequality seems a natural and biologically determined reality. [...] In the absence of a counter-ideology, this pleasurable sexist ideology becomes the dominant way of thinking and making sense of the world. [tradução minha]

convencimento, incógnito e latente, de que os homens têm, na realidade, uma constituição que mais os assemelha a objetos; esta pressão subjetiva e ininterrupta para que as relações entre humanos sejam experimentadas como relações entre coisas; este procedimento escuso e sorrateiro da ideologia burguesa se materializa precisamente na tipologia e na imagem que a pornografia constrói a respeito do mundo. A pornografia, enquanto representante exemplar da operação e do conteúdo da ideologia burguesa, é talvez um dos mais prestativos combatentes do exército burguês na disputa pela hegemonia da sociedade.

Tendo em conta o entendimento de Mészáros, de que o poder da hegemonia burguesa

só pode prevalecer graças à vantagem da mistificação, por meio da qual as pessoas que sofrem as conseqüências da ordem estabelecida podem ser induzidas a endossar, consensualmente, valores e políticas práticas que são de fato absolutamente contrários a seus interesses vitais (MÉSZÁROS apud COUTINHO, 2009: p. 71)

e levando-se em conta os conteúdos e valores da pornografia, além de sua penetração no tecido social, não resta dúvida do caráter ideológico e do serviço – inequivocamente hegemônico– que a pornografia presta a tarefa das classes dominantes de manter o mundo tal como ele é.

Capítulo 4 – Notas sobre a mídia pornográfica

A escolha pelos sites que serão analisados neste capítulo é, a bem da verdade, significativamente arbitrária. Existem hoje, disponíveis ao acesso de quase todos os computadores conectados à internet em todo o planeta - com exceção daqueles que se encontram nos poucos países que ainda proíbem o acesso virtual à pornografia – uma quantidade absolutamente incalculável de sites pornográficos. Como já foi demonstrado aqui, estimativas de um estudo realizado no ano de 2010 – já bastante defasado, como se pode notar – trabalhavam com a hipótese de quase 25 milhões de páginas⁷². É impossível, portanto, definir precisamente, com vistas a algum objetivo ou em base a alguma premissa teórica, quais destes sites seriam os melhores para ilustrar as indicações aqui formuladas. Não está ao alcance e não é o ponto de interesse deste estudo, o reconhecimento quantitativo da oferta de pornografia na internet. Ao contrário, é o conteúdo desta produção que vem sendo até aqui a grande preocupação. Mas estes dados explicam, por sua vez, a opção por se tratar exclusivamente da pornografia via internet. Não teria cabimento, diante desta enormidade, tomar como exemplos obras pornográficas entregues por outras mídias.

Por outro lado, uma característica fundamental da pornografia contemporânea, como também aqui já foi discutido, é o seu caráter repetitivo, formulaico, padronizado. Isso significa dizer que, entre esta enormidade assustadora de sites pornográficos, existe uma quantidade limitada – e bastante limitada – de tipos de pornografia. Conquanto se possa distinguir uma série de gêneros da pornografia – interracial, homossexual, com animais, e outras de ainda menor diferenciação – no que tange ao tema central deste trabalho, estas diferenças são insuficientes para designar campos diferentes do fazer pornográfico. De modo geral, todas estas seções da pornografia reproduzem, em maior ou menor grau, mas quase sempre em algum grau, as formações ideológicas que foram analisadas e explicitadas até aqui.

Para a escolha dos sites que ilustram este capítulo, portanto, as características das próprias produções foram levadas em conta, ao invés de um critério geral que resultaria, certamente, numa gama gigantesca de opções. Ou seja, estes critérios têm menos a ver com um recorte específico da temática aqui abordada – pois, como já dito, um número incalculável de sites poderiam cumprir esta função ilustrativa – do que com a própria necessidade de que alguma escolha fosse feita, de que esta quantidade fosse

⁷² <http://www.onlinemba.com/blog/the-stats-on-internet-porn/> [acesso em 12/11/2013]

numericamente delimitada e adequada à realização do trabalho. A insistência nestas ressalvas é importante para que não reste dúvida a respeito da ampla generalidade do que foi descrito aqui em relação à produção de pornografia no mundo contemporâneo.

4.1 – Backroom Casting Couch

O site *Backroom Casting Couch* é apresentado a seus usuários com uma imagem fictícia de um anúncio de testes para modelos. O cartaz, afixado em uma porta identificada com o nome e a logomarca do site, diz "procura-se modelos de nu; estamos contratando modelos para a indústria adulta. Ganhe até \$5000 por dia". Se o usuário decide entrar no site – há um botão para continuar e outro para sair da página – ele é encaminhado para a interface principal do site. Nesta área, o usuário encontra intermináveis linhas formadas por 4 imagens de mulheres e seus respectivos nomes. Cada uma dessas imagens corresponde a um vídeo. Acima dos vídeos, no topo da página, há um banner que mostra um homem sentado à mesa de um escritório comum. Diante dele há um sofá e, sobre sua mesa, uma câmera de vídeo ligada, apontada para este sofá. Sobre a imagem, há o seguinte texto:

Backroom Casting Couch é um site sobre interações da vida real que ocorrem durante entrevistas de modelos de conteúdo para adultos. Nós filmamos meninas chupando, fodendo, engolindo e levando na bunda só para arrumar um emprego. Eu contrataria todas elas, no entanto eu não sou um agente de talentos... e não há nenhum trabalho para modelos.⁷³

A escolha do site *Backroom Casting Couch* foi determinada pela aparente franqueza com que ele ilustra uma das hipóteses centrais deste trabalho, a de que, na pornografia contemporânea, não é sexualidade, mas a exploração que exerce o papel principal na excitação sexual dos seus espectadores. A exploração é a tônica midiática da pornografia.

De fato, nos vídeos do *Backroom Casting Couch* não há qualquer espaço para a sexualidade. Trata-se de filmes onde mulheres são supostamente entrevistadas para

⁷³ Backroom Casting Couch is a website about the real life interactions that occur during adult modeling interviews. We film girls sucking, fucking, swallowing and taking it in the ass just to land a job. I would hire them all, however I'm not a talent agent... and there is no modeling job. [tradução minha]

entrarem no mundo da pornografia. Um homem de quem nunca se pode ver o rosto – ele é esfumado por algum efeito de edição das imagens – recebe em seu escritório meninas interessadas em trabalhar como atrizes pornográficas. Os vídeos têm sempre o mesmo roteiro, com diferenças meramente incidentais: ele começa fazendo algumas perguntas às mulheres, que têm sempre entre 18 e 21 anos, depois pede a elas que tirem as roupas e depois eles fazem sexo. Em alguns casos, as mulheres oferecem alguma resistência, mas a argumentação do homem acaba por convencê-las a realizar o que ele pede.

O ambiente é o mais higiênico e menos sexualizado possível. O escritório é formado por uma mesa de madeira com um computador sobre ela, um sofá preto onde as meninas se sentam para serem entrevistadas, paredes e persianas – sempre fechadas – brancas, um tapete preto ao chão. Não há qualquer história ou roteiro e nenhuma alusão a componentes de sensualidade. Este site, especificamente, induz um elemento de realidade às suas narrativas, que retira completamente qualquer discussão a seu respeito do campo da fantasia – o que é via de regra evocado para relativizar o caráter opressivo da pornografia como um todo. O argumento da fantasia – de que a pornografia não trata de realidades, mas de ficções fantasiosas e consensuais – não é aplicável a este site (e é importante assinalar que ele é apenas um exemplo de um gênero que parece estar em crescimento dentro da indústria).

As mulheres que aparecem na lista do *Backroom Casting Couch* são, todas elas, iludidas por uma suposta oferta de emprego na indústria pornográfica, e o site exalta orgulhosamente o fato de que elas estão sendo enganadas: "não há nenhum trabalho de para modelos".

Estas características são certamente suficientes para atestar a primazia da exploração sobre a sexualidade na função da excitação nestes vídeos. O usuário deste site não o procura para ver cenas sexualmente sugestivas – do contrário estaria atraído por outros sites que, embora não subvertam a lógica da exploração e da opressão, formalmente são mais generosos com o componente propriamente sexual de seus vídeos. Uma análise mais detalhada dos vídeos, contudo, ratifica ainda mais esta hipótese.

O vídeo chamado Kinley⁷⁴, aparente na interface principal do site quando da visita e escolhido aleatoriamente, possui a seguinte descrição:

⁷⁴ Disponível em <http://static.backroomcastingcouch.com/2/kinley.html> [acesso em 15/12/2013]

Kinley, de 18 anos, nos conta que está aqui porque ela fode com muitos rapazes e todos eles dizem que seu sexo é ótimo (mas ela diz que não é uma puta...). Então se tornar uma estrela pornô é logicamente o próximo passo. Embora ela esteja terrivelmente hesitante só para tirar suas roupas e não queira chupar meu pau para a 'gravação de demonstração' no início (mas não temam - "\$1000 a \$5000 por dia" realizam o truque), uma vez que ela o fez, ela no máximo medíocre. Ela tem medo do anal. Então estou duvidando das suas historinhas. Então, por mentir sobre suas façanhas sexuais, eu faço ela lambar seus próprios fluidos vaginais do meu pênis. Eeewww! Depois eu convenci ela a fazer o anal e enfiei uma garrafa de lubrificante na sua vagina, e meu pau na sua bunda. Depois do dolorido massacre anal eu dobrei-a sobre o sofá e atirei meu esperma dentro dela durante o mais longo orgasmo que eu já tive. Eu lancei meu tiro de porra no seu corpo e na sua cabeça. Não que isso importe, realmente não há muito mais aqui. Não é a última bolacha do pacote, mas é super gostosa. E fez tudo o que queria que ela fizesse.⁷⁵

O próprio texto que descreve o vídeo é sintomático para ilustrar as afirmações que vêm sendo feitas até aqui. Nele se pode notar a tônica exploratória sobressaindo-se à sexualidade e uma série de outras características da pornografia moderna. Em primeiro lugar, a menina é taxada de "puta" porque tem relações sexuais constantes com outros homens – e quem lhe atribui a pecha, ironicamente, é um homem que aparentemente ganha a vida transando com diversas mulheres. Depois, o texto demonstra a fragilidade do argumento do consexntimento – analisado quando da definição de pornografia, no primeiro capítulo deste trabalho – quando diz que a menção ao dinheiro que a atuação pode render é um 'truque' altamente convincente. Então, a descrição mostra que o entrevistador pune a mulher por sua hesitação em realizar sexo oral, utilizando inclusive uma interjeição. Depois, a se julgar pelo texto, a

⁷⁵ 18 year old Kinley tells us she's here because she fucks so many guys and all of them tell her how great of a lay she is (But she says she isn't a slut...). So becoming a pornstar is the logical next step. Yet she's awefully hesitant just to take off her clothes and doesn't want to suck my cock for the "demo tape" at first (but fear not - "\$1000-\$5000 per day" does the trick), once she does, she's mediocre at best. She's afraid of anal. So I'm doubting her little stories. So just for lying about her sexual exploits I make her lick off her own pussy juices from my dick. Eeewww! Then I talk her into anal and shove a bottle of lube up her pussy, and my cock in her ass. After the painful anal massacre I bend her over the couch and shoot my sperm inside her during the longest orgasm I've ever had. I swear my jizz shot through her body and into her head. Not that it matters, really not much else there. Not the brightest in the bunch but super fucking hot, and did everything I wanted her to. [tradução minha]

mulher é humilhada com um lubrificante introduzido em sua vagina enquanto é penetrada no ânus – depois de algum trabalho de convencimento. No final, o homem ejacula sobre ela – o que aquele ator e produtor Bill Margold considera a maior violência da pornografia. Já no encerramento, apenas para constar, o texto faz finalmente uma menção sexualizada ao belo corpo da mulher, mas não sem dizer que ela não é nenhuma maravilha. Isto tudo está, é claro, coroado pela informação privilegiada que o usuário detém: a menina está sendo enganada.

Os vídeos do *Backroom Casting Couch* podem ser acessados mediante o pagamento de 24,95 dólares mensais. No entanto, vários sites que funcionam como repositórios de vídeos pornográficos replicam estas produções de forma gratuita – ou como forma de propaganda para os próprios produtores ou de maneira ilegal. O vídeo Kinley, por exemplo, pode ser encontrado no site *Red Tube*⁷⁶. As imagens não diferem muito da descrição oferecida, mas alguns detalhes são dignos de nota.

A cena de sexo anal, em que o frasco de lubrificante é previamente introduzido na vagina da mulher, é precedida por imagens em close do homem introduzindo um dedo no ânus da mulher ao mesmo tempo em que explica a ela, como numa conversa informal, que a sensação do dedo pode parecer estranha mas que não é preciso temer, nada acontecerá com ela. Ao retirar seu dedo, ele aplica o líquido lubrificante e ela diz estar assustada. Ele responde que muitas meninas ficam assustadas na primeira vez e em seguida pede a ela que coloque a tampa no frasco de lubrificante – para que ele possa ser introduzido na sua vagina, mas ela ainda não sabe disso. Ela enrosca a tampa no frasco e o coloca sobre a mesa. O homem pega o frasco fechado e avisa: "isso vai parecer estranho, está bem?". As cenas são intercaladas entre o close da vagina da mulher, que está debruçada sobre a mesa, e o seu rosto, que é filmado com uma câmera parada que capta exclusivamente suas expressões faciais. Quando ele começa a introduzir seu pênis no ânus da menina, ele manda ela olhar para a câmera. Neste momento, a tela é dividida verticalmente: na esquerda, um close do pênis sendo introduzido através de uma câmera que o homem tem na mão; na direita, a expressão facial da menina. Toda esta cena dura, aproximadamente, quatro minutos. Quando a penetração está em curso, ele pergunta como ela se sente sendo penetrada no ânus com o frasco na vagina e ela diz: "não muito bem".

⁷⁶ Disponível em: <http://www.redtube.com/611478#t=0> [acesso em 15/12/2013]

Os vídeos do site são todos muito parecidos – têm o mesmo jogo de câmeras, o rosto do homem esfumado durante os poucos segundos em que seu corpo aparece, as expressões faciais das mulheres são extremamente valorizadas, o ambiente é sexualmente neutro, as conversas são instrumentais e não sensuais, as telas são divididas para demonstrar os sentimentos simultaneamente às experiências sexuais. São absolutamente padronizados e formulaicos. As expressões faciais também merecem algum comentário: elas são, sempre, de óbvio desconforto por parte das mulheres – o que parece ser o efeito desejado, tanto por produtores quanto por consumidores.

Finalmente, o caráter do site está explicado por um aviso de alerta legal apresentado quando do primeiro acesso de algum usuário. Ele diz

O seguinte material contido neste site é material adulto não violento com situações de sexo explícito. A assistência, a posse, a venda ou distribuição para menores é contra a lei. Exercendo nossos direitos da primeira emenda, esse material foi realizado por adultos, e é destinado APENAS para adultos que querem assisti-lo. É ilegal se o mencionado material for ilegal, proibido ou possa violar os padrões da comunidade onde você está vendo o dito material. O material a seguir representa cenas atuadas, roteirizadas e fictícias de relações sexuais de adultos. Todos os atores neste material são destinados a serem representados e são entendidos como adultos totalmente conscientes que atuam por espontânea vontade. Este material é utilizado para servir como um registro visual dos métodos de relações interpessoais e sexuais. No entanto, tenha em atenção que estas cenas fictícias nem sempre exibem sexo seguro, ou toda a gama de emoções da vida real e relacionamentos. Além disso, este material foi criado para informar os telespectadores da ampla gama de relacionamentos adultos. Apresenta-se a idéia de que estes são aspectos importantes de relacionamentos adultos e que a conduta sexual é agradável em várias formas de expressão.⁷⁷

⁷⁷ The following material contained in this website is non-violent adult material containing sexually explicit situations. Viewing by, possession of, sale or distribution to minors is against the law. Exercising our first amendment rights, this material has been made by adults, and is intended ONLY for adults who wish to view it. It is unlawful to continue if the fore mentioned material is illegal, outlawed or may violate community standards where you are viewing said material. The following material represents staged, scripted, and fictional accounts of sexual relationships of adults. All performers in the following material are intended to be portrayed and understood as fully consenting adults that are performing of their own free will. This material is meant to serve as a visual record of the methods of interpersonal and sexual relationships. However, please note that these fictional accounts do not always exhibit safe sex, or the full range of real life emotions and relationships. Moreover, this material is created to inform viewers of the wide range of adult

As câmeras filmando as expressões faciais são uma verdadeira denúncia e, ao mesmo tempo, uma flagrante contradição a respeito do conteúdo do site. A mera observação deixa absolutamente claro que as mulheres que participam dos vídeos não têm nenhuma ideia do que vão fazer quando chegam ao local das entrevistas. Elas certamente não conhecem a mentira que está por trás das cenas que vão protagonizar, e a prova disso é que em vários casos são convencidas com os argumentos dos rendimentos futuros, ou de que os grandes produtores não gostam de atrizes que se negam a determinadas práticas, ou que chorar não ajudará na escolha delas – na verdade, como exalta o site, não existe ali nenhum teste.

Isso significa também que as cenas não são ficcionais, e isto é de enorme importância para delimitar um campo da crítica pornográfica, uma vez que afasta qualquer possibilidade da contrargumentação – extremamente comum – baseada no discurso da fantasia. Para as mulheres que participam especificamente das produções deste site, não há nenhuma fantasia. Há, sim, a exploração sexual de seus corpos e a exploração social de seu trabalho, somadas à exposição exploratória a que são submetidas através deste jogo mentiroso.

É provável, por questões legais, que depois de praticarem os atos sexuais, elas sejam confrontadas com a verdade e assinem algum termo que ateste a veracidade das informações prestadas pelo site, mas isso certamente se dá *a posteriori*. Do contrário, seria preciso acreditar que todas as meninas que tomam parte nas produções deste site – e elas são centenas – são excelentes atrizes, que conseguem simular emoções e sensações de maneira que causaria inveja aos mais veteranos atores do cinema hollywoodiano.

Este questionamento, contudo, perde sua pertinência quando se tem em conta a intencionalidade da produção que, em seu estatuto, admite querer vender imagens de mulheres sendo exploradas e enganadas, seja fictícia ou verdadeiramente. Para a discussão a respeito da imagem promovida pela pornografia a respeito da mulher, esta não é exatamente uma questão de primeira importância teórica – é claro que do ponto de vista do humanismo ela é fundamental. O certo é que, no final das contas, o consumidor

relationships. It presents the idea that these are important aspects of adult relationships and that sexual conduct is enjoyable in various forms of expression. [tradução minha] - disponível em <http://www.backroomcastingcouch.com/> [acesso em 11/12/2013]

retira o prazer exatamente deste caráter exploratório, seja consentido pelas atrizes ou não.

Os produtores e idealizadores do *Backroom Casting Couch* aproveitam-se de uma realidade dura e de um mundo de valores invertidos para enriquecer. Eles fazem das meninas uma *commodity* extremamente valiosa e ignoram as subjetividades que tomam parte naqueles processos de recrutamento. Contam, para isso, com a ideologia dominante:

Adolescentes, por definição, estão provando identidades para ver qual delas serve. Eles procuram maneiras de estar no mundo que façam sentido para o que eles são o para o que elas querem ser. Desde que a identidade mais visível para uma mulher jovem é uma que a enfatiza como um ser sexual em detrimento de qualquer outra coisa, então fazer sexo diante das câmeras é uma maneira mais de expressar quem você é.⁷⁸ (DINES, 2010: p. 33)

Contam também, com a própria pornografia e com a crise econômica capitalista:

[...] é interessante ver que ele [um usuário anônimo de um site pornográfico] identificou uma das maiores contribuições de [Jenna] Jameson à pornografia – sua capacidade de atuar como uma ferramenta de recrutamento. Antes de Jameson não havia nenhuma mulher na pornografia que tinha um estilo de vida que era de alguma forma desejável. A sordidez, juntamente com a baixa remuneração e as condições abusivas, não pareciam muito invejáveis, mas hoje, como a cultura se torna mais pornografizada e empregos bem remunerados se tornam coisa do passado para muitas mulheres da classe trabalhadora, a vida de Jameson de fato, parece convidativa.⁷⁹ (Ibidem: p. 40)

⁷⁸ Adolescents, by definition, are trying on identities to see which one fits. They are seeking out ways of being in the world that make sense for who they are and who they want to be. Since the most visible identity on offer for a young woman is one that emphasizes her as a sexual being to the exclusion of anything else, then performing sex on camera becomes one more way to express who you are. [tradução minha]

⁷⁹ [...] it is interesting to see that he has identified one of Jameson's biggest contributions to pornography – her ability to act as a recruitment tool. Before Jameson there was no woman in porn who had a lifestyle that was in any way desirable. The sleaze factor, together with the low pay and abusive conditions, did not seem very enviable, but today, as the culture becomes more pornographized, and as well-paid jobs become a thing of the past for many working-class women, Jameson's life does indeed look inviting. [tradução minha]

Para além dos benefícios aos produtores – que não devem ser compreendidos em sua especificidade, mas em sua generalidade – esta proposição de Gail Dines demonstra também, categoricamente, o corte de classe na questão da representação de gêneros operada pela pornografia. É realmente razoável supor, diante desta argumentação, que meninas de classes baixas estão muito mais sujeitas ao trabalho na pornografia do que aquelas que não passam por problemas financeiros.

A análise de um site inteiro a partir de um filme poderia parecer estranha se não estivesse rigorosamente explicada e justificada no próprio caráter da indústria pornográfica. Cada vídeo é demonstrativo de toda a produção porque encarna, em si, toda a ideologia de que é fruto, todas as características e marcas formais das suas representações, e porque é mera mimese de uma fórmula rígida e pré-estabelecida. O site *Backroom Casting Couch* é uma perfeita ilustração da indústria pornográfica como um todo.

4.2 – Mofos

O site Brazzers.com é uma produtora de vídeos pornográficos canadense criada em 2007, e que hoje reúne, sob seu selo, trinta e uma páginas filiadas de pornografia classificada como *hardcore*. A rede, criada por amigos universitários, tornou-se conhecida por modificar a cara da pornografia de internet, uma vez que imprimiu à indústria pornográfica uma estética própria, especialmente com o ressurgimento dos implantes de silicone nos seios, segundo afirma Lux Alptraum, editor do site especializado em pornografia *Fleshbot*.⁸⁰

Estimativas do site Alexa, que afere diariamente a popularidade dos sites da internet através da análise de seus dados de navegação, demonstram que o Brazzers está entre as mil páginas mais acessadas de toda a rede.⁸¹

Com o crescimento absolutamente inesperado do site dois anos após o seu lançamento, os produtores resolveram lançar uma página paralela, onde poderiam experimentar ainda mais suas fórmula que vinham fazendo sucesso. Para isso, criaram o Mofos, que apresentava meninas menos conhecidas que as já famosas atrizes do

⁸⁰ Disponível em <http://nymag.com/news/features/70985/index1.html> [acesso em 22/12/2013]

⁸¹ Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/brazzers.com> [acesso em 22/12/2013]

Brazzers, e que aceitavam fazer coisas ainda mais extremas. Hoje, o Mofos também se tornou uma rede de diversos sites, com algumas temáticas diferentes.

A descrição do site principal, que abrange todos os outros, define bem quais são os objetivos do Mofos:

Você estava esperando por um site que te desse meninas amadoras e não descobertas que você nunca viu antes? Talvez essa puta peituda universitária que se mudou para a casa ao lado, ou que tal a nova secretária do seu escritório com essa incrível bunda apertada... ela está solteira, onde ela se diverte, é ela chupando o pau daquele cara no vídeo? Entre no Mofos.com e você pode descobrir!⁸²

De fato, a tônica do Mofos são seus vídeos supostamente amadores, realizados com mulheres também supostamente amadores. Ao contrário do Backroom Casting Couch, no entanto, nos vídeos desta produtora é claramente perceptível que, na verdade, as mulheres são atrizes profissionais pagas para atuar como se não o fossem. Isso, nunca é demais repetir, não é suficiente para modificar significativamente o caráter do site na análise que está sendo feita a seu respeito. O importante é ter em conta que os usuários desta página a procuram em busca de mulheres e narrativas aparentemente amadoras.

Alguns dos sites do Mofos possuem descrições que são bastante ilustrativas e pertinentes ao objeto aqui proposto. Por exemplo, a página *Let's try anal: first time ass fucking!* é descrita da seguinte maneira:

Este não é apenas um outro site de anal! Letstryanal.com mostra cenas picantes e reais de garotas amadoras e suas primeiras experiências de anal. Assista a tudo... namoradas inocentes sendo convencidas a tentar o anal, seus rostos de dor e seus gritos enquanto imploram a seus namorados para "por favor, vá mais devagar" à medida que um grande pau penetra suas bundas apertadas pela primeira vez! Encaremos isso, não há nada como ver um pau desaparecer em um cu virgem. Isso é tão excitante!⁸³

⁸² Have you been waiting for a site that gives you real, undiscovered amateur girls that you never seen before? Maybe it's that busty college whore that moved in next door, or how about the new secretary at your office with that incredibly tight ass...is she single, where does she party, is that her sucking that guys cock on video? Step inside Mofos.com and you might just find out! [tradução minha] - Disponível em <http://www.mofos.com/> [acesso em 22/12/2013]

⁸³ This isn't just another anal site! Letstryanal.com features the hottest real footage of amateur girls and their first time ass fucking experiences. Watch it all... innocent girlfriends being convinced to

Outro site filiado ao Mofos, o *Public Pickups*, tem a seguinte descrição:

Confira as cenas mais quentes de meninas jovens pegadas e fodidas em público! As meninas são normalmente tímidas com os rapazes se aproximando com uma câmera, mas essa é a parte mais divertida. Além da sua timidez gradualmente desaparecer depois que o dinheiro é oferecido para que elas se sujeitem. Ao mesmo tempo em que é excitante ver as meninas se mostrando e sendo abusadas em público... o mais excitante é assistir a elas sendo fodidas em todo lugar... carros, parques, clubes e até na biblioteca!⁸⁴

Já o site *Real Slut Party* – cujo título faz referência a prostitutas – é assim descrito:

Quer ver as mais incríveis festas universitárias por todo o país? Esse é o negócio, tudo capturado em vídeo e submetido por você! Loucura universitária, festas caseiras cheias de xoxotas, orgias de fim de semana, churrascos no jardim que dão errado e centenas de garotas amadoras apertadas ficando loucas, despidas e a espreita por todos os paus que elas podem encontrar!⁸⁵

Há também o site *I Know That Girl*, cuja descrição é:

Cada menina gostosa que você nesse site é 100% real! Elas são parte do maior site de vídeos amadores submetidos por usuários do mundo... IKnowThatGirl.com! Namoradas jovens e gostosas sendo abusadas nas câmeras, chupando e fodendo, e até

try anal, their faces of pain and screaming as they beg their boyfriend to "please go slower" while a large cock penetrates their tight asses for the first time! Let's face it, there is nothing like seeing a cock disappear in a virgin asshole. It's so hot! [tradução minha]

⁸⁴ Check out the hottest REAL footage of young girls getting picked up and fucked in public! The girls are usually shy around guys approaching them with a video camera, but that's the fun part. Besides their shyness slowly disappears after they're offered money to get dirty. While it's a real turn on seeing the girls flash and get fondled in public... the hottest part is watching them get fucked everywhere...in cars, parks, clubs, even the library! [tradução minha]

⁸⁵ Wanna see the most mind blowing college sex parties from across the country? It's the real deal, all caught on video and submitted by you! Insane college craziness, pussy packed house parties, holiday orgies, backyard BBQ's gone wrong and hundreds of tight, amateur girls going crazy, stripped down, and on the prowl for all the cock they can find! [tradução minha]

enfiando vibradores nas suas xoxotas apertadas, tudo filmado em vídeos caseiros e disponibilizados para nós por algum perdedor, que logo será ex-namorado ou antigo melhor amigo! Bem... Aproveite!⁸⁶

Exemplos como estes, dados acima, não faltam, seja no Mofos ou no seu site parental, o Brazzers. As descrições dão conta de ilustrar várias das características identificadas neste trabalho que são comuns às produções pornográficas comerciais – e que, portanto, também tornam as produções do Brazzers bastante semelhantes às produções do *Backroom Casting Couch* e a quase totalidade dos outros sites/produtoras da pornografia comercial. Os vídeos refletem as intenções dos produtores que estão, por sua vez, baseadas nos gostos e predileções dos usuários – o que é aferido através dos níveis de audiência.

Então, os gritos e as expressões de dor das atrizes, sejam eles simulados ou reais, são de grande importância na hierarquia dos componentes excitantes das produções do *Let's try anal*. Isso não deve, à luz de toda a discussão feita até aqui, parecer minimamente surpreendente. Segundo o próprio site, é preciso encarar isso – sugerindo implicitamente que é necessário passar por cima de qualquer complexo de culpa ou qualquer obstáculo subjetivo à obtenção do prazer através destas imagens: não há nada como ver o sofrimento destas mulheres com sua primeira experiência de sexo anal, por mais que elas não gostem disso. É digna de nota, também, a alusão à inocência das mulheres que, supostamente, não são atrizes. Isto torna, nesta lógica da exploração, as cenas ainda mais valorosas do ponto de vista da excitação.

Ou, por outro lado, os vídeos demonstram a importância do critério econômico na participação das mulheres. O fato de que elas precisem do dinheiro, a ideia de que elas tenham que fazer uma difícil escolha entre não 'se sujar' ou ter o dinheiro, é realmente importante para a excitação do espectador nesta lógica exploratória da pornografia. Esse jogo de cena do pagamento instaura, para o espectador, a nítida noção de que a mulher representada ali está praticando sexo a contragosto, está sendo de alguma maneira obrigada a participar. A dinâmica do flerte, do convencimento, da negação e da subsequente aceitação, é muito importante para o desenvolvimento da

⁸⁶ Every single gorgeous girl you see on this site is 100% Real! They are all part of the biggest user submitted, amateur video site in the world...IKnowThatGirl.com! Hot young girlfriends getting kinky on camera, sucking and fucking, even stuffing dildos up their tight pussies, all filmed on home video and leaked to us by some lowlife, soon to be ex-boyfriend or former best friend! Oh well... Enjoy! [tradução minha]

excitação nos espectadores moldados por esta pornografia. Adicione-se ainda o fato de que, especificamente no caso do *Public Pickups*, as cenas são retratadas em locais públicos, o que torna todo o 'enredo' ainda mais dramático.

Há ainda a referência depreciativa às mulheres que praticam o sexo, embora as orgias e as festas retratadas pelo *Real Slut Party* sejam frequentadas também, e por óbvio, pelos homens. Além disso, é flagrante o reforço da ideia de que as mulheres estão sempre buscando o sexo e, por isso devem ser chamadas de vadias ou coisa que o valha.

Por último (nos exemplos que foram aqui selecionados, mas não esgotando, obviamente, todos os problemas dos sites em questão), esses vídeos tiram proveito de seu caráter supostamente amador, ampliado pela criação da atmosfera da traição. As mulheres do *I Know That Girl* são, segundo a descrição, pessoas normais que aceitaram filmar suas relações sexuais e, por razões que não interessam, acabaram sendo expostas neste site pelas próprias pessoas que deixaram filmá-las. O fator da exposição indesejada, que acontece sem o consentimento da mulher e por obra de alguém que a prejudica, é importantíssimo na dinâmica da excitação.

Não se deve deixar passar em branco, a propósito, os cada vez mais recorrentes casos de mulheres que têm vídeos íntimos divulgados por seus namorados em redes sociais. Dois destes episódios, ocorridos recentemente, ficaram bastante conhecidos no Brasil. E um dos casos, a menina desabafou nas redes sociais e cometeu suicídio. As relações entre os sites aqui analisados e episódios como estes, embora não possam ser tratadas como unívocas e exclusivamente determinadas, tampouco podem ser ignoradas. Pelo contrário, parece razoável supor que a atmosfera do amador, promovida pelo Mofos, por exemplo, seja de grande encorajamento para que jovens repitam esta prática.

5. Considerações Finais

Nunca será possível direcionar uma crítica completa à pornografia. A própria história do termo – verdadeira arena de disputa político-social através dos tempos – é capaz de ilustrar a incapacidade da linguagem de, em apenas um termo, dar conta de tudo o que a palavra pornografia pode denotar. Esta ressalva é extremamente pertinente por alguns motivos: primeiro, ela extingue qualquer pretensão ou anseio de abarcar, em uma única crítica, toda a pornografia e todas as questões que dela decorrem; depois, ela justifica e dá razão ao grande esforço de definição empenhado no início deste trabalho. Embora o fruto deste empenho seja efêmero – já que a definição tem a ver com a estrutura social vigente no mundo – ele é fundamental para recortar e respaldar o objeto criticado aqui. Apesar de ser, este recorte, ilustrativo da esmagadora maioria do material pornográfico produzido atualmente, nem por isso ele deixa de especificar apenas e tão somente um tipo específico de pornografia – não é demais ratificá-lo ainda outra vez.

Por último, e mais importante, aquela ressalva, aliada a toda a análise desenvolvida até aqui, permite que se afirme categoricamente que a pornografia contemporânea, ou ao menos grande parte dela, de fato promove – através de várias vias e maneiras – a opressão simbólica e material da mulher. Conforme atesta Soble,

O tema principal da pornografia como gênero é o poder masculino, sua magnitude, seu uso, seu significado. O poder masculino, expresso na e através da pornografia, é discernível em discretas mas entrelaçadas tensões: o poder de si, o poder físico sobre e contra outros, o poder do terror, o poder de nomear, o poder de possuir, o poder do dinheiro e o poder do sexo. Estas tensões do poder masculino são intrínsecas à substância e à produção da pornografia.⁸⁷ (SOBLE, 1986: p. 87)

Diante da gigantesca e multifacetada disputa em torno da pornografia, esta não pode ser compreendida como uma afirmação de menor importância. Ela tem uma série de implicações políticas a respeito da apreciação, seja contemplativa ou crítica, das obras pornográficas contemporâneas. Tudo isto deve, contudo, estar entendido sob o

⁸⁷ The major theme of pornography as a genre is male power, its magnitude, its use, its meaning. Male power, as expressed in and through pornography, is discernible in discrete but interwoven, reinforcing strains: the power of self, physical power over and against others, the power of terror, the power of naming, the power of owning, the power of money, and the power of sex. These strains of male power are intrinsic to both the substance and production of pornography. [tradução minha]

aspecto fundamental da disputa de gêneros: o fato de que esta é, na verdade, uma forma particular do conflito entre classes sociais. De fato,

Os homens, enquanto gênero, não retiram da exploração da mulher grandes vantagens. Pelo contrário, ao promover o machismo, enfraquecem uma parcela grande da resistência aos modos de vida impostos pelo capitalismo. A opressão da mulher, em última análise, vem beneficiar as classes favorecidas, porque desta exploração retiram mais lucros e fundamentalmente porque, através da promoção da opressão na sociedade, dividem as classes baixas entre homens e mulheres e fragmentam os movimentos de emancipação das classes trabalhadoras. (DAU, 2011: p. 42)

A análise da pornografia pelo prisma da ideologia e das relações sociais que nela estão implicadas – influenciadas por ela ou influenciando-a – também faz saltar aos olhos uma operação que parece ser consequência direta da representação pornográfica da sexualidade quando intermediada pelo mercado. A circunscrição das representações do sexo às regras de um enorme mercado competidor, ou em outras palavras, a mercantilização das representações sexuais e a sua inerente necessidade da superação competitiva das formas, parece estar deslocando a essência do ato sexual.

Mesmo sem discutir a envergadura do poder da indústria pornográfica de determinar a sexualidade na esfera social, é razoável postular que a pornografia, enquanto experiência sexual, gera para seu espectador um prazer pela exploração de um parceiro pelo outro – notadamente da mulher pelo homem. A tônica exploratória dos filmes pornográficos realmente parece estar suplantando o componente propriamente sexual. Seria preciso investigar esta suspeita que, apesar de não verificada, parece muito pertinente e está suficientemente embasada na análise da indústria pornográfica.

Mas, para além disso, é fundamental dar continuidade às afirmações de Soble e compreender que a pornografia vai muito além da simples profusão de discursos sobre a mulher ou sobre os gêneros. De fato, seria necessário um trabalho de longo tempo e de intermináveis análises para dar conta de explicitar todos os problemas sociais que a pornografia contemporânea engendra. Para além dos desdobramentos do poder masculino, expressos pelo psicanalista, temas como o racismo, a padronização de identidades sexuais, a fixação de padrões estéticos, a pedofilia e a pornografia infantil, a homossexualidade, a violência sexual são apenas alguns exemplos de assuntos que precisariam de uma abordagem profunda e detida em aspectos bastante específicos e

que não puderam ser contemplados aqui. Certamente um estudo desta envergadura não teria, como resultado, um panorama muito diferente do diagnóstico da questão de gêneros na pornografia, dado o contexto sócio-histórico comum – o sistema capitalista desenvolvido – que está na base dos problemas nestas representações.

No entanto, apesar de todas estas características negativas citadas até aqui, é importante estabelecer um ponto de partida teórico-político inegociável quando da crítica à pornografia: é preciso defendê-la, defender sua existência enquanto tal. Esta atitude diante do problema que foi abordado neste trabalho será fundamental para a diferenciação e o descolamento do moralismo reacionário que sempre estará de prontidão para condenar à extinção qualquer concessão ao erotismo, à sensualidade, e, finalmente ao prazer ocioso – incluída aí qualquer expressão pornográfica.

Nunca será demais lembrar que as características apontadas aqui a respeito de um certo tipo de pornografia, conquanto majoritárias e definidoras, elas mesmas, da própria pornografia, não estão na essência desta porção da cultura humana, não são inerentes à produção da sensualidade através da mídia. Ao contrário, esta maneira de se fazer a pornografia é absolutamente circunstancial e determinada pelo estado do mundo tal qual ele é. Como aqui já foi visto, sendo uma expressão da ideologia dominante, a pornografia apenas reitera um mundo de valores invertidos – não é ela, nem objetiva e nem essencialmente, quem inaugura a opressão do gênero feminino, ou a supressão das classes sociais desfavorecidas, ou o funcionamento do sistema capitalista de produção.

Existe, a propósito, uma grande discussão na tradição marxista – uma discussão propriamente relacionada à estética – a respeito da primazia dos fatores materiais na determinação das formas e conteúdos da arte e da cultura – onde se pode, rápida e convenientemente, enquadrar a pornografia. O próprio Marx afirma na introdução dos *Grundrisse*, que "na arte, é sabido que determinadas épocas de florescimento não guardam nenhuma relação com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, portanto, com o da base material, que é, por assim dizer, a ossatura de sua organização." MARX, 2011:p. 62)

Esta concepção a respeito da arte está calcada na correta interpretação do materialismo dialético que não permite teoricamente quaisquer relações unívocas de causa e efeito na realidade – em detrimento do marxismo vulgar que vê no processo econômico o determinante mecânico da ideologia. A este respeito, Engels, em carta a Joseph Bloch, diz que

De acordo com a concepção materialista da história, o fator que em *última instância* determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu jamais afirmamos mais que isto. Se alguém o tergiversa, fazendo do fator econômico o *único* determinante, converte esta tese numa frase vazia, abstrata, absurda. (MARX e ENGELS, 2010: p. 103)

Esta concepção é que permite que se diga que "a atividade espiritual do homem dispõe, em todos os seus campos de atuação, de uma determinada autonomia relativa; e isso diz respeito sobretudo à arte e à literatura." (Ibidem: p. 15) León Trotsky, confrontando as escolas de crítica marxistas e as não marxistas na Rússia bolchevique também fez uma afirmação contundente a respeito do tema, dizendo que a arte tem um algo grau de autonomia e não está sujeito ao modo de produção de maneira par a par. (TROTSKY apud EAGLETON, 2013)

Isto é o mesmo que dizer que na produção das artes e da cultura, os autores, compositores, criadores são capazes de, em alguma medida, se distanciar e se desprender das objetivações operadas na realidade pela ideologia – operações que são, ao mesmo tempo, investidas na concepção desta mesma ideologia. Suas obras, portanto, em alguns casos, são parcialmente imunes aos efeitos que a realidade material, a cultura pré-existente, a política e as estruturas sociais e produtivas exercem sobre o conjunto da superfície social.

Toda esta discussão, contudo, não se aplica em nenhuma medida ao recorte da pornografia com que se trabalha aqui. Talvez seja possível afirmar que a pornografia contemporânea está integralmente marcada pela práxis reiterativa ou imitativa, identificada por Sánchez Vázquez – o que já foi anteriormente discutido neste trabalho. De fato, na produção da pornografia comercial recortada aqui, não há nenhum espaço para a expressão da consciência no processo de produção, há um divorciamento total do objetivo e do subjetivo e uma burocratização da forma, que se torna, ela mesma, em conteúdo - um conteúdo justamente formulaico.

Na práxis imitativa o campo do imprevisível estreita-se. O ideal permanece imutável, pois já se sabe de antemão, antes do próprio fazer, o que se quer fazer, e *como* fazê-lo. A lei que rege o processo prático já existe, de forma acabada, anteriormente a esse processo e ao produto em que culmina. Enquanto na práxis criadora cria-se também o modo de criar, no fazer prático imitativo ou reiterativo

não se inventa o modo de fazer. Seu modo de transformar já é conhecido, porque já foi criado antes. Sobram portanto, pouca margem para o improvável e o imprevisível, posto que o planejamento e a realização se identificam. (VÁZQUEZ, 2011: p. 277)

Será possível afirmar, portanto, dadas suas qualidades e características, que na pornografia comercial, o ideal é a *própria* ideologia. Uma defesa consequente da pornografia, é claro, não pode se furtar a esta compreensão.

Fica então clara a necessidade premente de que se tome grande cuidado com o tipo de defesa e crítica que se pretende fazer. Há, na relativamente escassa literatura a respeito do tema, uma série de teorias que jogam grande esperança na superação desta condição pornográfica na própria pornografia, na subversão dos valores retrógrados no próprio campo da realização pornográfica, o que supostamente a livraria de seu padrão opressor. Termos como *pós-pornô* e *pornoterrorismo* entram em cena para postular a criação de uma política sexual inovadora e revolucionária através do fazer pornográfico.

Obviamente não se pode negar sumariamente a validade de tais tentativas, mas elas estão, muitas vezes, presas a uma compreensão abstrata da pornografia, em desconexão com o mundo em que ela é produzida – uma desconexão que estará perfeitamente explicada no descolamento entre a produção pornográfica e a ideologia geral que rege a sociedade.

É preciso que se compreenda, em qualquer disputa pela liberdade das potencialidades humanas – e no caso da crítica à pornografia, trata-se exatamente disso – que será indispensável subverter a ordem capitalista instaurada no mundo para atingir estes objetivos. Para superar a opressão feminina, para alcançar a liberdade sexual, para extinguir a objetificação dos corpos e dos desejos, para instaurar a igualdade de gêneros; quaisquer destas tarefas pressupõem a transformação radical da sociedade. Especificamente no caso dos valores que a pornografia comercial transmite, será condição *sine qua non*, para a superação da sociedade patriarcal, o colapso da estrutura da divisão sexual do trabalho e a própria estrutura produtiva.

Em outras palavras, nenhuma liberdade será alcançada apenas através da luta no interior da pornografia. Ou ainda, concedendo-se um exercício de abstração – pois a compreensão histórico-materialista do processo da ideologia encontra nesta hipótese a expressão de uma impossibilidade: no limite, uma suposta representação horizontal e igualitária dos gêneros na pornografia não seria capaz de modificar substancial ou

sensivelmente a estrutura social – e portanto não seria capaz de subverter a própria pornografia. Daqui infere-se que a crítica ao fazer pornográfico não pode se deter no nível das formas – esta ou aquela maneira de representar o sexo. Ela deve, para que seja efetiva, para que realmente coloque em crise a pornografia, reportar-se à raiz do problema, ser radical na identificação do sistema capitalista como o principal responsável pelas inversões ideológicas que a mídia, de maneira geral, opera.

Estas interpretações são, na verdade, mais uma expressão de um equívoco bastante comum entre aqueles que se interessam pelo tema da pornografia: a sua separação estanque do mundo que a cerca e no qual ela se estabelece. As interpretações pós-modernas no campo da cultura realmente permitem que se aproxime desta maneira da pornografia. É característico, aliás, do pós-modernismo, a concessão à crítica formal e dissimulada aos pressupostos capitalistas que, invariavelmente, leva à conclusões encerradas em si a respeito das disputas ideológicas: embora se possa admitir que há algo de errado na pornografia, a modificação deste paradigma está de antemão impossibilitado pelos limites da própria realidade – a flexibilidade das estruturas, o fim da história, a fragmentação do sujeito; todas estas máximas contribuem para deter o prosseguimento da crítica e a superação dos problemas da sociedade.

As polêmicas e as imprecisões críticas que estas considerações finais tentam demonstrar revelam e são fruto do caráter incipiente do debate acerca da pornografia, inclusive no campo da comunicação. É sintomático, no entanto, que as discussões no interior deste campo do conhecimento sejam marcadas por aquele distanciamento, aqui já referido, entre as produções pornográficas e o resto da mídia, ou em maior medida, do resto da realidade social. Conforme atesta Gail Dines,

Os progressistas têm, por uma boa razão, apontado a mídia como uma das principais formas de (des)educação na era do capitalismo monopolista em que poucas empresas dominam o mercado e usam seu poder econômico e político para entregar mensagens que vendem uma visão de mundo particular, que legitima a enorme desigualdade econômica e social. Mas muitas desses mesmos progressistas argumentam contra a visão de que a pornografia tem um efeito sobre os homens do mundo real, preferindo chamar as feministas anti-pornografia de pensadoras não sofisticadas, que não compreendem como as imagens podem ser divertidas e abertas a inúmeras interpretações. Então, agora estamos em um lugar algo estranho, onde as pessoas que

argumentam que a mídia corporativa tem o poder de moldar, influenciar, manipular e seduzir os espectadores negam simultaneamente que a pornografia tenha um efeito sobre seus consumidores.⁸⁸ (DINES, 2010: p. 87)

É preciso lançar mão de uma certa ousadia teórico-intelectual, e, combatendo esta visão limitada, afirmar que este tipo de pornografia que foi recortado e analisado neste trabalho, esta pornografia que violenta simbólica e materialmente milhões de mulheres e homens pelo mundo – tanto aqueles que participam ativamente quanto aqueles que consomem –, esta pornografia precisa acabar. É fundamental, para tanto, postular um mundo em que este tipo de representação não exista, mas não através da proibição. Antes, é preciso postular um mundo em que isso seja simplesmente inconcebível.

Isto não significa qualquer concessão a um moralismo decadente e conservador que condene o sexo em última análise. Ao contrário, significa a identificação integral com a moral humanista que deve, condenando qualquer forma de opressão, reger a produção humana em geral – cultural, política, econômica. A pornografia de que se tratou até aqui, é uma expressão qualificada da degenerescência de um mundo doente. Mas isto não deve servir para negá-la. É preciso compreender suas potencialidades, suas capacidades de desenvolvimento das relações humanas e, criticando-a, reservar-lhe o lugar privilegiado de expressão social da sexualidade, retirando-lhe o papel a que ela, hoje, circunstancialmente se presta.

Esta tarefa deverá ser levada à cabo em conjunto com a supressão das formas contemporâneas de aprisionamento dos homens. Se há alguma esperança em um futuro de valores diferentes, é possível acreditar que quando o ato de possuir não fizer mais sentido, as relações humanas, sexuais ou não, deverão ser repletas com outros valores que não os de posse e de dominação. A pornografia de então, que precisará ser novamente redefinida, poderá, como reflexo de uma outra sociedade, expressar estes novos valores.

⁸⁸ Progressives have, for good reason, singled out the media as a major form of (mis)education in the age of monopoly capitalism in which a few companies dominate the market and use their economic and political power to deliver messages that sell a particular worldview that legitimizes massive economic and social inequality. But many of these same progressives argue against the view that porn has an effect on men in the real world, preferring instead to call anti-porn feminists unsophisticated thinkers who don't appreciate how images can be playful and open to numerous interpretations. So now we are in a somewhat strange place where people who argue that mainstream corporate media have the power to shape, mold, influence, manipulate, and seduce viewers simultaneously deny that porn has an effect on their consumers. [tradução minha]

Bibliografia:

ALTHUSSER, Louis apud PINTO, Milton José. *Comunicação & discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Martins Fontes, 1974.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Cultrix: São Paulo, 2012.

_____. *Mitologias*. Difel: Rio de Janeiro, 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Expressão Popular; 2010.

COUTINHO, Eduardo Granja. "Contra-revolução impressa: jornalismo, reificação e hegemonia". In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Letra Impressa: comunicação, cultura e sociedade*. Rio Grande do Sul: Sulina; 2009.

_____. "Gramsci: a comunicação como política". In: COUTINHO, Eduardo Granja e FREIRE, João. *Mídia e poder*. Rio de Janeiro: Mauad. 2008.

DANTAS, Rodrigo. "Ideologia, Hegemonia e Contra-hegemonia". In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e Contra Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

DAU, Erick. *Mídia Pornográfica e Submissão da Mulher: a reprodução do machismo através do sexo midiaticizado*. Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão de Graduação, ECO UFRJ, 2011.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. "Retratos de uma orgia: a efervescência do sexo no pornô". In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira e FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DINES, Gail. *Pornland: how porn has hijacked our sexuality*. Boston: Beacon Press, 2010.

EAGLETON, Terry. *Marxismo y crítica literaria*. Buenos Aires: Paidós; 2013.

FERGUNSON, Ann. "Sex war: the debate between radical and libertarian feminists". In: *Signs*. Vol. 10, nº 11, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Graal: São Paulo, 2011.

_____. *Microfísica do Poder*. Graal: São Paulo, 1998.

- GREGORI, Maria Filomena. "Relações de violência e erotismo". In: *Cadernos Pagu n° 20*. Campinas: Unicamp, 2003.
- HUNT, Lynn. "Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800". In: *Feminism and Pornography*. New York: Oxford University Press, 2000.
- IANNI, Otávio. "O príncipe eletrônico" In: *Enigmas da modernidade mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 139-166.
- KENDRICK, Walter. *The Secret Museum: Pornography in Modern Culture*. California: University of California Press, 1996.
- LARRAIN, Jorge. verbete "Ideologia". In: *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MACCIOCCHI, Maria-Antonieta. *A Favor de Gramsci*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- MACKINNON, Catharine A. "Not a Moral Issue". In: *Feminism and Pornography*. New York: Oxford University Press, 2000.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MARX, Karl apud LARRAIN, Jorge. verbete "Ideologia". In: *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- MARX, Karl e ENGELS, Fredrich. *Cultura, arte e literatura*. São Paulo: Expressão Popular; 2010.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MARX, Karl. *El Capital: crítica de la economía política – libro III*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1979.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1998.
- _____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial; 2010.
- _____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 - 1858*. São Paulo: Boitempo Editorial; 2011.
- MORAES, Dênis de. "Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci". In: *Revista Debates, vol. 4*. Porto Alegre, 2010.
- PETROVIC, Gajo. verbete "Reificação". In: *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PINTO, Milton José. *Comunicação & discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

RUSSEL, Diana E. H. "Pornography and Rape: a causal model". In: *Feminism and Pornography*. New York: Oxford University Press, 2000.

SOBLE, Alan. *Pornography: Marxism, Feminism, and the Future of Sexuality*. Michigan: Yale University Press, 1986.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WILLIAMS, Linda. *Porn Studies*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

Filmografia:

Pornography: A Secret History of Civilisation. Produção de Fenton Bailey, Randy Barbato e Chris Rodley. Port Washington, NY: Koch Vision, 1999. 1 DVD.